Carlos A. Baccelli – Inácio Ferreira



Do Outro Lado do Espelho

DO OUTRO LADO DO ESPELHO
Inácio Ferreira; psicografado por Carlos Antônio Baccelli.
Votuporanga, SP

Carlos Antônio Baccelli
Inácio Ferreira

Índice
"DO OUTRO LADO DO ESPELHO"

Primeira Parte

1 - REMINISCÊNCIAS
2 - INTROSPECÇÃO INEVITÁVEL
3 - DIÁLOGO FRANCO
4 - VELHOS AMIGOS
5 - ODILON E ALCEU
6 - QUESTIONANDO O IDEAL
7 - MELHORANDO
8 - NOS PAVILHÕES
9 - OUTRAS EXPERIÊNCIAS
10 - FAZENDO O POSSÍVEL
11 - INCAPAZ DE EXPLICAR
12 – SITUAÇÂO CONJUGAL
13 - COM MINHA MÃE
14 - NECESSIDADE DE ESQUECER
15 - NOVA SURPRESA
16 - SEXO
17 - O TEMPO PASSA
18 - VOLTANDO AO SANATÓRIO
19 - MITOLOGIA E REENCARNAÇÀO
20 - PERIGOSOS SOFISMAS
21 - LOBOS E OVELHAS
22 - MAIS TEMPO
23 - COM O DR. BEZERRA
24 - ESCLARECENDO DÚVIDAS
25 - MEDIUNIDADE

Segunda Parte

26 - PAULINO GARCIA
27 - APREENSÃO E EXPECTATIVA
28 - PLANO DE AÇÃO
29 - CONSCIÊNCIA E PASSADO
30 - ESQUECIMENTO
31 - COMENTÁRIOS À MARGEM
32 - PREPARATIVOS INICIAIS
33 - SOBREVIVÊNCIA DA FÉ
34 - ÊXITO APARENTE
35 - A CAMINHO DA CROSTA
36 - SEGUIDOS DE PERTO
37 - PSICOMETRIA
38 - NO INTERIOR DA TERRA
39 - SERES ELEMENTAIS
40 - CENAS DANTESCAS
41 - ETERNA NOITE

42 - A PALAVRA DO DRAGÃO
43 - O RESGATE DE TORQUEMADA
44 - ALCANÇANDO A SUPERFÍCIE
45 - CONSTATANDO A REALIDADE
46 - DOUTRINA E VIVÊNCIA
47 - A FILOSOFIA DAS TREVAS
48 - MEDIUNIDADE NO ALÉM
49 - VENCENDO BARREIRAS
50 - DESPEDIDAS

"DO OUTRO LADO DO ESPELHO"

Do outro lado do Eterno Espelho da Vida, o homem sempre se deparará com a imagem real de si mesmo.
Liberto dos contornos ilusórios da matéria, os seus autênticos traços intelecto-moral se lhe acentuarão no espírito.
A voz da consciência lhe falará sem qualquer subterfúgio e ele não conseguirá, por mais tempo, ignorar a Verdade.
Em vão, no confronto consigo mesmo, intentará subtrair-se à contemplação da própria realidade, que os interesses subalternos e as conveniências o fizeram olvidar.
Ao choque da morte física, ao qual, sem dúvida, se submete incontável número de vezes, ao longo das vidas sucessivas, o homem gradualmente desperta e, aos poucos, começa a se enxergar em sua essência, tomando as rédeas do destino nas mãos.

É longo e íngreme o caminho a ser percorrido.
A obra do aperfeiçoamento íntimo é resultado de esforço intransferível.
Não existem favorecimentos indébitos na Lei de Evolução, que a ninguém isenta da necessidade de aprender à custa da experiência vivenciada.
Este livro, cujas anotações aqui reunimos, sem nenhuma pretensão literária, almeja tão-somente demonstrar que, de fato, a morte nada mais é para o homem que o desdobramento natural da existência humana, não operando milagres de transformação em quem não transpire o suficiente para se renovar à luz do Evangelho do Cristo.
Inácio Ferreira
Uberaba - MG, 12 de outubro de 2001.

REMINISCÊNCIAS

Deixei, por fim, o corpo em conseqüência de grave crise de enfisema pulmonar. O cigarro, ao longo do tempo, fizera o seu trabalho. Haviam sido inúteis todas as minhas tentativas para deixar de fumar. Nos últimos dias, porém, eu nem podia falar em cigarro. Creio que tudo fazia parte de uma preparação para que, além da morte, o desejo de fumar não me atormentasse. Digo-lhes, no entanto, que tive de lutar muito; vezes sem conta levava a mão aos bolsos, procurando os cigarros de palha que costumava guardar no jaleco.
Desencarnar é operação das mais simples; difícil é esquecer os velhos hábitos. Confesso-lhes que, de certa forma, eu me sentia perdido, hesitando entre partir e ficar. Não era tanto apego aos bens, que eu sabia não mais me pertencerem - eu havia me despojado de quase todos eles ainda em vida -, mas a insegurança de quem se sente numa encruzilhada.
Nos momentos de agonia, enquanto tentava respirar com o auxílio do balão de oxigênio, via diversos vultos ao meu lado, semblantes amigos que eu podia identificar; todavia, nos recessos do ser eu me sentia a sós - a sós com o que eu fizera de mim mesmo, ao longo de uma existência que poderia ter sido mais profícua.
Sentindo que não adiantava continuar resistindo, encorajei-me nas preces dos amigos que oravam em silêncio, ao redor do meu leito, e entreguei-me. Pude notar quando os laços que me mantinham preso ao corpo se afrouxaram. A consciência entrou numa espécie de turbilhão e senti-me caindo para dentro de mim. Imagens de mim mesmo começaram céleres, a desfilar diante dos olhos que eu havia cerrado para o mundo. O conhecimento espírita adquirido a peso de ingentes sacrifícios me assessorava na inevitável introspecção. Sem exagero, afirmo-lhes que a minha condição de médico psiquiatra de nada me valeu naquela hora: sequer me veio à lembrança, em forma de socorro, pelo menos uma das teorias dos grandes luminares da

Psicanálise. Um medo cada vez maior da verdade - do confronto inevitável comigo - foi, aos poucos, se apossando de mim. Eu não havia sido tão benemérito quanto me consideravam!
A considerável distância, mas como se ainda permanecesse de ouvidos colados ao corpo, pude escutar quando o médico chamado às pressas, sentenciou:
—Acabou!
Quando eu o ouvi dizer que tudo estava consumado, comecei, estranhamente, a me sentir mais leve ainda. Eu me compararia, naquela situação, a uma pluma soprada em rodopios pelo vento. Onde estaria o chão, que eu não conseguia tocar?!
Devagar fui me tranqüilizando, buscando concentrar esforços na oração. Eu me sentia frágil - mais frágil do que propriamente enfraquecido. Instante algum, eu perdera a consciência; sem dúvida, mais tarde, me entregaria aos braços de indispensável sono reparador, mas, querendo observar tudo, eu me mantinha alerta. Queria experimentar por mim todas as fases do fenômeno. O que conhecia, à exaustão, na fértil bibliografia espírita, desejava saber por mim mesmo. Afinal, segundo creio aquela era a primeira vez em que deixava o corpo com alguma lucidez. Cansara de doutrinar espíritos nas sessões de desobsessão, que desvinculados da vida física, não conseguiam se situar no espaço e no tempo.
Não quero exauri-los com as minhas narrativas e procurarei ater-me apenas ao essencial. Talvez quem esteja me lendo estas palavras formule o questionamento:
—Mas o quê? O grande Inácio Ferreira embaraçado depois da morte?! Inacreditável!

DO OUTRO LADO DO ESPELHO

Em primeiro lugar, responder-lhe-ei que nunca me considerei maior que a minha própria estatura física, que, de fato, não era lá essas coisas, mormente quando comecei a me curvar depois dos sessenta. Em seguida, dir-lhe-ei que a chamada morte nos cria maiores embaraços que a vida, porque não logramos evitar o desapontamento que nos acomete. Eu cria na vida depois da morte, mas, no fundo, tinha esperança de que as coisas não fossem tão rigorosas assim para os eternos sobreviventes.
Depois da própria vida, a morte é a mais sábia invenção do Criador. De repente, eu estava sem nada, sem minha função de Diretor-Médico do Sanatório Espírita de Uberaba, cargo que ocupei por mais de cinqüenta anos; sem minha biblioteca com minha coleção de livros raros - que não dava, não emprestava e não vendia - sem meus hábitos de velho e sem meus chinelos.
—O que há de ser, doravante? - questionei, esperando que alguém surgisse para interceder em meu benefício. Não pensem que tenha sido recepcionado no limiar do Além-Túmulo por um séqüito de espíritos iluminados. Os que, aos poucos foram aparecendo, não passavam de amigos, alguns deles, antigos pacientes meus e criaturas simples que, vez ou outra, eu pudera beneficiar. Dos meus familiares, apenas minha mãe viria me ver, mais tarde. Isto, talvez por ter sido ela o único espírito que verdadeiramente me tolerara. Esta é uma outra faceta da minha personalidade: reconheço que excedia em meus pontos de vista, levado, quem sabe, pela posição que ocupava. O espírita tem a mania de se julgar sempre com a verdade. Eu me acreditava coberto de razão em tudo: a última palavra deveria ser sempre a minha. Meu Deus, quanta ilusão! A vaidade é um mal terrível.
Quando pude conversar com alguém que se postou ao meu lado e segurou as minhas mãos entre as suas, dando-me certa segurança, identifiquei Dona Maria Modesto Cravo, que me falou, abrindo um sorriso:
—Inácio, seja bem-vindo entre nós. Fique tranqüilo: você não está sozinho no Umbral!
Com a respiração ainda algo ofegante e aqueles meus olhos de peixe morto - ainda agora, pasmem consigo ver a minha expressão de moribundo. Caçoei, tentando descontrair-me:
—Estamos juntos no Umbral, não é?
Dona Modesta, como a chamávamos me acariciou a fronte empastada de suor e emendou:
—Onde é que poderíamos estar Inácio?! Não temos asas para voar além e as encostas do abismo são escorregadias para que sejam escaladas!
—Como fui? - quis saber, sem, no entanto, muita consciência do que indagara.
—Quanto à travessia, tudo bem.
—E quanto ao resto?
—Você sabe que eu não tenho esta resposta, Inácio - redargüiu com triste inflexão de voz.
De fato, eu queria saber o que apenas me seria possível saber por mim mesmo. No fundo, estava à procura de uma opinião que divergisse da minha, pois, se a consciência não me efetuava tantas acusações, também não me liberava de todo. Falhara sim, e muito. Quanto mais depressa admitisse os meus equívocos, mais depressa me colocaria em condições de repará-los.

Após Dona Maria Modesto Cravo, divisei o Manoel Roberto da Silva, o Joaquim Telésforo de Oliveira, o Antônio Logogrifo, o Alceu de Souza Novaes, o Odilon Fernandes. Irmãos de ideal espírita e companheiros maçons diversos, cujos nomes não consigo listar agora, vieram me dar às boas-vindas.

INTROSPECÇÃO INEVITÁVEL

Nos instantes em que permanecia sozinho, tentando recuperar a força nas pernas não creiam que todos os espíritos saiam do corpo volitando, a introspecção se fazia inevitável. Por que eu não aproveitara melhor o meu tempo? Por que, após ter feito alguma coisa no campo da literatura e das obras assistenciais, eu me acomodara? Por que não investira mais no futuro tão próximo?

Rememorando cada trecho do caminho que percorrera, não conseguia impedir que, por vezes, algumas lágrimas me aflorassem aos olhos. Eu estava vivo - isto, efetivamente, era tudo -, mas era um candidato ao recomeço. Vejam vocês: mal tendo concluído uma etapa do percurso, do longo percurso evolutivo, já começava a esboçar novos planos. Eu não alcançara as estrelas! Quantos confrades vivem imaginando que a simples condição de espírita nos seja um passaporte para as Regiões Superiores!

Foi num desses dias, em que o meu olhar se perdia no horizonte pela janela entreaberta, que recebi a grata visita do Padre Sebastião Bernardes Carmelita - o único que eu tolerara na Terra. Adepto da Doutrina, sem, no entanto, renunciar à batina, o Padre, como era hábito seu, quando visitava os convalescentes, pousou a destra sobre a minha fronte e, após breve oração, perguntou-me:

—Como está você, meu filho?

—Um pouco melhor, Padre - respondi, sem disfarçar o desalento.

—Não, Inácio - disse-me no diálogo que se seguiu entre nós -, está bem melhor que merecemos. Você precisa recuperar o bom-humor. O trabalho nos espera. Quantos, na retaguarda, permanecem na expectativa de nossas mãos! Seria justo esperar que os anjos descessem da Altura para socorrê-los? Somos simples elos da cadeia evolutiva, Inácio, você sabe disto. O que encontramos depois da morte é o que fizemos de nós. Às vezes, como é o nosso caso, o espírito trabalha muito o exterior e se esquece de trabalhar o interior.

—Não sei Padre, se este é o caso do senhor, mas com certeza é o meu.

—Por favor, Inácio, não me chame mais de Padre. Continuo tendo grande respeito pela Igreja, à qual, sem dúvida, a Humanidade deve, por séculos, a defesa dos postulados cristãos, mas, agora, não lhe integro os quadros. O rótulo, Inácio, é um problema, mesmo o rótulo de espírita. A Verdade desconhece fronteiras e o Amor não se circunscreve. A rigor, religião na Terra ainda significa limites ao pensamento. O homem está tão preso à matéria, que não consegue viver sem classificar as coisas.

—O senhor tem razão - redargüi, sem saber ao certo a forma de tratá-lo. A convenção é um problema: enclausura-nos a mente de tal maneira, que nos impede de perceber tudo que nos foge à capacidade de definição.

—Deixe-me mais à vontade, Inácio, e também não me trate de senhor, afinal de contas, você está com aparência mais velha do que eu. Chame-me de irmão ou simplesmente "Carmelita". Deste Outro Lado da Vida, o título nada significa. Aliás, o que escondemos atrás do convencionalismo humano é inconfessável.

—Irmão Carmelita - chamei-o assim, por fim -, pelo menos o Espiritismo não nos cria ilusões, não é? As ilusões que, porventura, temos, devemo-las a nós, você não concorda?

—Sem dúvida. Aqueles que conseguem verdadeiramente assimilar o espírito da Doutrina se libertam. Infelizmente, porém, a ignorância ainda grassa nos meios espíritas. Existem muito que se consideram espíritos missionários, médiuns investidos de elevado mandato na Terra.

—Admito que, por vezes, eu também pensava assim: que eu era melhor que aquele senhor que, todos os domingos, passava defronte à minha casa, de terço na mão, rumo à Igreja de Santa Teresinha, ou que o sangue espírita que me corria nas veias me conferia mais pureza ao corpo do que o sangue protestante ao corpo de um adepto de Lutero.

—Insanidade, Inácio, insanidade.

—Perturbação, obsessão, insanidade.

—E que pode perdurar além da morte e acompanhar o espírito em sua volta ao corpo, por séculos.

Não querendo, talvez, que eu me desgastasse, o Irmão Carmelita, antes de se retirar, concluiu:

—Voltaremos a tocar neste assunto depois, Inácio. Vamos com calma. Não nos esqueçamos de que conosco somente há dois mil anos, o Evangelho está apenas começando. Do ponto de vista espiritual, ainda nos situamos na Idade Média. As fogueiras da Inquisição não se apagaram totalmente. Os conflitos religiosos poderão induzir o homem a uma guerra sem precedentes na História. O fanatismo é loucura.

Quando o Irmão Carmelita se retirou, após servir-me ligeiro copo com água os meus lábios ainda estavam muito ressequidos, fiquei pensando na importância da fé raciocinada. Fora do conhecimento que a Doutrina Espírita nos confere, a vida careceria de fundamento, pelo menos para mim. O Espiritismo nos alarga os

horizontes mentais e nos predispõe à aceitação da Verdade, sem vinculá-la exclusivamente a si. Todavia o Espiritismo estava apenas começando, pois outras doutrinas filosóficas, como o Hinduísmo e o Islamismo, por exemplo, estavam há séculos trabalhando a mente humana. Assim mesmo, nos templos espíritas, o estudo da Doutrina se mostrava escasso, prevalecendo mais à prática do mediunismo no intercâmbio com as entidades espirituais de pequena elevação.

Imerso nestas reflexões, adormeci - adormeci e sonhei que, em Paris, na França, eu era um dos aristocratas que se divertiam com o chamado fenômeno das mesas girantes. Sempre de cigarro preso aos lábios, em baforadas constantes e ricos anéis nas mãos, as quais espalmava sobre mesa circular, acompanhava atônito, a linguagem das pancadas que enumeravam, letra a letra, o alfabeto. Nem se comentava ainda de Allan Kardec, o gênio que, sob a inspiração do Mundo Superior, codificaria e apresentaria o Espiritismo ao mundo, dando-lhe foros de ciência. Curioso que, quando "O Livro dos Espíritos" foi lançado, em 1857, os salões parisienses se esvaziaram: as entidades espirituais como que se retiraram, depois de concluída a tarefa de que vieram participar; no entanto o fruto de sua presença passou a ser ridicularizado pelos opositores da Nova Revelação. O mundo moral que se nos descortinou, desde os inusitados fenômenos de Hydesville, definitivamente não nos interessavam. Na França, o Prof. Rivail, que adotara o pseudônimo celta de Allan Kardec, era tido por muitos como um misantropo, um homem excessivamente solitário e introvertido, ao qual muitos, inclusive eu, não deram crédito; contudo, à maneira que se propagara o Cristianismo, emergindo das catacumbas, o espiritismo, superando as próprias expectativas de seu codificador, fazia adeptos em toda parte, mormente nas camadas sociais menos favorecidas e nós, pseudo-sábios de antanho e apreciadores do bom vinho francês, ignorávamos que estávamos vivenciando uma época áurea para a humanidade, fadada a modificar as nossas mais arraigadas concepções da verdade - da verdade, que sempre nós, os mortais, consideramos definitiva em nossos parcos conhecimentos.

DIÁLOGO FRANCO

No outro dia pela manhã, acordei um tanto mais disposto, sem que, contudo à vontade de fumar tivesse me abandonado. Os amigos não estranhem se insisto no assunto, mas eu me sentia como se o meu corpo espiritual ainda reclamasse a presença da nicotina. Olhava para mim, apalpava-me, percebia o meu rosto refletido no espelho e tinha a impressão de que todos os meus órgãos estavam intactos, dentro de mim. Tudo, evidentemente é relativo, aos olhos dos homens encarnados, eu não passaria de um ser etéreo, imponderável, mas aos meus próprios olhos, era ainda um ser humano, sem tirar nem pôr.

Estava tentando dar um jeito nos cabelos ou no que me havia sobrado deles, quando a figura simpática de Manoel Roberto adentrou o quarto.

—Como vai, doutor Inácio? - cumprimentou-me com alegria, feliz por reencontrar-me. - Está se sentindo um pouco melhor?

—Respiro com um pouco de dificuldade, mas percebo que as minhas melhoras estão se acentuando - respondi, não contendo o ímpeto de abraçá-lo. Nos ombros do querido companheiro de tantas refregas na terra, eu me permiti chorar pela primeira vez, extravasando toda aquela angústia represada. Chorei sem timidez alguma, com as lágrimas me saltando dos olhos, como se de repente, eu me sentisse de novo uma criança indefesa. As lágrimas costumam operar verdadeiros milagres: após aquela incontida crise de pranto, eu me sentia um tanto mais aliviado; as lágrimas me haviam devolvido a certeza de que eu era um ser humano e não um anjo.

—Tranqüilize-se, doutor - disse-me o velho amigo, tentando me deixar menos constrangido. - Deste outro lado da vida, todos choramos, quando, em reconhecendo a grandeza de Deus, verificamos, sem necessidade de que alguém nos diga algo, quanto deixamos de fazer no mundo. Choramos quando reencarnamos, choramos quando desencarnamos.

—Sim, gente, somos gente.

—E o que se faz por aqui?

—Quase o mesmo que se fazia na terra. Digamos doutor, que num prédio de muitos andares, estamos agora no andar imediatamente superior ao porão.

Não pude deixar de sorrir. Eu em verdade já supunha tudo aquilo, mas estava em busca de uma confirmação. Também, ainda não havia afastado de todo a suspeita de estar sendo vítima de uma alucinação. Tudo era possível. Na condição de médico psiquiatra, o que eu vira não me colocava em condições de desacreditar de nada.

—O que nos espera? - indaguei ao diligente amigo, que pacientemente, me esclarecia, enquanto me auxiliava a trocar de roupa, livrando-me daquela espécie de camisolão.

—Trabalho, trabalho constante e ininterrupto.

Dando-me o braço, antes que eu desse seqüência às minhas indagações ingênuas, Manoel Roberto me conduziu ao meu primeiro passeio no jardim daquela instituição que me abrigava.

—A gente pensa que de tanto lidar com doidos, acabou enlouquecendo junto, não é?

—Eu também passei por isto - respondeu o devotado enfermeiro-chefe do sanatório espírita de Uberaba, que durante tantos anos, me auxiliara com extrema lealdade.

Caminhando eu um tanto vacilante, percorremos alamedas floridas, e o ar, entrando em lufadas nos pulmões, parecia me renovar às forças. Sentamo-nos num banco próximo. Ou vocês, meros mortais, imaginariam que espírito não se senta, não come, não dorme? Talvez isto aconteça nos andares superiores, mas não com quem acabou de sair do porão. Instintivamente, tornei a levar as mãos aos bolsos, na esperança de, quem sabe, encontrar pelo menos um último cigarro.

—Doutor, esqueça - falou Manoel Roberto, que igualmente houvera sido um fumante inveterado.

—Mas o cigarro distrai o pensamento.

—Atrapalha o pensamento, isto sim. Além de acumular toxinas no cérebro, impede o espírito de ser mais prático no aproveitamento do tempo.

Ficando em silencio por instantes, notei que a paisagem em torno faiscava, como se tudo ali fosse mais brilhante, feito de certa matéria diferente.

—Aproveite doutor, para fixar na mente às diferenças que o senhor vai observando. Em breve, não terá mais elementos de comparação. Tudo por aqui lhe será tão material, que, aos poucos, se esquecerá da materialidade da vida no mundo. A gente vai perdendo a referência. Logo nos integramos tanto nas coisas deste mundo, que uma espécie de amnésia, em relação à existência física que tivemos, vai aos acometendo: a terra passa a ser coisa do passado. Sabemos, evidentemente, que o planeta é povoado e que deixamos por lá muitos entes queridos, mas não temos cabeça para conservar certos detalhes. Apenas os que se aproximam de uma nova encarnação e os que operam espiritualmente rente à crosta conseguem se situar melhor. É difícil de explicar isto. Existem espíritos em nosso habitar que desconhecem completamente o que se passa lá em baixo. Não pensam em descer, pensam em subir.

Enquanto falávamos, percebi que um vulto feminino se aproximava com andar elegante, por entre as flores.

VELHOS AMIGOS

—Modesta! - exclamei ao ver a querida amiga de tanto tempo. - você está tão bem: mais jovem e elegante como sempre!

—Agradeço-lhe a generosa observação. Todavia procuro portar-me sempre com aparência simples e natural, como convém na vida espiritual. Quanto às expressões de tratamento, você faz bem em continuar suprimindo o dona. Deixo, porém, à decisão dos demais irmãos nossos tratar-me como melhor lhes convenha.

—Pensando bem - concordei com a respeitável irmã -, os títulos que na Terra tanto significam, já, aqui, têm valor bem relativo ou mesmo nenhum. Afinal, a verdadeira superioridade é moral e não social. Concorda?

—Sim, o convencionalismo é uma prisão. Realmente, valemos pelo que somos e não pelo que fomos. Você não é mais Diretor do Sanatório. Esqueça. Agora é com eles, os que ficaram. Não podemos também ficar presos, indefinidamente, a determinado compromisso.

—Tenho me preocupado: não fiz o que devia ter feito, antes de desencarnar. Nos últimos tempos, apeguei-me bastante ao cargo - confessei.

—Todos erramos, não é? A gente precisa lutar muito para que a parte humana não venha a sufocar a espiritual - confortou-me ela.

—Eu andava cansado, triste, deprimido. Vocês partiram todos e eu vivi muito. Médicos novos, situações novas, problemas novos.

—Faremos o possível para auxiliá-lo - redargüiu Dona Modesta. Aliás, temos feito o possível, não é, Manoel?

—Sim, de quando em quando, aparecemos por lá, não com a freqüência com que nos reclamam à presença, mas aparecemos.

—Até você já apareceu, Inácio, depois de morto.

—Como?! Eu não tenho nenhuma lembrança. Estou-me sentindo impossibilitado até de caminhar por aqui.

—Pois é, com menos de um mês de desencarnado, ao que bem estamos sabendo, você já estava dando comunicação. O pessoal andava saudoso de sua presença e, depois, todos o têm na conta de espírito elevado.

—Não, isto não é possível! - comentei, esperando que os solícitos interlocutores me inteirassem melhor do assunto.

—E não foi mistificação, nem animismo - aparteou o companheiro, deixando-me mais curioso ainda.

—A mediunidade, Inácio - explicou Dona Modesta -, possui nuances pouco estudadas pelos nossos irmãos.

—Todavia como é possível um espírito dar comunicação sem o saber? - questionei estupefato.
—A inconsciência na mediunidade não é um estado que diga respeito apenas aos médiuns. Deste Outro Lado da Vida, muitos são conduzidos às casas espíritas e falam sem prévio conhecimento da situação em que se encontram - alguns, inclusive, não possuem noção do próprio desenlace.
—Sei disto, no entanto o que houve no meu caso?
—Os amigos reunidos evocaram a sua presença.
—E eu compareci sem o saber?
—Não, com você não foi assim. A mente do médium rastreou o seu psiquismo. Às vezes, quando o espírito não vai ao médium, o médium pode ir ao espírito, Doutor - sintetizou Manoel Roberto.
—De certo modo, embora tivesse deixado o corpo, o seu psiquismo pairava no ambiente do Sanatório.
—E o médium conseguiu expressar com clareza o meu pensamento?
—Em linhas gerais, sim. Digamos que, no específico, não.
—O que foi que eu falei?
—Fez algumas recomendações evangélicas, agradeceu.
—Só isto?
—Exatamente o que você teria feito, não é?
Depois de refletir por alguns segundos, respondi a questão formulada pela distinta amiga:
—Hoje, com certeza, eu teria dito um pouco mais.
Manoel Roberto sorriu e perguntou:
—Adiantaria?
—E, se eu não mudei as coisas enquanto ainda estava por lá...
—O problema, Inácio, é que nós achamos que o Evangelho está endereçado aos outros e não a nós. —Você tem razão, Modesta - concordei. - Quando eu dava as minhas broncas pelos corredores do Sanatório, deveria bronquear comigo mesmo: a responsabilidade maior era minha, mas os outros é que eram relapsos e safados.
—Bem - disse o amigo que me levara a rápido passeio -, precisamos voltar; por hoje, você já teve o suficiente.
Aquele você dito por Manoel Roberto, me soara algo desrespeitoso aos ouvidos - ele nunca me chamara assim. Naquele momento eu me senti descendo de vez da cátedra a que me habituara; aos poucos, a morte estava me nivelando. Percebendo a reação que eu, em vão, tentara disfarçar, Dona Modesta esclareceu:
—Inácio, tente esquecer o mais rápido possível que você foi doutor, que dirigiu o Sanatório por mais de cinqüenta anos, que o seu sobrenome - Ferreira - não tem qualquer significado por aqui e que o seu nome é um simples sinal de identificação. Apoiando a destra no ombro de Manoel Roberto, disse envergonhado:
—Você me perdoe meu irmão. Para mim, apesar de nossa grande amizade, você continuava sendo meu subalterno.
O exercício me cansara. De fato, aquilo tudo estava sendo muito para mim, no entanto eu precisava me despojar das ilusões que haviam sobrevindo à morte do corpo. Conduzindo-me para dentro do quarto, o antigo auxiliar me acomodou na cama e saiu. Como eu estava me sentindo frágil! Como eu pudera imaginar que algum tipo de pompa me acompanharia além da morte?! No fundo, quase todos acreditamos que teremos uma recepção diferenciada no Mais Além. Permitam-me o trocadilho: teremos, sim, uma decepção diferenciada. Eu que havia sido sempre tão rigoroso com os comunicados mediúnicos, combatendo com veemência o que rotulava de mistificação, agora nem dono dos meus pensamentos estava me sentindo. Onde encontrar uma escora que me preservasse do desequilíbrio mental iminente? Comecei a comparar aquele meu estado íntimo com a situação psíquica dos doentes que tratara, sem que, no entanto, estivesse com o diagnóstico correto de seus problemas. Imóvel no leito, praticamente consumido pelos pensamentos que me esfogueavam o cérebro, eu só enxerguei salvação no Amor. Era simples: eu precisava amar abrir o coração, submeter-me à verdade, estar disposto a recomeçar. O amor me garantiria a paz e me induziria, sem conflitos, à aceitação de tudo. Adormeci e, pela primeira vez, depois de muitos e muitos anos, adormeci tranqüilo.

ODILON E ALCEU

Quando despertei, o Sol brilhava lá fora e os pássaros cantavam no arvoredo. Eu não lhes saberia explicar a sobrevivência do princípio espiritual que habita o corpo dos pássaros e dos animais em geral. O certo, porém, é que a dimensão espiritual onde me encontrava não era destituída da presença deles. Algumas espécies de pássaros, animais e plantas eram extremamente parecidas com as da Terra; apenas não observei na colônia que me acolhera, após a morte do corpo, a existência de répteis e insetos.

As moscas, que tanto me atormentavam em meus achaques de velho (eu dizia aos amigos que acendia um cigarro atrás do outro com o propósito de espantá-las), não existiam por ali. Posteriormente, eu haveria de encontrá-las nas regiões espirituais das camadas concêntricas mais próximas do orbe. Retomando o pensamento que me embalara o sono na noite anterior, eu me sentia mais encorajado. Do ponto de vista intelectual e moral, eu estava me sentindo uma nulidade; olhando para dentro de mim, quase nada encontrava que me desse sustentação. A ilusão que criamos e que os outros nos ajudam a alimentar a respeito de nós mesmos é uma coisa pavorosa! Eu, infelizmente, acabei acreditando que era um psiquiatra famoso, autor de muitas obras, polemista destemido e sem papas na língua, que estimava criticar a Igreja e seus sacerdotes. De repente, passou-me pela cabeça, de relance, como que querendo ficar comigo, o pensamento de que se eu, o grande Inácio estava me vendo naquela situação, como não deveriam estar se arranjando os padres, depois da morte. Confesso-lhes que não pude conter certo sorriso em meus lábios; no entanto procurei depressa afugentar aquelas idéias: a minha paz não poderia se alicerçar na infelicidade alheia; eu estava numa situação de precariedade, para me vangloriar do que quer que fosse. Decepcionado, pois, afinal de contas, as estradas do Mundo Espiritual não se abriram para mim, conduzindo-me às estrelas, conforme quase todo espírita espera e acha que merece, concluí que, de fato, eu deveria me submeter à realidade e aceitar que eu não passava de um homem comum. Este, sem dúvida, é um dos maiores problemas que enfrentamos no Além-Túmulo: convencermo-nos, convencermo-nos sinceramente de que nada somos. Imerso em semelhantes reflexões, notei quando a porta do quarto se descerrou e dois antigos companheiros de labuta doutrinária na Terra o adentraram.

—Alceu e Odilon! - exclamei, comovido.

Ambos haviam feito parte do pequeno grupo que me amparou nos meus instantes derradeiros no corpo, mas naquele estado de semi-transe agônico, não pude fixar o semblante de todos.

—Inácio - disse Alceu, adiantando-se e me ofertando o aconchego de um abraço fraterno -, vejo que você está bem melhor!

—Sim - confirmou Odilon, descontraindo-se.

—Não está nada mais se parecendo com um defunto.

—Estou me sentindo mais forte - aduzi, quando pude controlar o embargo na voz. - É que apenas as pernas estão um pouco fracas.

—Onde estão as suas asas? - caçoou Alceu, revelando a velha habilidade de articulista irônico.

—Ainda vão crescer - respondi, olhando para os meus próprios ombros com um muxoxo.

—Por enquanto, não passamos de simples lagartas, não é Doutor? - acudiu Odilon, com elegância. —Deixando a brincadeira de lado - observou Alceu, na conversa que se desdobrou por alguns minutos -, ainda vamos ter que comer muita folha de amoreira para nos transfigurarmos em falenas.

—Eu que o diga!

—Gente, não vamos filosofar agora. A vida está aí, radiante e bela, e o trabalho nos espera - o trabalho de nossa própria edificação íntima! Que aventura fantástica! Quanto a descobrirmos em nós mesmos! O que é o sofrimento, senão um instante fugaz, diante do que nos espera na imensidade?! Nada, nada pode nos afetar, principalmente a morte, que, em verdade, é a mais preciosa colaboradora da vida. Se não morrêssemos, não sairíamos do lugar. A morte nos arranca do comodismo mental.

Quando começamos a criar o limo, a morte nos faz rolar ladeira abaixo, esmerilando-nos as arestas. —Você é um otimista incorrigível, Odilon - comentei mais animado.

—O entusiasmo é uma força contagiante.

—O Odilon é sempre o mesmo, Inácio: nada o abala. Tenho conversado com ele sobre os meus problemas, aqueles que você já conhece do seu consultório de analista.

—Alceu, em essência, as nossas imperfeições espirituais têm uma única causa: a nossa própria ignorância quanto à capacidade de superá-las. As nossas mazelas se rotulam com nomes diferentes, mas, em verdade, qualquer inclinação infeliz da personalidade originasse-nos da mesma fonte. Quem conta uma mentira, prejudicando alguém, é tão culpado quanto aquele que silencia a verdade.

—Calma, Odilon - retruquei, não resistindo -, que esta profissão é o meu ganha-pão. Você, que era dentista no mundo, agora virou psiquiatra?

Sorrimos os três juntos, embora o semblante de Alceu não escondesse a preocupação com, digamos, os seus equívocos de interpretação.

—Quem somos para dizermos que os outros cometem erros? Qual o elemento aferidor que utilizamos para tanto, sendo que não conseguimos aplicá-los em nós? Mas, diga-me, Doutor, disse Odilon, com o propósito de mudar o rumo da conversa - quais as notícias da Terra? O senhor deve ter muitas novidades, não?

—Que nada! - respondi, olvidando a minha condição de desencarnado (não pensem vocês que seja fácil aprender a pensar na condição de morto; até a gente se acostumar com a idéia de que morreu.), em minha opinião, vai de mal a pior: políticos corruptos, autoridades omissas, religiosos interesseiros. O mundo está se

transformando numa grande sinagoga - o Senhor, desta vez, vai ter mais trabalho para expulsar os vendilhões do templo.
—Ora, Doutor! Eu estou falando sério. E os nossos irmãos espíritas?
—Alguns poucos - pouquíssimos - fazendo pela maioria. Você sabe: somos egressos da Igreja; a idéia de Céu fácil ainda está na nossa cabeça. Estamos Odilon, copiando os cristãos até nos conflitos que acabaram deturpando o Cristianismo. Enquanto os adversários da Doutrina brigam com a gente, estamos unidos, mas quando param de implicar conosco, arranjamos confusão interna. É centro espírita contra centro espírita, médium contra médium. Se os nossos opositores descobrirem que a melhor tática é a de nos deixarem livres deles, teremos problemas.
—E o Sanatório?
—Estou com receio que termine fechando as portas. E terei culpa nisto. O Sanatório passou a respirar com os meus pulmões e eu fiquei velho. Fiquei velho, sem perceber e sem admitir que tinha ficado. Eu era o dono, sem nunca ter sido. Impunha a minha vontade e não respeitava decisões de Diretoria.
—Mas o Sanatório sempre foi você, Inácio. - aparteou Alceu, com o propósito de aliviar-me.
—Agora reconheço que não deveria ter sido assim. Eu fazia questão que as pessoas confundissem a imagem do Sanatório com a minha vaidade. Medo de perder o que me garantia a subsistência. No fundo, simples ambição de poder. Nos últimos dias, estirado aqui nesta cama, tenho, inclusive, repensado a palavra idealismo.
—O senhor tem razão quanto ao idealismo, doutor. De fato. - ia dizendo Odilon, a quem interrompi.
—Meu caro, lembrando a observação da Modesta, já não se justifica você continuar me tratando por Doutor e senhor, não acha?
—Bem, Doutor. Quero dizer Inácio. - sorriu um tanto embaraçado. Na verdade, eu sempre quis ser mais íntimo de você.
—Agora, então, vamos nos entender melhor, sem tal barreira das chamadas convenções humanas, não é?

QUESTIONANDO O IDEAL

—Neste aspecto do idealismo, você tem razão, Inácio - continuou Odilon. - Vez por outra, carecemos mesmo de repensar o ideal. A falta de vigilância, o tempo todo, permite que quando não estamos de prontidão, os nossos hábitos condenáveis do passado se nos infiltrem na personalidade. Desalojar o homem velho de seu habitai milenar não é tarefa simples.
—Por vezes - continuei -, eu me levantava, com o propósito de chegar ao Sanatório pela manhã e mudar tudo; no entanto, no percurso que cumpria da minha casa até lá, eu já me esquecia. Raciocinando com estranhas idéias, que com certeza, me eram inspiradas pelas Trevas, retrocedia em meus propósitos de renovação e de descentralização do poder. Se os outros não eram melhores do que eu, haveriam de fazer pior; na minha concepção, eles estavam simplesmente querendo me colocar para correr e eu os fazia correr antes. Por favor, vocês, os amigos que se derem o trabalho de ler estas minhas singelas anotações, em benefício de vocês mesmos, não discordem de mim; deixem-me com as minhas reflexões. O que aqui estou colocando no papel é a minha confissão autêntica - confissão esta que, um dia, cada um de vocês sentirá necessidade de fazer.
—Sabe Inácio - ponderou Alceu -, ouvindo-o em seu depoimento espontâneo, eu não me sinto encorajado a nada dizer. Consultando a consciência, espírita convicto que fui e sou, percebo que nada fiz e nada tenho feito pela Causa que abraçamos. Espiritismo, para mim, apesar das perseguições que sofríamos, era apenas uma ocupação intelectual - inspiração para os meus artigos e palestras. Faltou-me também idealismo.
—Servir com desinteresse - aparteou Odilon - é um desafio. Estou, evidentemente, me referindo aos interesses que poderíamos traduzir por uma segunda intenção revelada e não do sublime interesse que objetiva tão-somente o bem do próximo. Ninguém se movimenta sem um anseio. O ideal é um interesse de ordem mais elevada; exclui todo sentimento de egoísmo. O homem idealista é capaz de se sacrificar, mas o interesseiro, não.
Nesta altura, digamos, de nossa terapia em grupo, chegou Antônio Logogrifo, humilde e abnegado companheiro de nossas lides doutrinárias. Ao vê-lo caminhando com desembaraço, perguntei:
—Onde está à bengala, Logogrifo?
—Deixei-a, Doutor - respondeu sem se afetar. - Continuo claudicando, mas o problema agora já não é nas pernas.
—Mais um. - disse, olhando significativamente para Alceu e Odilon Fernandes.
Ante os amigos a sorrirem, Logogrifo indagou:

—Mais um o quê?
—Mais um com problemas existenciais, drama de consciência, remorso, frustração; enfim, mais um com essa gama toda de aflições que por aqui, deste Outro Lado da Vida, parecem se generalizar.
—E não há jeito de ser diferente, Doutor. Conhecendo o que conhecemos lá embaixo e não termos feito nada. Perdemos uma chance de ouro. Bem que os espíritos nos alertavam.
—Por falar em espíritos - questionei, virando-me para Odilon -, é mesmo! Por onde andam eles? Ainda não estive com nenhum dos que se comunicavam conosco nas sessões do Sanatório.
—Estão cuidando da vida - respondeu-me o companheiro, que havia sido o melhor doutrinador que eu já vira atuar numa sessão de desobsessão. - Com exceção dos nossos Mentores, com os quais, oportunamente, você se avistará, estão todos eles trilhando os seus caminhos. Alguns subiram, alguns desceram, alguns se distanciaram.
—E nós, por que estamos juntos? - insisti.
—É porque ainda temos algo nos esperando o esforço conjunto. Mas não se iluda: na hora aprazada seguiremos caminho.
—Iremos nos apartar?
—Sim e não. Espiritualmente, no ideal que nos entrelaça e ao qual temos procurado responder, não nos separaremos; porém, do ponto de vista físico...
—Do ponto de vista físico?
— Sim, meu caro, do ponto de vista físico ou geográfico, ou, se você preferir, de espaço e de tempo. Mas você não se preocupe, porque não nos perderemos. O Excelso Senhor sempre nos permitirá respirar no clima de algumas de nossas afeições. Nunca estaremos completamente a sós. —No entanto - observou Odilon -, escutemos o que Logogrifo terá para nos dizer ainda.
—O corpo espiritual é pesado. Eu podia sentir quanto ele me oprimia o espírito: para transmitir um simples passe em um doente, tinha que arrastá-lo de um bairro a outro, sempre mancando de uma perna. Um sono irresistível me impedia de trabalhar mais e a visão prejudicada por catarata não me deixava ler.
—Permita-me, Logogrifo, acrescentar a questão da alimentação - observou Alceu, ainda demonstrando certa obesidade. - O habito alimentar chega a ser fator determinante para a lucidez do espírito. Ingerimos tantas toxinas, que vivemos de cérebro obnubilado.
—No seu caso, Alceu - glosei o amigo a quem conhecia de sobejo -, alguns quilos a mais impediram que você se tornasse um homem mais vaidoso. Você se lembra? Cabelos e bigodes bem aparados, sempre trajando terno e gravata, perfumes caros, passos firmes.
—Sem dúvida, você tem razão. Tivesse sido eu um homem de melhor silhueta, é provável que nem espírita seria - um refinado solteirão, dono de colégio.
Sorrimos e Logogrifo prosseguiu:
—E a cor da minha pele? Os senhores acham que não me incomodava ser negro? Acham que eu não notava certo preconceito seu, com relação a mim?
O devotado médium curador tocara num ponto crucial.
—Afinal de contas, qual é a cor de Deus? Se Deus não tem cor, nome, sexo ou qualquer outro tipo de diferenciação, quem teria sido o primeiro a eleger a raça branca como superior às demais? Preciso dizer a vocês que, ainda hoje, eu não saberia definir a cor dos espíritos - há espíritos de todas as cores possíveis e imagináveis, espíritos das mais diversas tonalidades de cores; olhando para mim e procurando algum ponto de referência, do ponto de vista da cor, eu não me defino: não sei se sou branco, se sou negro, se sou vermelho, se sou amarelo ou ainda incolor. Estou mais para incolor, pálido como sempre fui.
—Logogrifo, já que você tocou no assunto, preciso confessar uma coisa que não me sai da cabeça - encorajei-me a dizer. - Certa tarde de sol causticante, descendo por uma rua muito empoeirada, eu avistei você, que vinha claudicando com a sua bengala e, segundo deduzo, suando as bicas por baixo daquele paletó que você não tirava. Temendo ter que lhe dar carona desacelerei o carro, esperei você dobrar uma esquina e depois continuei. Fiquei com remorso; aquilo me atormentou o resto do dia, mas, infelizmente, agi assim. Peço que você me perdoe à ignorância, já que estamos aqui nos penitenciando.
—Ora, Inácio -, veio Odilon em meu socorro -, do que fazemos de errado no mundo, isto é o de menos.
Melhorando não imaginem os amigos que eu esteja exagerando, quando me refiro às avaliações que efetuamos de nós na Vida Maior. Muitos, ante o remorso que nos pesa na consciência, costumamos sair à procura daqueles aos quais algo ficamos devendo, para pedir-lhes que nos desculpem e que nos favoreçam com a oportunidade do reajuste. É claro que estou me referindo aos que, de certa forma, já nos encontramos esclarecidos, pois, nas regiões espirituais mais densas, ainda predominam o ressentimento e o desejo de vingança. Mais tarde, eu teria a chance de mediar muitos encontros entre vítimas e verdugos, entre familiares que haviam se desentendido no mundo, cônjuges que desertaram dos compromissos afetivos, irmãos que se tornaram inimigos por questões de herança. Enquanto não reparamos o erro, a consciência

não nos libera para seguirmos adiante. Algo que não sei explicar nos imanta ao passado. Não há quem tenha se equivocado que, por aqui, não se sinta preso ao campo terrestre. Muitos dos encontros referidos que intermediei reaproximaram espíritos distantes que, então, traçaram planos para novas incursões evolutivas no corpo material.

Os dias passavam com rapidez e, com as minhas melhoras se acentuando, já conseguia sair sozinho do quarto e caminhar pelos extensos e arejados corredores da instituição hospitalar que me abrigava. Meu Deus, como são insondáveis os vossos desígnios! - exclamava, em silêncio, tentando colocar as idéias em ordem. Eu estava ali, convalescente, à feição de um dos muitos pacientes que tratara no Sanatório; vitima de uma loucura pacifica, percebia que entre mim e os meus ex-pacientes não existia grande diferença. A minha sensação de impotência era tamanha, que eu me sentia cada vez menor. De fato, eu precisava, o mais depressa possível, esquecer o que havia sido. Enquanto guardasse excessiva lembrança de mim, a depressão não me deixaria.

No entanto, sem que eu pudesse precisar de onde vieram, pensamentos de reverência pela vida começaram a desabrochar em mim. Uma onda de novos sentimentos, a pouco e pouco, foi tomando conta do meu ser. Eu estava pensando apenas com a Verdade, deixando o Amor fora de minhas cogitações. Sim, eu era importante e portador da Chama Divina; não era importante pelo que havia sido, mas pelas possibilidades infinitas do que deveria ser. Deus tinha projetos especialíssimos para mim. Onde eu me encontrava, naquele exato momento, era o ponto central do Universo. O que existia de errado estava dentro de mim e não fora. Onde é que eu estava colocando a minha capacidade de amar e de ser útil? Eu carecia de retomar o trabalho. Lembrei-me de André Luiz, de suas narrativas em "Nosso Lar", quando, após certo período de refazimento nas regiões mais próximas da Crosta, o ex-cientista desencarnado, experimentando incontida necessidade de servir, não hesita em recomeçar limpando vômitos no Além, simples serviçal, candidato a enfermeiro. Olhando ao meu redor, não tive dificuldades para localizar uma vassoura que parecia à minha espera. Sem pedir permissão para ninguém (creio, inclusive, que semelhante ordem não me seria dada), tomei-a e segui na direção de extenso pátio e comecei a varrer folhas e flores que haviam caído. Fiquei feliz: eu estava recomeçando como gari! Quantas vezes, observando os homens da limpeza pública no mundo, eu cheguei a invejá-los na tarefa que executavam com esmero!

Devagar, varri todo o trecho que me propusera limpar, naquele meu primeiro dia de trabalho. Eu estava cansado e com fome. Indo para dentro do quarto, em lá chegando, encontrei à minha disposição pequena bandeja. Ao invés da taça de vinho do Porto e do pão com azeite e atum gratinado, um copo de refresco energizante, de sabor indefinido, algumas pequenas bolachas semelhantes a hóstias, que desapareciam em contato com a saliva, e duas drágeas de elementos florais que, segundo me disseram, cooperariam na desintoxicação do organismo espiritual. Digo-lhes que, aos poucos, eu me esqueceria da necessidade de comer. À proporção que as minhas ocupações intelectuais aumentavam, a fome diminuía. Várias vezes recordei-me do que dissera Jesus, quando afirmou que o seu alimento era fazer a vontade do Pai. Ao final da tarde, recebi a visita de um dos médicos da instituição, que me informou que eu já estava apto para ter alta. No outro dia, de manhã, eu poderia me sentir liberado.

—Arrumarei as minhas coisas e partirei - disse-lhe, sem muita noção do que dissera.

—Que coisas? - perguntou-me ele, sorrindo.

Meio sem jeito, retruquei:

—O senhor tem razão.

—Você tem para onde ir?

—Tenho alguns amigos, mas também não sei se eles têm casa. Por aqui, nada é propriedade de ninguém - falei bem humorado.

—Não é bem assim. Tudo, de fato, nos pertence, mas temos aqueles que nos dirigem. Aqui impera o socialismo. Impera a solidariedade, mas...

—Mas?!

—Temos alguns focos de resistência. O interesse pessoal também sobrevive à morte do corpo.

—Vou precisar trabalhar - comentei tímido, qual se fosse um profissional recém-formado, com o diploma debaixo do braço.

—Trabalho é o que não falta - respondeu. - Analisando a sua ficha, vejo que você tem alguma experiência.

—Se eu pudesse ficar até definir melhor a situação.

—Está bem. Não há problema, desde que não pense em salário no final do mês.

—Nunca fui muito de gastar.

Com um leve tapinha em meu ombro, o médico se despediu, dizendo:

—Amanhã, pela manhã, você me procure. Temos muita gente internada nos pavilhões. Você começará por lá.

Quando ele saiu, deliberei tomar uma chuveirada. Ou vocês também acham que, deste Outro Lado da Vida, a água perde uma de suas principais funções? Debaixo da ducha fria, quase gelada, notei que a água possuía certas propriedades elétricas que me refaziam as forças.

No outro dia, mais bem disposto e otimista, sem nenhum padrinho para me advogar a causa, apresentei-me no gabinete do colega que estava à minha espera.
—Você dormiu exatamente sete horas, quarenta e dois minutos e trinta e oito segundos. - foi o que ele me disse em saudação, apontando-me uma poltrona aveludada e convidando-me a sentar. - E, pelo que estou sabendo nos seus últimos tempos na Terra, eram constantes as suas queixas de insônia.
—Estou sem relógio - ironizei, procurando corresponder à fraterna provocação.
—Quem dorme, fica fora da vida. - prosseguiu o jovem e anônimo doutor.
—Vou tentar dormir menos esta noite.
—Não precisamos, a rigor, mais que de alguns minutos de refazimento.
—Mas a noite foi feita para dormir.
—Que noite?!

NOS PAVILHÕES

O devotado médico, por quem eu haveria de criar particular afeição, conduziu-me aos pavilhões e explicou:
—Temos aqui, Inácio, dezenas de irmãos em processo de refazimento: dormem, acordam, tornam a dormir. A maioria foi resgatada pelas nossas equipes socorristas que operam nas regiões das sombras; quase todos são candidatos a breve renascimento no corpo, todavia carecem de ter, tanto quanto possível, as suas condições melhoradas. O diálogo é a terapia mais indicada. O diálogo que nos conduza à retomada de nós mesmos. Desencarnaram sem maior preocupação com as realidades da vida além da morte.
—Permita-me uma indagação - falei, ouvindo-o empregar terminologia espírita. - O senhor é adepto do Espiritismo?
—Pare agora de me tratar por senhor, Inácio. Somos irmãos, e você está de aparência mais acabada do que a minha. Por que a pergunta?
—Você se referiu à desencarnação, logo.
—Isto não tem importância alguma. Eu poderia empregar os termos desvinculação, liberação. Não, não sou espírita, nem católico, nem budista. Não gosto de rotulagens. Acredito em Deus e procuro servi-Lo. A verdade é universal. A confusão do mundo gira em torno de religião. Prefiro ficar com as palavras de Jesus, sem vínculo religioso de qualquer espécie. Os meus pais eram protestantes. Respeito à memória deles, mas, quando comecei a estudar Medicina, já se falava na história da ressurreição, do juízo final. Deixemos este assunto para lá. Creio que tudo é possível: a mente humana é que cria a ilusão ou a realidade. Entendo que o Espiritismo é uma das escolas mais avançadas, em termos de espiritualidade na Terra, mas...
—Não leve a mal a minha pergunta - ponderei, verificando que não perdera a mania de fazer prosélitos para a Doutrina.
—Não se preocupe Inácio. Foi bom tocarmos no assunto. Lidando com os irmãos que se encontram nos pavilhões, você verificará o estrago que a religião causou na mente deles. A vida depois da morte não deve ser um assunto apenas pertinente à fé. Eu não sei se o espírito leva mais tempo para deixar de ser incrédulo ou se para se corrigir das distorções do fanatismo religioso. Não existe religião superior à Verdade e ao Amor.
Precisando sair, o novo amigo que encontrara me disse:
—Ao pé de cada leito, você encontrará uma ficha que resume os dados do paciente. Alguns são portadores de graves lesões no corpo espiritual e deverão, no momento oportuno, se submeter às cirurgias reparadoras.
—Cirurgia no perispírito?
—Como não? O corpo espiritual é um organismo vivo. É claro que a mente é à base de tudo, inclusive da saúde física, porém, enquanto não aprendemos o seu domínio. O que é uma simples drágea, meu caro, senão energia condensada em forma de medicamento? Os elementos químicos que constituem o corpo material são os mesmos que entram na constituição do corpo espiritual. Vocês, espíritas, por exemplo, não se utilizam da técnica do passe, que é uma transformação de energia, com o propósito de atuar em nível perispiritual? Deus mora na intimidade das células, tanto quanto se faz presente no átomo e ambos, átomo e célula, é uma representação microscópica do Universo. Você já notou?
Eu estava impressionado. Com poucas palavras, o companheiro entrelaçara ciências quase inconciliáveis no mundo! A Química com a Física, a Física com a Filosofia, misturando o concreto com o abstrato.
—Bem, preciso ir - anunciou, deixando-me na entrada de um dos pavilhões.

Ao ver aquelas camas enfileiradas - mais de quarenta só naquele pavilhão -, monologuei em voz alta:
—Meu Deus! Vai começar tudo de novo.
Homens e mulheres, jovens e velhos, ali se encontravam acamados, cuidados por um sem-número de atenciosos enfermeiros. Suave musica ambiente, uma valsa de Strauss, tocada naquele momento, impregnava o recinto de tranqüilidade. Eu nunca conseguira fazer com que a terapia da música funcionasse no Sanatório e nem que imperasse nos quartos a limpeza que observava ali.
De inicio, percorri em silêncio o pavilhão, observando atentamente os pacientes. Vários me pareciam em sono profundo; outros, de olhos arregalados, fitavam um ponto qualquer no teto. Vi diverso com feridas abertas no perispírito. Um deles, o que me pareceu o pior, tinha uma chaga na têmpora - provavelmente, havia cometido suicídio.
Parando próximo ao leito de um senhor que apresentava uns setenta de idade, li a prancheta: "Deixou o corpo há mais de quinze anos; formação católica; recusa-se a aceitar que não esteja no Céu; apresenta crises de demência não definidas. Data de internação".
A ficha do paciente informava que ele estava internado na instituição havia dois anos, sem apresentar quase nenhuma melhora.

Aproximei-me da cabeceira do leito e chamei-o pelo nome:
—Luís! Luís! Acorde. Você precisa despertar - insisti, pousando a destra espalmada sobre o seu tórax.
—Não perca mais tempo, meu irmão. Onde é que você está? Onde é que você vive? Onde você se refugiou?
Assustando-me, aquele senhor abriu os olhos e me segurou pelo jaleco, dizendo:
—Finalmente, finalmente um sacerdote para dar-me a extrema-unção! Absolva-me, padre, dos meus pecados. Eu quero ir para o Céu. Outro tipo de vida depois da morte, não me interessa. Já tentaram me dizer o contrário. Mentiram para mim. Isto deve ser um pesadelo: Eu, morto há mais de quinze anos?! Mentira!
Ser confundido com um padre era tudo o que eu não queria, apesar da semelhança entre as nossas profissões - um consultório psiquiátrico e um confessionário diferem muito pouco.
—Acalme-se, Luís - falei, tentando esclarecer. Eu não sou um Padre; sou apenas um irmão interessado em socorrê-lo.
—Eu não preciso de médico; eu não estou louco! Eu quero é um Padre. Onde puseram o meu terço? Reze comigo uma ave-maria.
Confesso-lhes que eu não poderia satisfazê-lo, ainda que fosse um simples pai-nosso. Eu não era um homem de oração - ainda mais orar em voz alta. Eu sempre entendi a prece como sendo uma elevação espontânea do pensamento, que dispensasse as palavras.
—Meu irmão, retome a lucidez. Qual o motivo de tanto apavoramento? Por que o receio da morte? Você precisa enfrentar a realidade. Se Aceite como é. Deus não é um Pai vingativo.
Estava eu ali falando de Deus com um paciente psiquiátrico. Inútil a divergência entre a Psicanálise e a Religião; Fé e Ciência se misturariam sempre. Eu não tinha teorias médicas que pudessem valer-me naquele instante. Aquele homem não queria um diagnóstico - ele queria a cura! Eu poderia mudar de nomenclatura, mas, no fundo, seria a mesma linguagem.
—Realidade? - questionou Luís, com olhos que me fitavam, mas não me viam. - De que realidade você esta falando? Da sua, não é? E a minha como fica?

OUTRAS EXPERIÊNCIAS

O senhor que deixara o corpo, iludido quanto ao que o esperava além da morte, crendo na possibilidade de fácil acesso a regiões celestiais, voltara a dormir. Em vão, chamei-o, na tentativa de trazê-lo à consciência. Com certeza, Luís haveria de permanecer naquele estado ainda por longo tempo. Onde se refugiara ele?
Naquele instante, não pude deixar de experimentar certo desalento, semelhante ao que me acometia quando, no Sanatório, recebia de volta no outro dia, o paciente que tivera alta. O trabalho de reconstrução intima é precioso, mas as recaídas acontecem com facilidade; enquanto não nos distanciarmos o suficiente do mal, estaremos à mercê de sua influência. Quase ninguém estava disposto a cooperar na recuperação do doente mental, principalmente os seus familiares, que não raro, por comodismo e indiferença, preferiam esquecê-los nos hospitais psiquiátricos. Lembro-me que por vezes, eu precisava acionar a polícia para que os responsáveis pelos pacientes com alta fossem buscá-los. No outro dia pela manhã, chegavam com os doentes de volta, proferindo impropérios e acusações.
Dei mais alguns passos adiante e me deparei com um enfermo que revelava certa lucidez; embora imóvel, notei que o seu olhar não se perdia no vazio. Aproximei-me e pude ler no seu prontuário: "Antônio José; desencarnou há mais de quatro anos; espírita convicto; apresenta graves dramas de consciência".

—Antônio José, eu sou Inácio, seu irmão - apresentei-me. - Estou aqui para lhe ser útil. Também sou espírita.
Virando-se para mim lentamente, o confrade recolhido naquela ala do grande hospital, constituído de vários pavimentes, falou com dificuldade:
—Tenho a impressão de que o conheço. O senhor já esteve aqui?
—Não - respondi -, este está sendo meu primeiro dia de trabalho. Talvez você me conheça de alguma fotografia.
—Por quê? O senhor era tão importante assim?
Percebendo que, na ânsia de auxiliar cometera um despropósito, tentei consertar:
—Não quis dizer isto. Os delinqüentes também são muito fotografados.
—Como o senhor disse mesmo que se chama? - interrogou, buscando clarear a memória.
—Inácio.
—Inácio de quê?
—Já tive o meu sobrenome cassado por aqui - brinquei, querendo ganhar-lhe a confiança -, mas era um sobrenome comum: Ferreira.
—Ferreira, Inácio. O senhor, porventura, será o famoso Doutor Inácio Ferreira?
—O Espiritismo é que me deu fama, não a Medicina.
—O senhor não se recorda de mim? - indagou, mais à vontade. - Eu morava na região de Uberaba. (Compreendam os caros leitores que, por questões óbvias, omiti a verdadeira identidade do nosso personagem).
—Você me desculpe, mas lidar com tanta gente e depois, eu era desorganizado; o meu fichário era o retrato da desordem.
—Ouvi muito falar do seu hospital e ansiava por uma consulta. Tive problemas sérios.
Ganhando coragem, o amigo continuou:
—Fui espírita e médium - médium curador. Abri um centro em minha casa e comecei a receber os doentes. Possuía um exemplar de "O Evangelho Segundo o Espiritismo" e outro de "O Livro dos Espíritos", mas nunca os lia. Eu tinha - permita-me dizer - uma mediunidade fantástica: enxergava e escutava os espíritos com extrema naturalidade. Dinheiro não me tentava, mas mulheres. O senhor pode adivinhar o que houve, não é? O assédio era muito grande. Solteiro e relativamente jovem, não consegui me conter. As entidades espirituais que me assessoravam tentaram me alertar, mas não lhes dei ouvidos - o senhor sabe: espírito não tem corpo de carne. Acabei me envolvendo com uma mulher casada, esposa de um rico fazendeiro de Goiás. Ele descobriu e mandou dois capangas no meu encalço.
Neste trecho da narrativa, o companheiro teve uma crise de vômito que precisei acudir. Ele expelia uma substância escura que - pasmem! - parecia ter um movimento próprio. Mais tarde, vim, a saber, tratar-se de matéria mental elaborada por ele mesmo que se lhe alojava no estômago. Ele vomitava o seu arrependimento!
Algo refeito da crise que o acometera, Antônio José prosseguiu:
—Era madrugada e bateram à porta de casa. Pensando tratar-se de algum necessitado fora de hora, fui atender. Todos sabiam que eu morava sozinho, num bairro afastado de pequena cidade do interior de São Paulo. Eles me espancaram, me amordaçaram e me castraram!
Agora, quem estava para ter uma crise de vômito era eu. Puxei um banco próximo e procurei relaxar. Um dos enfermeiros que serviam no pavilhão, reparando o mal súbito de que eu fora vítima, trouxe-me um copo com água gelada - água ultra natural que tomei como quem estivesse tomando um copo de vitalidade, de princípio vital liquefeito - digamos assim.
—Não se preocupe - esclareceu-me o atendente. - Os primeiros dias de pavilhão são difíceis. Depois, ao que estamos informados, você está retomando o trabalho relativamente depressa.
Agradeci e fiz força para me recuperar. Eu estava envergonhado.
—Pode prosseguir - voltei ao paciente, o qual, naquela situação, eu não sabia se era eu ou se era ele.
—Se o senhor preferir, continuaremos mais tarde - redargüiu preocupado com meu abatimento.
—Não, não. Continue.
—Castraram-me e jogaram sal grosso nos testículos dilacerados. Urrei de dor feito um animal ferido. Berra porco! Berra! - gritava um deles aos meus ouvidos, exibindo o meu órgão genital nas mãos. Agora você será uma mocinha troçava o outro, com o facão sujo de sangue encostado na minha garganta.
Efetuando pequena pausa, o infeliz prosseguiu:
—Não pude ver mais nada. Desmaiei. A dor, no entanto, não me deixou ficar muito tempo naquele estado. Antes que o dia amanhecesse, saí de casa correndo. Peguei um dinheiro que tinha guardado e fui para Ribeirão Preto, arranjando carona num caminhão leiteiro. Não quis subir na boléia: fui à carroceria. Para resumir, digo ao senhor que fiz de tudo para abafar o episódio. Despistei a polícia e não quis,

compreensivelmente, levar o caso adiante. Procurei um médico, mas não havia o que ser feito. Naquela época, não se cogitava de cirurgia plástica; tudo que foi possível se resumiu em combater a infecção.
Com lágrimas silenciosas a lhe escorrerem no rosto, Antônio José concluiu:
—Voltei para minha cidade e comecei a beber. Virei um mendigo. As mais diferentes versões para o meu caso corriam de boca em boca. Algumas pessoas me humilhavam com rótulos preconceituosos. Um dia, não suportando mais tamanho sofrimento, atirei-me nas águas de um rio e, como não sabia nadar...
Fitando-me com profunda tristeza, arrematou:
—Este Doutor Inácio Ferreira, é o meu drama. Fui espírita e médium e caí deste jeito. Ainda me sinto um homem mutilado. A consciência me cobra tanto, pelo que fiz, que nem espaço para odiar o mandante de tal atrocidade eu tenho.

FAZENDO O POSSÍVEL

—Mas, sendo espírita, Antônio José - comecei a dizer-, você sabe que semelhante mutilação não lhe pode atingir o corpo espiritual.
—Sei disto - respondeu-me -, mas o meu problema é mental; o suicídio agravou a minha situação.
Para mim, apenas o renascimento. Alguns médicos daqui já me explicaram que preciso melhorar um pouco, antes de tentar a bênção do esquecimento na reencarnação. Estou convencido de que o corpo de carne será o meu curativo.
—O seu suicídio tem atenuante.
—Sim, desespero e loucura, alcoolismo e obsessão, no entanto não posso me eximir da responsabilidade, pois fui eu que comecei tudo.
—Tenha calma (diante de certos problemas da vida, é curioso, não conseguimos fugir dos velhos chavões do Evangelho, aos quais recorremos, quando sucumbimos intelectualmente). - Repeti: Tenha calma. Deus não nos desampara. Tente esquecer o que houve.
—Sei que a sua intenção é a melhor possível, mas responda-me: Esquecer como? Eu não sei agora o que me dói mais: se a minha invigilância afetiva, se a humilhação que sofri, se o meu gesto tresloucado que recrimino incessantemente, ou se, ainda, o fracasso na condição de médium espírita que fui. Outra coisa que está me preocupando muito e, talvez, nisto o senhor possa me ajudar: eu não tenho psiquismo de mulher e temo renascer prejudicado em minha condição de homem. O que o senhor acha?
O caso, para mim, era deveras difícil. Afinal de contas, Antônio José não havia cometido tão grande crime assim. Meu Deus! Como um simples erro de cálculo pode comprometer uma construção inteira. Perto daquele drama, eu não tinha problema algum. Como somos egoístas, até quando sofremos!
Diante do meu silêncio, o amigo insistiu:
—O que diz? Não pude me consultar com o senhor na Terra; estou me consultando agora.
—Não me chame mais de Doutor e nem de senhor - retruquei, procurando uma posição mais cômoda diante do caso. Não passo de um irmão, e, prometo, vamos encontrar junto um caminho. Você possui atenuantes.
—Quais?
—Você não envolveu a mulher do fazendeiro: a mulher é que se prevaleceu da própria condição social para envolvê-lo. Eu sei o que seja lidar com uma mulher insinuante e cheirando a perfume num consultório.
Pela primeira vez, Antônio esboçou leve sorriso.
—Você é engraçado - disse. - Se você fosse Deus, haveria de resolver tudo da maneira mais simples, não é?
—As nossas travessuras não são feitas por maldade e ninguém é essencialmente mau; tudo é obra da ignorância.
—Mas a questão sou eu, Inácio; ninguém me acusa: eu é que não me perdôo. Temo renascer e repetir os mesmos erros. Eu gostaria de retomar a tarefa de ser médium e ter oportunidade de continuar fazendo o bem aos outros.
—Quanto a isto, veremos, se bem que os médiuns que conheci e que conheço são todas as almas comprometidas no campo da afetividade. Eles não gostam que se fale, mas é verdade. Eu não sei onde a carência de sexo ou o excesso de sexo está implicado com a mediunidade. Deve ser coisa da Kundaline.
O companheiro abriu um sorriso um pouco maior.
—O seu bom-humor me faz bem, Inácio. Volte mais vezes para conversar comigo.
—Estarei sempre por aqui, no pavilhão dos loucos - exagerei, sem conter a vontade de fazer uma piada. - A única diferença entre mim e vocês é que eu sou um louco que anda e vocês são loucos acamados...
Eu não agüentava tratar de um problema sério por muito tempo, sem esculachar com ele. A auto-piedade é terrível e a auto-recriminação excessiva é um mal de difícil cura.

—Inácio - indagou-me Antônio José, antes que eu me retirasse -, você acredita que eu poderei ser pai no mundo?
—Evidentemente que sim - respondi, procurando me conter. - Nem que seja de filhos que não tenham pai... Eu, por exemplo, Antônio, nunca pude ter filhos, e não foi por falta de tentativas, hem? Não me interprete de maneira equivocada. Não tive filhos, mas tive muitos gatos... Eu nunca vi gatas parirem tanto quanto pariam na minha casa e no Sanatório...
Deixando o novo amigo que fizera um tanto mais animado, saí do pavilhão e procurei respirar a longos haustos o ar balsâmico daquela manhã de primavera. Digo-lhes que o meu diálogo com ele fizera maior bem a mim mesmo. Na tentativa de animá-lo, aos poucos eu me redescobria - redescobria aquele Inácio mais jovial que os constantes achaques de um corpo físico em desgaste quase haviam feito desaparecer. Não havia motivo algum para tristeza; viveríamos eternamente e estávamos fadados à felicidade...

A dor, por mais contundente, era irreal - estímulos indispensáveis ao progresso espiritual. Todas as fases da vida eram igualmente importantes: a infância, a juventude, a madureza e o fenômeno da morte tão necessário quanto o da vida física. O homem carecia de ser flor e fruto, para voltar a ser semente. Se alterássemos as nossas concepções estreitas da existência, tudo haveria, aos nossos olhos, de ganhar um novo significado. Não adiantava ficar choramingando. Graças a Deus, o resto de depressão decorrente do meu declínio físico e psicológico, nos últimos tempos de minha trajetória no mundo, estava me deixando. Imerso nestas reflexões, percebi a presença de Odilon Fernandes ao meu lado.
—Inácio, amigo! - saudou-me com efusão. – O que você fez que remoçasse tanto? Você já se viu hoje no espelho? Como está bem disposto!...
Instintivamente, levei a mão ao rosto procurando por minhas antigas rugas e apalpando os músculos das bochechas, que, pela falta dos dentes que extraíra, haviam se tornado flácidos.
—Uai, Odilon! Não é que você tem razão?... Estou sentindo a pele mais macia e lisa. Por acaso, você tem um espelho consigo? - perguntei ansioso.
—Não, mas venha comigo - convidou o companheiro. - Temos uma fonte próxima, em cujo espelho de água poderá se fitar.
—Tal qual Narciso, né? - gracejei.
—Nem tanto a beleza dele, mas, com certeza, a mesma vaidade - não deixou Odilon por menos.
Quando me olhei na superfície polida do diminuto lago formado pelas águas cristalinas da fonte, levei um susto: aquele não era eu, ou, por outra, era eu, mas por volta dos meus 50 de idade, se tanto, em face dos longevos 84 anos que tinha, ao desencarnar. As rugas que me haviam sulcado o rosto, como uma gleba de terra que o arado rasgara, haviam desaparecido... Rapidamente, abri a boca e, completamente pasmado, eu, que ainda me acreditava um morto de dentadura, pude reparar todos os meus dentes perfeitos.
—Veja Odilon! - exclamei, mostrando a arcada dentária ao amigo.
—Sem manchas de nicotina, Inácio - emendou o antigo professor da Faculdade de Odontologia -, e sem piorréia...

INCAPAZ DE EXPLICAR

Eu seria incapaz de explicar aquele fenômeno de embriogênese espiritual que protagonizava. Mesmo o espírita, e principalmente ele, está longe de todas as respostas; aos poucos, eu percebia que os nossos questionamentos no Mundo Maior, a respeito das origens da vida, transcendem as perquirições humanas. Ao invés de respostas definitivas, multiplicam-se quase ao infinito as nossas indagações. É certo que a dúvida central - a imortalidade do ser - não mais nos acabrunha, porém, contrapartida, o campo de investigação se nos amplia de tal forma, que nos deixa basbaques. Se pudéssemos, por obra da imaginação, escutar Sócrates, o inesquecível sábio grego, em observação concernente à verdade além da morte, por certo registraríamos sentença semelhante à que ouso lhe conferir autoria: “Só sei que continuo não sabendo nada”.
Diante do que depressa aprendi, notei ser inútil solicitar de Odilon qualquer esclarecimento; convinha que ocupasse o amigo com questões mais ponderáveis, deixando para mais tarde qualquer elucubração de caráter filosófico em torno do meu súbito rejuvenescimento.
Imagino que este trecho de minhas narrativas esteja causando estranheza e, por que não dizer, suscitando inveja em quantos, homens e mulheres, andam na Terra, atrás da fonte da eterna juventude.
—Como é, Inácio, você não vai mais deixar de se olhar no espelho das águas? - perguntou o companheiro, interrompendo os meus devaneios.
—Por que, Odilon, o mesmo não aconteceu com você? - indaguei, tornando a mim. - A sua aparência prossegue idêntica à de seus últimos tempos no corpo.

—Prefiro conservar-me assim - respondeu. - Os amigos que deixei no mundo me evocam a presença com esta fisionomia; não pretendo decepcioná-los e, depois, quero continuar envelhecendo junto com a Dalva.
—Você tem razão - ponderei. - As fotos que o mostram mais jovem não irradiam a mesma aura. Não que eu tenha qualquer preferência, mas a figura de Odilon que todos reverenciam é como você está.
—É, mas não pretendo ficar assim - avisou. - Quando a querida esposa vier ambos vamos nos submeter a uma plástica - ainda mais sendo de graça como é. Mas, conte-me, Inácio, - inquiriu, com o propósito de abordar tema mais positivo. - Como foi o seu dia nos pavilhões?
—Vou me adaptar, ou melhor, me readaptar. Você sabe, nos últimos anos, eu já havia perdido a prática. Preencher aquela papelada toda me tomava tempo; sequer sabia por onde andava o meu estetoscópio.
—A Medicina, mormente a Medicina Psiquiátrica, tem se afastado de suas finalidades, não acha?
—Quase que completamente - concordei. - Os médicos, com raras e nobres exceções, só pensam em dinheiro. Nada de estudar o paciente e escutá-lo. Deixam tudo por conta dos remédios, ou dos espíritos, e isto quando acreditam nuns e noutros. Infelizmente, dispensando a intuição, muitos não sabem nem prescrever: dopam o paciente e vão para casa, com a consciência do dever cumprido.
—Tenho, da parte deles, Inácio, os nossos irmãos médicos, registrado queixas contra os espíritas. Alegam serem inócuos os passes e as reuniões mediúnicas.
—Odilon, eu e você conhecemos os dois lados da questão. O problema é que nem os médicos e nem os médiuns levam em consideração o carma do paciente. Existe um limite de atuação de ambas as partes no processo terapêutico. Na verdade, ninguém cura ninguém. Isto ainda mais se evidencia com os doentes psicologicamente afetados. O Mestre enunciava com propriedade a cada um dos que eram diretamente beneficiados pelo seu poder curador - os cegos, os paralíticos, os leprosos, os obsedados: "A tua fé te salvou!".
Transferir responsabilidades é fácil. É aquela questão do idealismo que já discutimos. Quem não se entrega de corpo e alma ao que faz não obtém êxito. Os centros espíritas têm formado médiuns, mas estão longe de formar companheiros que façam da mediunidade um apostolado.
—É o problema das profissões em geral - emendei. - A palavra idealismo quase não faz parte do discurso dos professores universitários aos seus aprendizes. Não podemos generalizar, mas, se as escolas têm diplomado milhares de professores, os educadores são poucos. O mercado é de competição inconseqüente.
—Infelizmente, Inácio, infelizmente – sentenciou Odilon no diálogo que não se interrompeu -, o homem em breve vai ter que capitular. Não existe saída. Os extremos acabam sendo instrumentos de reversão social; os excessos sempre anunciam transformações inevitáveis. Grandes conflitos se desenham para a Humanidade. Não sou nenhum profeta apocalíptico.
—Não precisa se justificar, Odilon. As leis da vida funcionam com precisão matemática: o que se planta é o que se colhe. Não é difícil deduzir o que esteja à espreita do homem, ante as perspectivas do Terceiro Milênio. Caso ele não mude, caso ele não repense a sua trajetória, a Humanidade sofrerá. A guerra será inevitável e os valores da civilização estarão ameaçados. As conquistas da Ciência, as pesquisas com o genoma, os medicamentos ultra-sofisticados em fase de industrialização. E, coisa pavorosa- aduzi -, com tanto progresso, a Religião no seu primitivismo.
Tudo avançou Inácio, menos a Religião; ainda não saímos da Idade Média. Não fosse o esforço de Allan Kardec. Esforço ignorado propositadamente pelos que constituem maioria em matéria de crença. Fazem questão de espalhar que o Espiritismo é mais uma seita, confundindo-o com a Umbanda, o Candomblé e outros cultos afro-brasileiros. De nossa parte, nenhuma critica a nenhum deles. Toda e qualquer manifestação de fé nos merece respeito.
Mas, como o assunto se desviara de novo, Odilon insistiu:
—Inácio, fale-me: como foi a sua manhã com os nossos irmãos, que agora são igualmente pacientes seus? Alguma surpresa?
—Não, nenhuma. Apenas impressionei-me com o caso do nosso Antônio José.
—Ah! Então você já esteve com ele?
—Sim, mantivemos um longo entendimento.
—Quadro doloroso e complexo.
—Podemos interceder?
—O bem sempre pode fazer algo em favor de quem quer que seja. Faremos juntos, uma visita a ele.
—Amanhã?
—Sim, Inácio, amanhã. Aproveite o resto do dia para se refazer. Não fique convencido: remoçado por fora, necessita de fortalecer-se por dentro. E, depois, você está praticamente solteiro por aqui, não? Ou ainda se considera casado?

SITUAÇÃO CONJUGAL

A pergunta do amigo Odilon, feita em tom de brincadeira, mexera comigo, pois desde que parti, deixando sozinha a companheira com a qual me consorciara, a minha situação conjugal do Outro Lado da Vida me parecia indefinida. Sem ter tempo para uma análise mais acurada do meu problema afetivo, respondi:
—Não sei Odilon, não sei. O que você me diz? O espírito é solteiro, viúvo ou casado? - devolvi a indagação, tentando ganhar tempo para auscultar melhor o mundo de mim mesmo.
—A sua dúvida, Inácio, é sintomática - respondeu o companheiro, na conversa que, ficando interessante, adiou o meu descanso da tarde.
—Como assim?
—Os que se sentem verdadeiramente vinculados a um coração que permanece pulsando na retaguarda não hesitam em se definir sentimentalmente.
—Creio que, em verdade, não me casei; oficializei uma união que, na prática, não se consumou. Ambos éramos sozinhos e de temperamento difícil. Como não tinha herdeiros diretos...
—O casamento é de almas, não de corpos ou de interesses.
—Sei disto, Odilon, mas eu alimentava a esperança de que viéssemos nos abrandar; tínhamos muitos gostos em comum: cigarros e gatos, principalmente.
—Isto não é o bastante. - reticenciou o fraterno interlocutor, que me dava oportunidade de abordar uma das mais sérias questões que eu trouxera da Terra.
—Fui o culpado de muita coisa - confessei. - Talvez, no fundo, eu não quisesse uma esposa, mas uma enfermeira para cuidar de minha bílis.
—Não existia uma alta cumplicidade entre vocês?
—Só no que nos interessava aos dois: a luta pela sobrevivência. Contra um adversário comum, nos uníamos e tramávamos.
—Você se arrepende de ter se casado?
—Não; arrependo-me de ter sido o consorte ranzinza que fui. E, depois, a diferença de idade entre nós era considerável.
Efetuando pequena pausa, prossegui:
—Eu não queria deixar herança para o Governo. Fiz jus à minha aposentadoria e pagava religiosamente os meus impostos. Casei-me com a idéia de que estivesse resgatando um compromisso cármico com a companheira que me aceitou; creio que nunca lhe disse que a amava.
É duro para uma mulher nunca escutar uma declaração de amor dos lábios do marido. Você tem razão. Não fui honesto para com os meus sentimentos.
—E ela o amava?
—Não sei, mas, pelo menos, foi digna o tempo todo em que esteve comigo. Dirigia a nossa casa como ninguém e nunca me permitiu ficar em falta de alguma coisa.
—Como você, Inácio, a considera hoje?
—Feito a uma irmã há quem muito fiquei devendo.
—Então, meu amigo - sentenciou Odilon -, você é um espírito solteiro e por aqui, não faltará quem venha a pretendê-lo, ainda mais agora que remoçou.
Querendo me aprofundar no tema, ao qual procurei dar uma redação descontraída nestas páginas, com o propósito de não ferir suscetibilidades, perguntei:
—Casamo-nos depois de mortos?
—Casarmo-nos, propriamente, não, mas reencontramos afetos mais verdadeiros. A maioria dos vínculos conjugais no mundo são ligações de prova, diferenças cármicas que necessitam ser equacionadas. Jesus Cristo nos fala no Evangelho que os bem-aventurados não se casam nem são dados em casamento. Mas quem lhe disse Inácio, que somos anjos? Onde atualmente nos encontramos domiciliados, a vida prossegue em um sem-número de convenções que sobrevivem. Do ponto de vista mental, não temos como nos organizar por aqui de uma maneira muito diversa. O nosso apego a certos valores não se modifica assim.
—Quero uma resposta mais direta, Odilon - insisti. - Casamo-nos, ou não, deste Outro Lado da Vida?
—Se esta é a sua preocupação, não existem padres para oficializar a união.
—Que alivio! - exclamei. - Para mim, a sociedade dos mortos continuava sob o jugo da Igreja.
—Não, fique tranqüilo. A união genuína dispensa qualquer formalidade.
—Quer dizer então...
—Que a tendência natural do casamento formalizado por qualquer religião é desaparecer.
—Isto ainda vai demorar muito - redargüi.
—Sim, com certeza, e ainda bem que demora. O homem ainda não está preparado para ser livre.
—Com jeito de quem nada quer você vai aprofundando no assunto, não é?

—Esta é uma questão das mais transcendentes! Criado para ser livre, o homem não sabe ser livre com responsabilidade. Com a sua liberdade de escolha, apenas tem forjado cadeias para si mesmo.
—Odilon - indaguei -, você, que conhece o meu caso, diria que eu brinquei com os sentimentos da companheira que me tolerou por tanto tempo?
—O que você mesmo me diz, Inácio? - devolveu-me a pergunta.
—Não, a consciência não me acusa disto. Apenas lamento termos tido tantas arestas no relacionamento. Mas - observei intrigado - por que você não me responde nada com objetividade? Quase toda questão que lhe propus, foi-me endereçada de volta.
—Quem somos nós, os considerados mortos, para ajuizarmos a conduta alheia? Não encontramos por aqui quem nos absolva ou nos condene. Os que apontam o dedo em riste para os outros estão na tentativa de ocultar os próprios equívocos. A consciência é o Tribunal Divino instalado por dentro de nós. Para a sua paz íntima, a minha opinião nenhum significado teria, concorda?
—Sim, concordo, pois, embora de solteiro no Além, como você me rotulou, sinto que não saldei o meu débito inteiramente, com a mulher que desposei.
—A nossa situação de atraso espiritual é tão alarmante, que, não raro, na ânsia de quitarmos uma divida contraímos outras.
—Não sei quem, certa vez, disse que necessitamos aprender a ser magnânimos na vitória.
—Que vitória, Inácio?! Toda aquela que não logramos sobre nós mesmos tem o nome de fracasso.
—Quem acredita estar se impondo aos outros apenas está se submetendo às próprias deficiências.

COM MINHA MÃE

Após o esclarecedor diálogo com Odilon, fui para o quarto e, ainda me sentindo sem aquela vitalidade, procurei descansar. As horas avançavam céleres e, para dizer a verdade, eu havia perdido completamente à noção do tempo. Se alguém perguntasse, eu não saberia dizer em que mês estávamos que dia da semana era aquele. Desde que deixara o corpo, eu não mais vira sequer um calendário.
Com tantas constatações na cabeça e tentando me adaptar ao novo ambiente que, de fato, era novo para mim, não pude evitar dirigir o meu pensamento para a Terra: com a força da imaginação, percorri o meu antigo sobrado, detendo-me na biblioteca, como se estivesse verificando a presença de cada livro nas prateleiras que o cupim ia destruindo aos poucos. Mentalmente, fui ao Sanatório e tentei me ver em minha mesa de trabalho, que, até então, ninguém se atrevera a ocupar, caminhei pelos corredores e procurei rememorar a face de cada companheiro dos últimos tempos. Curioso o fenômeno: sem sair do lugar, eu estava lá! Seria aquilo o que se dava o nome de dom da ubiqüidade! Quando a saudade começou a apertar, deliberei voltar a mim mesmo e retomar o controle das emoções.
Em lapso de tempo relativamente curto, muita coisa estava acontecendo. Sem que eu pudesse conter o curso das idéias, de repente, vi-me no cemitério, em que o meu corpo havia sido sepultado; algo como que ainda me imantava à minha antiga forma física. Pensei no túmulo que, previdente, tempos atrás eu mesmo mandara construir - o túmulo que, antes, abrigara os restos mortais de minha querida e inesquecível mãe, D. Maricá.
Por onde andaria o espírito de minha mãe? Ninguém ainda me falara nada a respeito dela. De formação católica, certamente estaria numa região diferente do Plano Espiritual, constituído de dimensões que se interpenetram. A figura carinhosa de minha mãe demorou-se em minha mente e, sem que eu soubesse explicar - aliás, o muito que não sei explicar do que sucede deste Outro Lado da Vida é o atestado mais eloqüente de minha mais completa ignorância -, tive-a diante de mim, como se a minha lembrança dela a tivesse materializado no quarto.
Sorrindo-me, a querida genitora, que sempre me aceitara a condição de espírita em silêncio e que tivera uma vida de grande renúncia, saudou-me:
—Inácio, meu filho, finalmente pude vê-lo!
—Mamãe, mas como à senhora está bem! Estarei vendo uma miragem?
—Não, filho, sou eu mesma, a sua mãe Maricá. Não pude vir antes. Quis que você me visse diferente.
De fato, a minha velha mãe havia se transfigurado: - não estava já curvada pelo peso da idade; já não mostrava tantas rugas no rosto; havia readquirido o brilho nos olhos e trajava-se de maneira elegante.
Diante de minha mãe tão moça, eu me envergonhei. Num átimo, desfiaram pela minha mente os meus atritos com ela na maneira rude com que, por vezes, a tratava. O homem não pode mesmo se considerar num patamar social superior, que começa a oprimir os semelhantes. Como era dependente de mim, eu me julgava no direito de repreendê-la. Talvez, em parte, agisse assim por timidez; eu me sentia incapaz de abraçá-la e de beijá-la. Todos os dias, saindo de sua casa nos fundos da minha, a boa velhinha vinha me ver;

quando eu adoecia e me recolhia ao pavimento superior, ela subia as escadas com dificuldade, para me abençoar e verificar se nada estava me faltando.

—Mamãe - disse-lhe -, a senhora me perdoe.

—Perdoar o quê, Inácio?! Eu o compreendia. As suas lutas eram muito grandes. Não podia entender os seus assuntos e, então, me calava. Eu o reparava tão assoberbado, que me resignava a orar por você, temendo pela sua integridade.

—E eu a supunha intelectualmente inferior.

—Era e continuo sendo meu filho. Tenho consciência disto. Por vezes, tentava folhear um dos seus livros, mas os temas envolvendo Psiquiatria e Espiritismo não me entravam na cabeça e, depois, aquela sua arenga com os padres.

—Como nos equivocamos, não é, mamãe?

—É só quase o que fazemos na Terra, meu filho: equivocarmos-nos! Achamos que somos mais que os outros. Lamentável engano! - disse, num suspiro.

—Por vezes, eu chego a pensar que a vida da senhora era inútil. Entenda-me: inútil para o seu espírito: a senhora não saía de casa, não lia, não se interessava pelos acontecimentos. A senhora mal chegava ao portão, mamãe!

—Mas eu pensava Inácio, pensava e orava. Trabalhava com o pensamento, vagueando a incomensuráveis distâncias. As mães não apenas amam: as mães igualmente raciocinam. Espiritualmente, eu tentava-me disciplinar. Não acredite você que eu fosse tão vazia de idéias quanto aparentava. O velho é marginalizado dentro de casa. É marginalizado pelos seus, mas a marginalização social é um excelente exercício de humildade. A gente é obrigada a desenvolver a auto-estima e se introjetar.

Introjetar! Quando eu poderia ouvir dos lábios de minha mãe uma palavra como aquela.

—Tudo isto também aconteceu comigo: não me rejeitavam, mas me desconsideravam. Não atentavam mais com a mesma atenção para o que eu lhes dizia. Supunham-me esclerosado, um entrave até, na modernização das coisas lá no Sanatório. Queriam o meu lugar: "Morto o rei, viva o rei", não é assim?

—Esqueça tudo agora, meu filho. O tempo, invariavelmente, passa para todos.

Após breve interregno, aquela que havia sido a minha genitora na Terra questionou:

—Alguma mágoa, Inácio? Mágoa de casa, mágoa dos amigos?

Observando que o meu silêncio se prolongava, o espírito amigo insistiu:

—Esqueça, não vale a pena. Você fez o melhor; embora estejamos distantes da perfeição, você fez o melhor. Não estou procurando justificá-lo.

—Apenas uma coisa, mamãe, ainda não me saiu da cabeça - o meu testamento. Eu, que sempre me considerei um idealista, deveria ter deixado a minha casa como patrimônio para a Doutrina. Transformaram-na num mini shopping. A minha aposentadoria teria bastado àquela que elegi por companheira.

—Esqueça Inácio, esqueça. O dinheiro é um amontoado de pedras. Pura ilusão!

—Chegará uma época em que o dinheiro nada comprará. Eu me criei desapegado, mas não quis abrir mão de nada. Desconfiei dos confrades. Talvez eles não fossem tão corretos ou, pelo menos, tão fiéis aos meus mais sadios propósitos em favor da Causa.

—Se formos falar em incorreção e deslealdade, convém, para não nos decepcionarmos mais ainda, que encabecemos a lista dos menos dignos.

Não tive alternativa, senão reconhecer:

—É. A senhora está coberta de razão.

NECESSIDADE DE ESQUECER

Reservo-me o direito de silenciar, com respeito, digamos, à segunda parte do diálogo entre mim e minha mãe. Com lágrimas abundantes nos olhos, confessei a ela certos erros.

—Trabalhe filho - disse -, quase ao se despedir, trabalhe para compensar. Devolva com mais suor os empréstimos tomados ao Senhor. Nada nos pertence vivemos nos apropriando daquilo que não é nosso. A rigor, o homem talvez só faça jus ao pão de cada dia, pois tudo mais é apropriação indébita.

—Eu "fazia cortesias com o chapéu alheio".

—Nada do que não esteja por dentro de nós, nos pertence. Somente temos a posse daquilo que sabemos compartilhar com os outros. Agora, Inácio - falou-me, incisiva -, deixe de se censurar. Existe um longo caminho a ser percorrido.

—Sei disto, minha mãe.

—Estive sua mãe, Inácio, e você esteve meu filho. Doravante, seremos apenas o que verdadeiramente somos: irmãos!

Dentro do quarto, a visão iluminada daquela que houvera sido minha genitora, desapareceu.

Estava cansado. Procurando uma poltrona macia rente à cama, soltei o corpo e não demorei a cochilar, escutando as palavras que se repetiam aos meus ouvidos: "Esqueça, esqueça, esqueça". Dormi um sono pesado, semelhante àqueles sonos de domingo à tarde, após o almoço. Quando acordei, a minha noção de tempo estava ainda muito mais confusa. Abri a janela e, pela posição do Sol, pude saber que o dia estava começando. Uma brisa leve e perfumada me reanimou. Aspirando-a seguidas vezes, enchendo e esvaziando os pulmões. Ah! eu quase ia me esquecendo de dizer a vocês que o corpo espiritual também respira), passei as mãos nos cabelos, ajeitei a calça na cintura e saí.

Lá fora, Odilon Fernandes já se encontrava à minha espera.

—Imaginei que você tinha se esquecido do compromisso, Inácio - brincou.

—Preciso esquecer, mas não os meus deveres - retruquei.

—Vamos ver o nosso Antônio José?

—É claro! Ele deve estar esperando por nós.

Entramos no pavilhão por uma outra porta e o percorríamos despreocupadamente, quando, surpreso, escutei uma voz feminina me chamar:

—Inácio! É você, Inácio? Mas não é possível! Há quanto tempo! Eu o reconheceria de qualquer jeito.

Olhei para o amigo, que se mantinha discreto, e nos aproximamos do leito, em que uma figura de mulher se mostrava em estado de visível abatimento.

—Quem é você? - indaguei. - Confesso que não a estou reconhecendo.

—Ora, Inácio! Eu sou a M. - identificou-se, clareando-me a memória. - De quando em quando, você me procurava. Lembra-se agora? Você até chegou a falar comigo em casamento; depois achamos que não ia dar certo. Fiquei doente, mandei avisá-lo. Eu não me esqueço do que você fez por mim; não fosse a sua generosidade, eu teria morrido a mingua. Ninguém mais queria nada comigo. Ficaram sabendo que contraí sífilis.

—M., mas é você?! Há quanto tempo você morreu mulher! Uns quinze, vinte anos antes de mim, não foi?

—Eu não sabia que você tinha morrido Inácio. —Depois que deixei o corpo, fiquei vagando durante muito tempo; o nosso Doutor Odilon é que me socorreu. Estou em tratamento. Passei de mão em mão nas regiões das trevas; praticamente em cativeiro, servindo de pasto humano para entidades malfazejas. Deus me livre daquela vida no prostíbulo. Fui criada sem mãe e sem pai; aos quatorze de idade, fui entregue aos outros por dinheiro. Você foi um dos poucos que me respeitaram e me ofereceram amizade.

—Eu gostava de você. Queria tê-la tirado daquela vida, à qual, infelizmente, você se acostumara.

—É que fiquei com receio de que não viesse a corresponder aos meus sentimentos.

—Mais tarde, uma amiga sua, internada no Sanatório, foi quem me deu a notícia de sua morte.

—Para onde você foi?

—Penalizada da minha situação e temendo espantar os clientes, a dona da casa, na zona do meretrício, conseguiu que eu fosse para a Santa Casa. Não sei o que houve. Eu não estava ainda assim tão ruim para morrer. Fiquei uns dez dias internada e comecei a piorar. Escutei um médico falando em pneumonia.

—Resistência baixa - sentenciei -, devido à ação da sífilis.

—Manchas escuras nos braços e nas pernas.

—Quem providenciou o seu enterro?

—Não enterraram o meu corpo: levaram-no para a Faculdade de Medicina. Saí correndo. No início, acreditei que estavam me transferindo de hospital, mas, quando vi os estudantes me cortando a barriga e fazendo gracejos comigo...

—Felizmente, M., tudo passou, não?

—O doutor Odilon diz que vai passar. Tenho sofrido muito; quase fiquei louca. Fui expulsa das igrejas - pessoas de vestes escuras, homens e mulheres me chamavam de prostituta e me punham para fora. Entrei num centro espírita e não pude falar.

—Rejeição mediúnical - perguntei a Odilon, interessado na resposta.

—De fato - esclareceu -, o preconceito na mediunidade tem sido um problema para os médiuns. Médiuns homens se recusam a dar passividade a espíritos femininos.

—Que tolice! - rematei. - Quando eles vierem para este Outro Lado da Vida, vão ver quem são.

—Calma Inácio! - recomendou-me o dirigente amigo, que se revelava incapaz de qualquer opinião menos prudente.

—Aí, quando voltei para casa - continuou M., indiferente à conversa paralela -, caí nas garras de alguns homens que me esperavam. "Venha - disseram-me eles. Você agora há de nos servir diretamente. Chega de

intermediários. Há muito tempo você é nossa. Vamos levá-la para o nosso chefe, que saberá recompensar-nos".
—Inacreditável! - exclamei.
—A morte é a vida pelo seu lado avesso ou, para ser mais exato, a vida no corpo material é o pólo negativo da própria vida.
—M. - falei, penalizado -, tudo farei para lhe ser útil. Você está em melhoras mais do que as minhas, mas será uma das minhas prioridades.
A sofredora mulher sorriu, apertou a minha mão de encontro ao peito e duas grossas lágrimas lhe rolaram nas faces.

NOVA SURPRESA

Deixando M., que, aos poucos, se recuperava, Odilon e eu seguimos em direção ao leito de Antônio José, o médium cuja história me impressionara.
Caminhando alguns passos, verifiquei que um enfermeiro de porte alto se encontrava prestando assistência ao amigo, que ainda permanecia acamado. O processo de recuperação deste Outro Lado da Vida costuma ser mais lento, porquanto toda melhora do corpo espiritual requer a melhora da condição mental do enfermo; sem, digamos, o abafador do corpo físico, o perispírito é mais suscetível de receber as influências do pensamento.
Aquele enfermeiro, de elevada estatura e de forte compleição, sorriu para mim sem nada dizer, como se encontrasse envergonhado de me dirigir à palavra. No entanto de onde será que eu o conhecia? A sua fisionomia não me era estranha, mas, afinal, tantos pacientes e auxiliares de enfermagem haviam passado pelo Sanatório!
Antes de cumprimentar Antônio José, que estava sendo mais bem acomodado na cama, indaguei curioso:
—Quem é você, meu amigo? Tenho a impressão de que o conheço.
Fixando o olhar em Odilon, como que buscando aprovação para falar, respondeu:
—Ora, Doutor Inácio! Sou eu, o Lindor.
—Lindor! - exclamei, procurando acionar os recursos na memória, ainda não de toda livre dos empeços conseqüentes da desencarnação. Por vezes, durante um bom tempo, eu tinha dificuldade para me situar; de quando em quando, uma dúvida me assaltava o espírito e eu me questionava se, de fato, tudo que eu estava vivenciando era mesmo real.
—Faça um esforço, Doutor - disse-me com largo e simpático sorriso. - O senhor me protegeu no Sanatório, nos meus últimos dias no corpo; além de certa perturbação, fui vítima do HIV. Eu era cozinheiro e não havia quem não me conhecesse em Uberaba, mormente nos dias de carnaval.
—Ah! Sim, então é você, Lindor! - redargüi, com alegria. - Venha cá, deixe-me abraçá-lo. Eu não me esqueci de você em minhas preces.
—Sei disto, Doutor; os seus pensamentos de paz na oração tiveram benéfico efeito sobre mim. Até nem sei como agradecer.
Meio tímido, o antigo cozinheiro se aproximou e abracei-o como um pai que abraçasse o filho. Nem Odilon conteve a emoção.
—Conte-me, Lindor, como é que estão as coisas.
—Estou trabalhando. O nosso caro Doutor Odilon me socorreu. Só de me sentir útil, posso dizer que estou bem. No começo foi difícil. O senhor se recorda, não? Cozinhei em muitas casas de Uberaba, de gente importante, mas quando fiquei doente, não fosse o amparo de alguns poucos amigos, eu teria morrido a mingua. Eu bebia com freqüência, e a vida desregrada favoreceu o contato com o vírus. Quando desconfiaram que eu estivesse contaminado, ninguém mais me ofereceu serviço e cheguei a passar falta das coisas. Eu morava sozinho num bairro de periferia.
—Sim, eu me lembro. Mas o diagnóstico inicial foi cirrose, não é?
—Certo, mas fui um dos primeiros a deixar o corpo pela ação do HIV. Aquela época, os exames laboratoriais não eram tão precisos para detectar o vírus. As minhas pernas incharam, emagreci.
Efetuando pequena pausa, Lindor prosseguiu:
—Fui um menino criado sem pai e sem mãe; quase negro e sem ninguém para me encaminhar na vida, cai nas mãos de pessoas inescrupulosas. Não estou querendo me justificar. Sei que, em vidas anteriores, cometi muitos desvarios sexuais, e há longo tempo estou lutando pelo reequilíbrio das emoções, no entanto estou longe do mais completo domínio sobre mim mesmo.
—Mas você se sente homem ou mulher? - perguntei.

Eu havia, na condição de médico, lidado com pacientes que, quando no corpo, não sabiam se definir interiormente. Imaginei que, fora da influência direta da matéria, as coisas clareassem neste sentido para eles.

—Não sei Doutor Inácio, não sei - explicou-se. - Não me sinto preparado para ter um corpo totalmente feminino. Receio que novas provas me esperam.

—Continua sentindo atração por pessoas do mesmo sexo?

—Sim, continuo, mas não desejo abdicar da minha condição masculina. Talvez eu viesse a ser uma mulher devassa, à semelhança do que fui ao passado.

O caso de Lindor, idêntico a milhares de outros, era um enigma. Duvido que, mesmo depois de morto, Freud tivesse solução para ele.

Percebendo-me sem ter o que me dizer, Odilon socorreu-me:

—Lindor vem se revelando um excelente cooperador nosso nos pavilhões: trata todos os pacientes com respeito e carinho. Incansável, tira poucas horas de folga e, sempre que pode, comparece às nossas preleções sobre mediunidade.

—Eu fui médium - comentou o ex-cozinheiro, mas não participava com assiduidade; fui médium de terreiro. Tinha muita simpatia pelo Espiritismo. Pelo tipo de vida que levava a minha afinidade maior era com as entidades dos cultos afros. Eu recebia a Pomba-gira. Através do meu corpo, muitos desencarnados se satisfaziam sexualmente: homens, mulheres e hermafroditas.

Todos, de fato, revelamos certo grau de insanidade. Apesar do aparente equilíbrio, Lindor ainda demonstrava o espírito viciado: os seus bons sentimentos contrastavam com um estranho brilho no olhar.

Por absoluta incapacidade de achar solução para o seu caso, o que, convenhamos, seria muita pretensão minha, mudei o rumo da conversa.

—Como está o nosso Antônio José? - questionei, abeirando-me do leito de onde o amigo em recuperação acompanhara o diálogo com o enfermeiro.

—Estou mais tranqüilo, esperançoso - respondeu. - Pretendo renascer em breve. O senhor sabe: preciso esquecer e recomeçar.

—Tenho insistido com ele - aparteou Lindor - para que se levante; ele já está em condição de dar os primeiros passos.

—Pois vamos ver isto agora mesmo - falei, retirando o lençol alvo que cobria Antônio José.

—Doutor, as minhas pernas ainda estão fracas.

—E você as quer fracas para a eternidade, não é? Aprume-se, vamos! - ordenei.

Aquela era uma característica minha: quando eu me via acuado por qualquer problema de difícil solução, partia para os extremos. Eu não sei o que mais estava me afetando naquele momento: se o caso daquele paciente acamado ou se o caso do ex-cozinheiro que eu acolhera no Sanatório.

Odilon, não querendo interferir, aguardou o desfecho da situação, que, felizmente, resultou favorável. Com o meu auxílio e o de Lindor, Antônio José se ergueu e ensaiou pequena caminhada em volta do leito.

—Estão vendo? - disse, sem muita certeza do que dizia. - Vocês ficam choramingando por qualquer coisa; esqueçam os problemas; não estacionem a mente no sofrimento. A dor, em quem se automartiriza, provoca sulcos profundos no espírito. Vamos enfrentar a vida. O problema se resume em não se fazer mal deliberado a ninguém. Corpo de homem, corpo de mulher, isto é um detalhe, que, todavia, impõe adaptação do espírito durante a vivência material. O sexo é poder criador. Vocês vivem desperdiçando forças.

SEXO

Lindor e Antônio José, certamente me julgando descompensado, haviam arregalado os olhos para mim.

—Parem com isto - dei seqüência ao meu discurso. — Este pessoal todo que está aqui deitado, aguarda que Deus venha lhes solucionar os problemas. Ora, então, não dramatizemos em demasia. Ninguém é anjo ainda. Precisamos deixar de orbitar em excesso ao redor dos próprios problemas. Não misturem religião com isto. Quem se esforça para servir aos poucos transforma paixão em amor. A promiscuidade é insatisfação pessoal. Não será à custa de barbitúricos que as questões do sexo serão resolvidas - e nem de dramas de consciência. Quantos fazem do sexo a única ocupação da vida?! Teorias em excesso, livros em excesso. Cada qual vive a sua experiência afetiva.

Ante o meu desabafo, que, com certeza, estivera durante muito tempo contido, Odilon não se manifestava.

—Consideremos os animais - prossegui. - A homossexualidade, inclusive, está presente neles. Não devemos nos escandalizar. Somos espíritos em transição. A questão não é o sexo em si: a questão é o mal que pode advir dele para os outros e, conseqüentemente, para nós. Há pessoas que não fazem sexo com o corpo, mas não cessam de fazê-lo com a alma. Quantos homens lesam afetivamente tantas mulheres, e vice-versa?

Quantas crianças nascem do sexo irresponsável? A libido pode e deve ser canalizada; quem pratica o bem aos semelhantes pode se contentar na ação do bem a que se entrega. A Criação Divina é uma manifestação sublimada do erotismo.

Deus se regozija na contemplação de sua Obra. Os santos entravam em estado de êxtase e, assim, se satisfaziam.

Por que notei que o meu discurso enveredava por um caminho filosófico, retrocedi:

—O "atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado" não foi dirigido apenas àquele grupo de homens sem escrúpulos que se preparava para apedrejar a pobre mulher. Cessemos, igualmente, de nos apedrejar. Identificado o erro, não permaneçamos na lamentação.

Oremos e peçamos a Deus que nos possibilite ensejos de reparação. Se os outros nos criticam, fiquemos com a própria consciência. A rigor, quem está em condição de censurar? Os bons não agridem, não rotulam, não humilham. São tantos os preconceitos quão infinita é a nossa ignorância. A reencarnação está aí e o mundo é a nossa escola bendita. Teremos um corpo de mulher na próxima existência? Ótimo; façamos o melhor que pudermos. Será um corpo masculino? Ótimo; procuremos não complicar a vida de ninguém. O corpo, em tudo, é instrumento do espírito. Renasceremos com os membros mutilados, na prova da impotência, por exemplo? Está tudo certo; não vamos ficar doentes ou nos sentirmos incapazes por isto. O que é o tempo numa existência física? Passa com rapidez impressionante.

Curioso, o meu improvisado discurso atraíra a atenção de, pelo menos, mais meia dúzia de pacientes que, segundo soube não se interessavam por nada há muito tempo; três ou quatro deles, imitando Antônio José, se levantaram de seus leitos e se aproximaram de nós.

Sorridente, Odilon observou:

—A sua indignação, Inácio, despertou muita gente; convém que, vez por outra, você dê uma bronca dessas aqui. Lidando com pacientes psiquiátricos durante mais de cinqüenta anos, você desenvolveu especial magnetismo.

—O nosso irmão Doutor Odilon tem razão - emendou Antônio José. - Eu estava precisando ouvir isto; creio que eu esteja com excessiva piedade de mim. Querendo culpar os outros, talvez.

—Não podemos, é certo, concordar com nada que prejudique os semelhantes - apressou-se Odilon a esclarecer; a nossa excessiva tolerância com os próprios erros é que nos complica o carma. Não podemos sair por aí completamente liberados, mas também não vamos nos anular a tal ponto, que a recuperação se nos torne impossível; não vamos nos anular e nem permitir que os outros nos anulem.

—Os outros quem?! — interrogou Lindor.

—Os moralistas - esclareci -, principalmente aqueles que têm verdadeira ojeriza às nossas incursões afetivas. Eles, na maioria das vezes, nos condenam no que fazemos porque não tiveram oportunidade de fazer o mesmo; faltou-lhes ousadia. Somente por este motivo é que nos atiram pedras.

Deixando os nossos irmãos acomodados e menos angustiados por seus complexos de culpa, Odilon e eu nos retiramos.

—Inácio - advertiu-me o companheiro em tom fraternal -, você tem razão em tudo quanto disse, mas precisamos ter cautela; nem todos os espíritos ainda sabem ser livres com a Verdade. O remorso é um freio que nos impede de cair mais profundamente. A sua palavra, sem dúvida, há de surtir um efeito benéfico, mormente para os nossos dois irmãos já com alguma experiência de vida, no entanto.

Dando-lhe razão às ponderações, continuei atento.

—No entanto, vamos com calma. Muitos poderão entender de maneira equivocada as suas colocações. Tabus deverão cair, mas toda modificação social brusca origina problemas de outra natureza.

—Mas a hipocrisia é grande, Odilon! - tentei justificar-me.

—Concordo - falou o amigo, conselheiro -, mormente entre aqueles que se consideram inacessíveis à queda, a hipocrisia é grande, todavia não sejamos nós a pretender condená-los; caso contrário haveremos de incorrer na mesma insensatez. O tempo, através de sua ação silenciosa, se encarregará de tudo colocar em seus devidos lugares. Tenho verificado que, conforme disse certos preconceitos funcionam como diques de contenção moral.

—Li na autobiografia de Santo Agostinho - retruquei - que àquele que ama tudo é permitido.

—Tudo, menos deixar de amar - contestou Odilon, com sabedoria. - O sexo, Inácio, é uma manifestação primitiva do Amor, pois o verdadeiro amor transcende, inclusive, a nossa compreensão atual das coisas.

—Odilon, cerca de noventa por cento dos casos com os quais lidei no Sanatório, inclusive os de obsessão, estavam ligados ao sexo.

—E os outros dez por cento que você não detectou também. Mas, ao invés de classificá-los como problemas da sexualidade, falemos em afetividade: a palavra sexo ganhou hoje uma conotação que extrapola sua função reprodutora. Tudo é carência de afeto, tudo é falta de nossa harmonização com Deus. As coisas, os objetos são simples apêndices da vida. A matéria é ilusão. Tudo se resume a sentimento e força mental. Em

essência, o Universo é isto: mais cedo ou mais tarde, todas as coisas desaparecerão ou, por outra, se transformarão, porque, em essência, nada desaparece. Se algo desaparecesse, para onde iria?
—Perdoe-me, Odilon - roguei.
—Não se preocupe. Às vezes, precisamos mesmo. Como é aquele ditado, Inácio?
—"Chutar o balaio de roupa suja".
—Isto, "chutar o balaio de roupa suja"!
—Nunca joguei futebol, mas sempre fui bom nisto.

O TEMPO PASSA

Sem que eu pudesse lhes dar uma noção de como o tempo se mensura na dimensão espiritual que habitamos, os dias e os meses correram céleres. Aos poucos, fui me adaptando; a minha mente foi se acomodando à nova realidade, como alguém que aprendesse a respirar numa outra atmosfera. O trabalho, intenso, me absorvia as preocupações e, devagar, fui me distanciando das lembranças que ainda me prendiam a Terra. É um fenômeno curioso: apesar de não esquecermos com facilidade o que fomos e, principalmente, o que fizemos, bem como não olvidarmos as afeições que deixamos na retaguarda, algo nos impele para diante. Sem dúvida, a força de atração do futuro é irresistível; por mais o passado nos reclame, concordamos em quitar os débitos contraídos para com ele, desde, porém, que isto aconteça em experiências por vindouras.
Não sei quanto tempo se passou; o certo é que, quando Dona Modesta e Manoel Roberto me convidaram para minha primeira visita, após a desencarnação, ao Sanatório, encontrei as coisas um tanto modificadas. Em contato com o que considerava ter sido meu, não posso deixar de dizer que um sentimento de indignação começou a apossar-se de mim.
—Cuidado, Inácio! - disse-me Dona Modesta - Lembre-se que tudo já se foi. É outro o papel em que você se encontra desempenhando agora no Eterno Palco da Vida. Você foi Inácio, ainda está Inácio, mas não deve ser Inácio, para sempre. Desapegue-se! A visita dos que deixaram o corpo físico aos antigos caminhos trilhados no mundo tem também uma finalidade terapêutica. Durante vários decênios, você usou o que não lhe pertencia; todo o Universo é patrimônio de Deus; outros se apossaram dos bens que, um dia, igualmente haverão de se transferir para diferentes mãos.
A estimada irmã tinha razão, no entanto a nossa primeira visão, depois da morte, das coisas que tínhamos à conta de propriedade inalienável provoca-nos indefiníveis reações.
Antes de irmos ao Sanatório, os amigos me acompanharam até o sobrado que, durante décadas, habitei. Confesso-lhes que não pude controlar as lágrimas. Um mundo de sonhos e anseios frustrados precipitou-se, em avalanche, sobre mim. Certo, eu não possuía apenas lembranças amargas para contabilizar, todavia os nossos equívocos é que têm o dom de incomodar a consciência - mas de abranger tudo o que eu fizera, na condição de médico, espírita e chefe de família, o meu pensamento, num átimo, à semelhança de computador de alta tecnologia, processou todos os dados em torno do que eu não fizera.
Antes de adentrar a minha ex-residência, Manoel Roberto da Silva me preveniu:
—Doutor, não se aborreça com nada. Está quase tudo no lugar. A sua esposa está negociando o sobrado, mas...
—O quê?! - retruquei, espantado. - Negociando a minha casa?!
—A sua ex-casa, Doutor! Não se esqueça de que do seu ex-corpo, a estas alturas, não deve ter restado senão o esqueleto.
—Mas, e o respeito à minha memória? Afinal, não faz tanto tempo assim que sou um ex-tudo - ironizei, tentando não perder o bom-humor.
—Você já imaginou - intercedeu Dona Modesta - se fôssemos manter, intacto, tudo quanto um dia nos pertenceu? Quantas cadeias de posse nos prenderiam? Muitos espíritos só abandonam a Terra, que deixaram pela desencarnação, quando percebem as suas antigas propriedades transformadas em ruínas. Os egípcios mumificavam os cadáveres, com o propósito de que os mortos continuassem a ocupá-los. Em tudo vejamos a sábia manifestação da Divindade. Se os nossos corpos físicos não se deformassem nos túmulos, passaríamos à eternidade deitados nos esquifes, na esperança de retomá-los, como representações de nós mesmos.
Atravessando a porta que dava para minha biblioteca, ou melhor, para a minha ex-biblioteca, em contato com o ambiente que freqüentei, diariamente, por vários e vários anos, quase me humanizei. Creio que, se não estivesse acompanhado pelos amigos que me assessoravam, eu teria impregnado pelas minhas próprias vibrações que ainda pairavam na sala, até me materializado!
—Vários livros foram cedidos a alguns amigos - comentou Manoel Roberto.

Baqueado, eu tentava me recompor! Ali, naquela biblioteca, estavam localizados o meu cérebro e o meu coração. Era como se a minha intimidade estivesse sendo invadida.
São obras raríssimas - comentei, quando pude. - As mais valiosas foram escritas em francês. A Igreja daria uma fortuna pela coleção "A História dos Papas". Eu gostaria que este acervo de muitos anos não se esfacelasse. Parte da saga evolutiva da Humanidade está aqui, nestes livros.
—No entanto, meu caro - observou Dona Modesta, que parecia compartilhar do meu pesar -, para a maioria, não passam de livros velhos, cujo cheiro de mofo incomoda.
—Se possível - argumentei -, desejaria salvar o que sobrou. O erro foi meu: deveria ter deixado um testamento a respeito disto ou feito à doação quando ainda no corpo.
Não comentei nada, mas verificando o expurgo dos meus livros, eu me sentia, de vez, banido de minha própria casa. Não retornaria ali tão cedo, pois, dentro de mim, certos elos haviam se rompido em definitivo.
Mais tarde, com o concurso de diversos Amigos Espirituais, eu haveria de procurar o médium Chico Xavier e, valendo-me de seus muitos desdobramentos mediúnicos, solicitar a sua intercessão para que o que eu considerava como um patrimônio da Doutrina em Uberaba - a minha ex-biblioteca - não se desfizesse totalmente. Atendendo ao meu apelo, o médium teve a gentileza de telefonar à minha consorte e transmitir a ela à vontade do companheiro morto, mas não ainda de todo tão insensível.
Assim que me pressentiram a presença, os meus gatos saltaram sobre mim na cadeira giratória em que me acomodara: eles sabiam que eu estava ali! Acariciei-os como outrora e apenas lamentei não ter às mãos uma lata de sardinhas.
Por vários minutos - para mim, uma eternidade -, entreguei-me a devaneios, enquanto uma luta, da qual eu precisava sair vitorioso, se processava dentro de mim.
Como o meu corpo que, lentamente, se confundia com o pó, eu carecia de libertar o meu espírito daquela tumba em que me encerrara vivo, dela saindo o meu fantasma apenas para assombrar no Sanatório.
Levantei os olhos e pude ver ainda, afixado numa prateleira de madeira próxima à mesa em que trabalhava e fumava diminuto quadro pintado à mão, com a trova de autor desconhecido que eu adotara por lema:

"Eu luto, desde menino,
Com bravura redobrada,
Neste jogo em que o destino
Joga com carta marcada".

VOLTANDO AO SANATÓRIO

Da minha antiga residência, na Avenida Dr. Fidélis Reis, rumamos para o Sanatório. Não fomos caminhando (a distância é longa), mas sim, volitando. Não sei como, mas, de repente, em contato com a atmosfera terrestre, eu comecei a voar, algo mais ou menos semelhante ao que se passa com os astronautas na Lua. Na dimensão espiritual que habito, nós pisamos chão firme e caminhamos como qualquer mortal ou nos servimos de veículos especializados. A faculdade de volitação, segundo a minha condição atual, só me é possível em gravidades que permitam ao meu corpo espiritual "perder" parte de seu peso específico. Sempre fui péssimo em Física e, portanto, não tenho as palavras certas na cabeça para explicar-me melhor.
Assim que adentramos o Sanatório (pelo pensamento, eu já o havia visitado diversas vezes), comecei a verificar as mudanças. Interessante os que sempre instavam comigo para que eu o modificasse o estavam modificando para pior. (Desculpem-me a franqueza, amigos, mas vocês me conhecem!) Aquilo estava cheirando a desunião e ambição; trabalhar mesmo, que é bom, quase nada queriam. Com exceção de um ou outro, entre os quais careço de fazer justiça ao Dr. Adroaldo Modesto Gil, companheiro que, confesso, muitas vezes foi alvo de injustificável ciúme de minha parte, ninguém queria nada com a dureza: muita falação e pouca ação. Sempre tive verdadeira ojeriza de reunião de diretoria: se gasta saliva e não se derrama suor algum! A Diretoria deliberava uma coisa e eu fazia outra. E sempre dava certo. O meu norte para acertar era este: contrariar a decisão da Diretoria.
—Inácio - disse-me Dona Modesta -, as coisas se alteraram.
—Sem sequer ter chegado ainda à cozinha, estou percebendo - respondi lacônico.
—Pelo que vejo o senhor não passa de um retrato na parede. - provocou Manoel Roberto, querendo liberar-me das tensões que se acumulavam.
A resposta que pensei em lhe dar preferi silenciar. Lendo-a, no entanto, em meus olhos, Manoel Roberto começou a rir.
—Ainda bem, Doutor Inácio, que o senhor é assim: espontâneo. - falou-me. - O que não diz, pensa e o que pensa, não diz.

Para ser fiel à verdade, devo dizer-lhes que onde me senti melhor no Sanatório foi na cozinha. Ali, as fofocas eram mais inocentes. O calor do fogo, sob os grandes panelões, cozinhava tudo, inclusive o leva-e-traz, e como, comigo, o que traziam era mais, bem mais do que levavam, eu não sei como aquele pessoal estava se arranjando sem os meus ouvidos. Antes, a fofoca se centralizava em mim, agora, fofoca descentralizada é um perigo: todo o mundo fala de todo o mundo e não tem liderança; sim, fofoca sem liderança faz um estrago tremendo.

Como, quase sempre (os senhores médicos que me perdoem, mas, por favor, não discutam com o médium que me serve de intérprete neste momento; se quiserem bater boca comigo, eis o meu novo endereço: Cemitério "São João Batista".), os pacientes estavam semi-abandonados nos pavilhões; doente psiquiátrico, mais que de remédio, precisa de conversa, e de conversa boa, sincera, descontraída. Meu Deus! A Medicina sem idealismo é um carma para os doentes, e isto para não colocar outra palavra nas reticências.

—Inácio - ponderou Dona Modesta -, você sabe: tudo obedece a certos ciclos. O Sanatório ainda não se libertou de você. Quando você passar, as coisas realmente começarão a melhorar. Isto vai gastar um tempo que não podemos precisar.

—Então - retruquei -, você acha que eu sou culpado deste estado de coisas?

—Sim e não - respondeu-me, tão ou mais franca do que eu em externar a sua opinião.

—Mais sim ou mais não? - quis saber.

—Mais sim - disse sem evasivas. - Não somos responsáveis apenas pelo que de bom acontece à nossa volta. Por que assumiríamos a autoria do que é bom e procuraríamos autores para o mal?

—É duro, porém, você tem razão - admiti. - Já pensei muito nisto.

Enquanto dialogávamos, duas entidades espirituais que nos identificaram a presença aproximaram-se, galhofeiros:

—Então, Doutor, visitando o latifúndio? - questionaram com ironia. - Você achou que não morreria, não é? Lembra-se de nós? Discutimos muitas vezes; você nos doutrinava.

O outro espírito acrescentou:

—É, mandava que fôssemos amarrados e levados daqui. Ameaçava-nos com as trevas. Ora, Doutor, as trevas somos nós - eu, você, estes dois aí. Isto virou de pernas para o ar! Nem nós estamos agüentando. A continuar assim, vamos perder o emprego; antigamente era preciso insistir, hoje basta sugerir: pensamos e eles executam - excelentes médiuns, muito melhores do que aqueles que atraíam a gente para conversar com você naquelas sessões.

—Virando-me para Dona Modesta, comentei:

—Tenho uma vaga lembrança destes dois; vinham sempre juntos.

—Não estranhe Inácio - explicou a querida irmã, sorrindo, bondosa: - Eles praticamente residem aqui.

—Estão obsediando a mesma pessoa? - indaguei, espantado. - Isto tem quase trinta anos.

—Não, a vítima já deixou o corpo. O problema é que se viciaram em vampirizar. Você sabe que na obsessão o tiro também sai pela culatra.

—Apenas os dois vagam por aqui?

—Que nada, Doutor! - Foi à vez de Manoel Roberto dizer: - São dezenas! Disputam cada palmo da instituição.

—E a proteção do Alto? - questionei.

—Situou-os aqui conosco. Acaso esta não é uma casa de caridade? Onde é que deveriam estar? Na rua, perturbando os transeuntes e incentivando tanto a criminalidade quanto os acidentes?

—Venha conosco - chamou-me Dona Modesta, pegando-me pela mão.

Quando chegamos ao lado da Casa do Jardim, localizada nos fundos do Sanatório, nos galhos das árvores e no meio dos arbustos, deparei dezenas de entidades, à semelhança de morcegos, se movimentando. Entendam bem: não eram morcegos, porém quase haviam se transfigurado em tais.

—Não nos aproximemos muito! - recomendou a devotada irmã.

—Poderiam nos fazer mal? - inquiri.

—Não, mas conturbariam o ambiente.

—O que fazem aqui?

—Alimentam-se de matéria mental expelida por pacientes - seus instintos sexuais, seus pensamentos eróticos.

—São homens ou mulheres?

—Homens e mulheres. Observe-lhes os órgãos sexuais avantajados, assim ideoplasticamente produzidos pela torpe intenção de ofertas atraentes a parceiros e parceiras de animalescas aberrações.

De fato, neles, a genitália era desproporcional - o corpo era franzino, mas o crânio e a genitália, quase do mesmo tamanho, evidenciavam-lhes a vida mental.

MITOLOGIA E REENCARNAÇÀO

—Eu não fazia nenhuma idéia - comentei - de que a situação de alguns dos nossos irmãos desencarnados fosse tão drástica.
—Você ainda não viu nada, Inácio - redargüiu a sabia amiga. - O corpo espiritual é suscetível de aberrações teratológicas. A mitologia não é fruto da imaginação humana. Os seres metade pessoas e metade animais pululam nas regiões espirituais inferiores; os instintos como que se lhes sobrepõem à razão e, assim, eles perdem o controle de si mesmos.
—E isto - atalhou Manoel Roberto -, sem mencionarmos a questão da hipnose, que o senhor conhece bem, Doutor; espíritos de mente poderosa escravizam outras mentes. Insistindo na forma animal, querem se opor a Deus, ansiando por fazer com que o homem se degrade, tanto interior quanto exteriormente.
—Dificilmente - retomou Dona Modesta a palavra -, os nossos irmãos do mundo, mesmo os espíritas mais estudiosos, compreenderiam o que estamos vendo ou o que ainda estamos para ver; se ousássemos dizer-lhes tudo, certamente nos acusariam de mistificação.
—E jurariam que tudo não passa de produto do cérebro doentio do médium, não é? - emendei.
—Exatamente. Você se lembra Inácio, de nossas antigas sessões mediúnicas no Sanatório?
—Como não?! - redargüi saudoso daqueles momentos de integração com o Mundo Espiritual. - Foram sessões memoráveis. As suas faculdades mediúnicas nos ensejavam interessantes e valiosas abordagens da vida além da morte.
—Às vezes, então, eu detectava, através da vidência, a presença de entidades em extremo sofrimento, espíritos bastante animalizados, que se arrastavam à semelhança de répteis. Todavia eu procurava me conter. Não raro, cheguei a achar que aquelas visões existiam somente na minha mente, mas, quando deixei o corpo, pude constatar a realidade.
—Tive oportunidade, conforme sabe, de participar de algumas sessões com a presença do médium Xavier, o nosso Chico. Foram duas ou três, mas eu pude observá-lo EM transe, assim que ele transferiu residência para Uberaba.
—As históricas reuniões mediúnicas "sem censura" - lembrou Manoel Roberto - realizadas no Centro Espírita Uberabense.
—Correto. O Chico e outros médiuns de psicofonia, sob a supervisão de nossos Mentores, na segunda metade dos trabalhos mediúnicos, concediam passividade aos espíritos em situação de extremos sofrimentos.
—A chamada zootropia.
—Sim, Manoel. As cadeiras eram arredadas da mesa central e, em transe inconsciente, tomados por essas entidades que perderam provisoriamente a forma humana, os médiuns se lançavam no chão e passavam a rastejar como animais. Não falavam, mas apenas emitiam sons característicos, rosnando como porcos, sibilando como serpentes, ladrando como cães.
—E nós, os doutrinadores, não tínhamos o que fazer, a não ser orar em voz alta e tentar retirá-los daquela terrível fixação.
—Este fenômeno era comum entre os egípcios, ao tempo dos faraós - considerou Dona Modesta. - Foi com base nele que surgiu a crença na metempsicose, ou seja, a idéia de que, por punição, o espírito poderia retrogradar na escala evolutiva.
—Homens cultos eram adeptos da metempsicose - aduzi. - Pitágoras, o grande matemático, afirmava ter reencontrado um amigo seu reencarnado no corpo de um cão, com o propósito de sofrimentos impostos por ele mesmo a muitos animais.
—É uma idéia absurda! - observou o antigo Enfermeiro-Chefe do Sanatório.
—De fato, não chega a tanto - observei, recordando nossos estudos da Codificação. - O espírito, do ponto de vista social, pode regredir, contudo, no que se refere à moralidade, não. Já estive examinando o assunto com Emmanuel, o Mentor de Chico Xavier, no livro "A Caminho da Luz", excelente obra de sua lavra espiritual. Ele nos fornece uma explicação interessante para a metempsicose. Segundo a sua tese, a crença teria nascido com os espíritos capelinos, ou seja, com as entidades que foram deportadas de um orbe da constelação de Capela para a Terra. O corpo humano, contrastando com os seus veículos de manifestação mais aperfeiçoados, parecem-lhes corpo de animal.
—É a polêmica doutrina dos Anjos Decaídos. - completou Manoel Roberto.
—Sim e que, neste sentido, não é tão destituída assim de fundamento.
—Grandes verdades às vezes se camuflam. - aparteou Dona Modesta. Vejamos as famosas lendas que envolvem a figura dos vampiros, dos lobisomens.

Nesta altura da conversa que entabulávamos, uma daquelas entidades espirituais, cuja forma lembrava um morcego ou um gafanhoto - sei lá - aproximou-se; era o maior deles e o que - digamos - me parecia menos asqueroso (desculpem-me a expressão). Olhando-me mais detidamente que os demais, para minha surpresa questionou-me:

—O Doutor Inácio Ferreira, não é?

—Sim, meu irmão - respondi -, para lhe ser útil.

—Gosto do senhor - declarou. - Tenho sentido a sua falta. O senhor nos respeitava.

—Mas - inquiri - como eu os respeitava se sequer sabia da presença de vocês por aqui, ainda mais nestas condições?

—No entanto, sem saber, o seu espírito nos acolhia: a transparência dos seus sentimentos, Doutor, o senhor foi uma das poucas pessoas sinceras que conheci. Há muita hipocrisia entre os religiosos - aliás, o mundo todo é um lixo. Não vale a pena a luta pela sublimação; nós não nos permitimos avançar. Quando alguém nosso ameaça se aprumar, puxamo-lo para baixo.

Digo-lhes que, não obstante criatura deformada, aquela entidade conservava a faculdade da palavra e expressava-se muito bem. Entendíamo-nos sem que ambos quase não tivéssemos necessidade de movimentar os lábios; aliás, não dei por mim quando, no Mundo Espiritual, comecei a ler pensamentos e a me comunicar simplesmente pensando.

—Quem é você? - indaguei curioso por sua verdadeira identidade.

—Não importa; sou apenas um número. Saber quem somos Doutor nos faz sofrer mais ainda - retrucou filosoficamente.

—Entretanto, a vida não cessa com a morte! A imortalidade existe.

—A dor também não cessa. Para que tornarmo-nos qual Jesus Cristo, um dia? Para continuarmos sofrendo? Subir para depois descer? Ao que imagino, a vida é um eterno recomeçar: chegamos perfeitos ao Criador e, em seguida, perdemos a memória, fazendo-nos de novo simples e ignorantes.

—Você supõe que seja assim, não é? Dependurado no galho de uma árvore, meu irmão - perdoe-me -, como é que você pode saber o que se passa nas estrelas?

—Não, Doutor, não me peça perdão. Gosto de ouvi-lo falar assim, sempre gostei; aliás, os meus únicos momentos de descontração, nos quais eu conseguia me lembrar que ainda podia sorrir, era quando o via em ação, indignado.

—As minhas broncas, então, não eram de todo inúteis?

—Com os serviçais desta casa, eram. - redargüiu com certo senso de humor.

O meu diálogo com aquela estranha "criatura" prosseguiu proveitoso:

—Você não me parece um espírito de sentimentos inferiores; não entendo o motivo de persistir na situação em que se encontra. Temos muito a fazer e você poderia nos ser útil.

—Sou útil aqui; mantendo em ordem esta "turma" - disse, apontando para os demais nos galhos das árvores, uns esparramados no chão - Formamos uma comunidade. Assim, queremos simplesmente não ser incomodados.

—E o plano de Deus para a Criação? Vocês se excluem dele?

—Que plano e que Deus? Vivemos, em alguns pontos, em melhores condições que vocês. Nada nos é proibido e com nada nos afligimos. Desconsideramos o que chamam de consciência. Escutar a consciência seria dramatizar a vida. Os homens vivem inventando pensamentos para Deus; em essência, creio que são os homens que criam Deus e não o contrário.

—As suas idéias são perigosas - comentei -, difíceis de contestar.

—Não temos a intenção do mal; agimos por convicção. - redargüiu, embaraçando-me.

Percebendo-me quase sem argumentação, Dona Modesta interveio:

—Meu irmão, carregamos dentro de nós o desejo do melhor; temos noção do que é certo e do que é errado, do que é belo e do que não é.

—Pura convenção, minha senhora - respondeu a entidade, a qual, a meu ver, era detentora de amplos conhecimentos. - Nós não fazemos à apologia do mal; somos devotos da vida natural. Nada de aflição, de trabalho, de querer o impossível.

—Mas, para obter o que querem vocês prejudicam os outros.

—Não, de forma alguma! Nós nos alimentamos de restos e nos contentamos mutuamente; fazemos sexo, comemos, bebemos, dormimos e existimos. O que esperar da vida, além disto? Ir para onde, se todos os Caminhos levam a todos os lugares e, assim sendo, a parte alguma?

Após breve interregno, continuou:

—Fazem pior do que nós os "humanos". Vocês, os religiosos (desculpem-me nivelá-los), exploram os sentimentos alheios; são vampirizadores. Os espíritas ainda têm certa preocupação com os semelhantes e externam sinceramente em suas ações; mesmo assim, não são todos.

A rigor, qual a diferença entre nós? Vivi em vidas pregressas, em diversos mosteiros, participei da Igreja Católica, que conheço por dentro e por fora - mais por dentro que por fora. Tudo é um jogo de ambição, de domínio, de poder. Ninguém acredita noutro Céu que não seja na Terra – com raras exceções de algumas pessoas que nunca pude entender; Francisco de Assis foi um só! Muitos morreram por um ideal mentiroso, sacrificando-se em benefício dos interesses do Estado Romano. Vocês querem saber onde Estão os papas e os cardeais? Estão em situação espiritual precaríssima. Os que não se organizaram depois da morte para se defenderem de seus opositores estão nas cavernas, feitos prisioneiros pelas entidades diabólicas que engendraram.

—Meu irmão - disse, retomando a palavra -, voltaremos a conversar. Faço-lhe, no entanto, uma pergunta: - Você tomou essa forma voluntariamente?

—Claro que sim. Ninguém me domina a mente - respondeu. - Posso se quiser ser um gambá, uma cobra, um rato.

—Poderia ser um pássaro? - indaguei.

—Um pássaro?

—Sim, você poderia tomar a forma de algo que não lembrasse um réptil ou um inseto? Ou, ainda, tomar a forma de uma flor, de uma luz, enfim, de alguma coisa que significasse beleza?

Em toda a nossa conversa, foi à primeira vez que percebi - digamos - aquele "grande gafanhoto" embasbacado:

—Bem... - reticenciou.

—Pode ou não pode? - insisti.

—Não, não posso - respondeu incisivo.

—E você sabe o motivo?

—Não, não sei.

—A nossa identificação com o mal, meu irmão - arrisquei por intuição -, inviabiliza a identificação com o bem, ou seja, nos impede a sintonia com a Força Divina plasmadora do Universo. Além dos nossos limites é que Deus começa dentro de nós. Existe um território sagrado que não podemos pisar sem o consentimento da consciência.

Dona Modesta e Manoel Roberto acompanhavam atentos, os meus argumentos - argumentos que, em verdade, nem eu sabia de que fonte provinham.

—Isto prova que estamos vivendo à margem, que constituímos força paralela à exata Força que, inclusive, não sabemos definir. Não estou aqui para desafiá-lo; apenas efetuo uma visita à minha antiga casa de trabalho na Terra, mas tente pelo menos novamente ser um homem.

—Ah! - respondeu-me com ironia -, isto eu posso à vontade. Se posso ser um réptil ou um inseto, por que não poderia ser um homem?

—Então, tente - insisti. - Gostaria de vê-lo Transfigurando-se.

—É só pensar.

A entidade que, naquele momento, me pareceu concentrar, chegando, para tanto, a cerrar os grandes olhos cm mosaico, esforçou-se quanto pôde e nada.

—Você continua sendo um gafanhoto. - disse.

—Não faço a operação inversa há muito tempo. - redargüiu, preocupado. - Dê-me só mais um minuto, eu posso, eu não estou dominado. Nenhuma mente me controla.

Contorcendo-se e chegando até a transpirar abundantemente, agora, ante a expectativa de alguns de seus companheiros, o espírito foi ficando horrorizado consigo mesmo.

—Não, não é possível! - bradou desesperado. - Tirem-me esta máscara do rosto. Por favor, auxiliem-me, não me deixem assim.

Levando os seus imensos pés à altura do rosto, a entidade correu e se ocultou atrás de uma pequena moita.

—Não sei como se deu isto - comentei com Dona Modesta e Manoel Roberto -, todavia, desde quando encarnado, eu tinha vontade de pedir a um espírito que, à custa da própria força mental, modificasse a sua forma. Foi simplesmente um palpite. Ele está "controlado" pelo inconsciente: se auto-hipnotizou em níveis profundos; não tem força de vontade suficiente para se libertar das algemas que forjou para si. Terá que recorrer a Deus. Se não houvesse uma saída, o caso dele seria insolúvel: passaria a Eternidade assim.

—Inácio, você e as suas "cartas na manga"! - brincou Dona Modesta. - Eu me lembro de suas conversas com os obsessores que se manifestavam por meu intermédio.

—Mas como você pode se lembrar? Você não me dizia que era médium inconsciente?

—Nem tanto, Inácio, nem tanto! Esta história de médium absolutamente inconsciente carece de ser revista. A semelhança de uma chapa de ebonite, no meu cérebro ficava tudo gravado: o que o espírito dizia o que você falava e o que eu pensava.

LOBO E OVELHAS

Afastamo-nos dali. No momento oportuno, a sofredora entidade espiritual receberia encaminhamento. Não era propriamente de nossa competência socorrê-la. Equipes socorristas operavam no Sanatório e Manoel Roberto tomaria as providências cabíveis. Com certeza, o espírito que plasmara no corpo espiritual a forma de um gafanhoto gigante teria que passar por todo um processo de descondicionamento mental, tratamento cuja duração seria possível prever.
Com as demais entidades "morcegos" aparvalhadas, agitando-se nos galhos das árvores - algumas delas em estado de completa inconsciência de si mesmas -, seguimos adiante. Não tínhamos mais tempo para aquela que deveria ter sido uma simples excursão em meu antigo local de trabalho. Entretanto descansar como? De que maneira observar o sofrimento sem tentar interferir?
—Não se preocupe meu caro! - disse a valiosa amiga. - Sabemos da existência de diversas entidades espirituais que praticamente convivem com os doentes no Sanatório; para mim e para Manoel Roberto, isto não se constitui em novidade. As que reparamos instantes atrás são as mais inofensivas; espíritos obsessores com requintes de crueldade aqui também podem ser encontrados. Sem dúvida, são os piores. Altamente intelectualizados, não cedem a qualquer argumentação. Você terá oportunidade de se defrontar com eles.
—Padres e freiras, não é? - inquiri, lembrando meus acirrados diálogos com os desencarnados que se comunicavam, mediante a excelente faculdade sonambúlica dela mesma. Os religiosos pertencentes à Igreja eram sempre os mais difíceis de lidar; somente de quando em quando aparecia um protestante de Bíblia em punho. Mas, como os tempos mudam, os católicos tornaram-se mais maleáveis; hoje, os evangélicos, na Terra e no Mais Além, são os mais ferrenhos opositores da nossa Doutrina. Sinceramente, o fanatismo dos evangélicos reedita o fanatismo dos muçulmanos; esperemos, no entanto, que não se proponham fazer uma "guerra santa" contra nós. Se tal acontecesse, iríamos quase todos parar na fogueira.
Ante o silêncio de Dona Modesta, indaguei:
—Você se lembra?
Sem necessidade de detalhar o conteúdo da pergunta, captando-me o pensamento, a interlocutora respondeu:
—Como não? Você está se referindo ao nosso Tomás, não é?
—Sim, a ele mesmo. Tempos difíceis! Não tive mais notícias daquele espírito; não sei explicar o motivo de certa afeição me ter ligado ao infeliz inquisidor do passado. Você sabe alguma coisa do seu paradeiro? Coisa estranha, ser engolido por uma cobra, uma enorme sucuri!
—Não, eu não soube mais nada do terrível obsessor. Sei apenas que ainda se encontra prisioneiro.
—Detido nas cavernas?
—Passaram a considerá-lo como traidor. A alta cúpula desencarnada da Igreja, refratária aos apelos de renovação íntima do Evangelho, o mantém acorrentado - acorrentado e disforme.
—Exibem-no publicamente - comentou Manoel Roberto -; é uma espécie de "troféu" com que a liderança das Trevas intimida os que ousam pensar em seguir outros caminhos.
—Quantos séculos de dor! - exclamei, procurando respirar mais profundamente, como se sentisse necessidade de extrair forças dos recônditos do ser.
—A queda pela inteligência é terrível – prosseguiu Manoel Roberto. - Às vezes, não passamos de espíritos simples, assemelhando-nos às águas tranqüilas da fonte; todavia, quando a fonte deixa de ser fonte para ser um riacho e depois um ribeirão, as suas águas ficam agitadas.
—Interessante o que você diz meu amigo - aparteei. - É assim mesmo. Na condição de espírita, quanto mais aumentava os meus conhecimentos, mais tinha a sensação de que eu estava piorando. Não sei mais eu me sentia intolerante, exigente, atrabiliário.
—O dono da verdade, não é Inácio? - observou a sincera amiga.
—Algo mais ou menos assim. Por ser médico e espírita, mesmo lutando contra o personalismo e a vaidade, eu não podia deixar de agir com certa superioridade. O diagnóstico correto era o meu e a melhor prescrição era a minha. Mas retomemos o raciocínio do Manoel Roberto. Quando ainda não sabemos nada de Espiritismo ou sabemos pouco, somos mais humildes. Diz o Eclesiastes que quem aumenta ciência, aumenta tristeza. Deveria ter dito que aumenta sofrimento. O conhecimento da Doutrina mexe muito com o nosso interior; de repente, de nossa própria intimidade, aflora uma personalidade estranha, concordam?
—É como se nem nós soubéssemos o que somos não é por aí, Inácio? - questionou Dona Modesta com acerto.
—Sem dúvida. O conhecimento do Espiritismo não nos piora, mas nos coloca em confronto direto com a nossa própria realidade; ensinando-nos o caminho do mito conhecimento, a Doutrina nos conduz pelos escuros labirintos do "eu".

—Existem pessoas - aduziu Manoel Roberto - que não podem mandar; enquanto apenas obedecem, são ovelhas, mas, quando adquirem o menor poder de mando, transfiguram-se em lobos.
—Em lobos famulentos - acrescentei. - O poder é altamente revelador. Se quisermos, de fato, conhecer uma pessoa, concedamos a ela, nem que seja por rápidos instantes, algum poder de decisão. Existem indivíduos que não podem chefiar nem uma manada de asnos.
—"Sobem no tijolo"? - pilheriou o devotado irmão.
—Sobem e fazem longos discursos - respondi, ironizando. - Conheci alguns dirigentes espíritas assim - os famosos donos do centro espírita - e também os que se prevaleciam do poder que lhes era conferido pela mediunidade.
—Isto não é comigo, né, Inácio? - perguntou a devotada obreira, evidenciando preocupação.
—Claro que não! Eu não permitiria que você aparecesse mais do que eu. - A isto, todos rimos.
Precisávamos voltar e o tempo se escoava com rapidez. Ainda um tanto frágil, o meu corpo espiritual ansiava por cama. Ah, que pena que morrer não fosse o sono eterno! Viver dá muito trabalho. Creio que, por este motivo, é que muitos espíritos se "programam" para dormir depois da morte. O conhecimento espírita não nos deixa "pregar os olhos"; saber algo do Espiritismo significa permanecer o tempo todo acordado: quanto mais se sabe, menos sono, porque acabamos nos convencendo de que dormir é perder tempo. O Evangelho nos diz que Jesus teve sede, teve fome e que até chorou, mas é incisivo quando afirma que Ele não tinha uma pedra onde repousar a cabeça, ou seja, o Mestre parecia não dormir!
Não sei como saí do Sanatório - não sei se subimos ou se descemos. Não sendo para o interior da Terra, toda viagem astral que empreendemos é para cima. Não existem abismos no Universo! Portanto, mesmo sem perfeita noção de tempo e de espaço, creio que volitamos para algum lugar além do horizonte!

MAIS TEMPO

Mais tempo se passara do meu desenlace físico; um ano de Vida Espiritual significa muito. Mais bem adaptado, eu me mantinha informado de quase tudo que ainda me dizia respeito na Terra, principalmente o que se referia aos companheiros que, a contragosto, havia deixado. Preocupava-me, sim, com o Sanatório, mas desapegava-me aos poucos. Fixar a mente no passado é não avançar. As preces dos amigos me alcançavam, todavia, longe de ser o espírito benfeitor que me imaginavam, praticamente nada eu podia fazer para atendê-los.
Não sei quanto tempo depois do meu desligamento do corpo, talvez dois ou três anos, Odilon Fernandes veio me convidar para seleta reunião no Mundo Espiritual. Teríamos oportunidade, com mais de duas centenas de pessoas, de ouvir a palavra do inolvidável Doutor Bezerra de Menezes. Finalmente, eu teria oportunidade de conhecê-lo. A gente pensa que, por alguma mágica qualquer, ao deixarmos o corpo de carne, teremos acesso às elevadas Entidades Espirituais que reverenciamos. Grande equívoco! Por aqui ninguém, por exemplo, sabe dizer do paradeiro de grandes vultos do Cristianismo. Em vão, por curiosidade, indaguei pela presença de Paulo de Tarso, de Maria de Magdala, de Francisco de Assis, de Joana d'XX, de Léon Denis e de Allan Kardec. Eu também não sei onde estão - se mais acima ou mais abaixo. Sei que alguns já voltaram a Terra e, presentemente, desenvolvem discretas tarefas em benefício da Humanidade. Nem todos os dias o Sol brilha com a mesma majestade no firmamento. Espíritos existem que, periodicamente, sentem a necessidade de regressar em anônimas experiências no mundo. Conta-se que, antes de reencarnar na roupagem de Eurípedes Barsanulfo, o apóstolo de Sacramento, o espírito que havia sido em existência imediatamente anterior o filósofo suíço Johann Kaspar Lavater, foi humilde lenhador às margens do Borá, aclimando-se para as tarefas que seria chamado a desempenhar.
A evolução do espírito acontece de maneira cíclica, em espiral, à semelhança dos movimentos da onda do mar. Nem sempre a ascensão espiritual acontece de forma acentuada, porquanto o espírito igualmente carece de reciclar idéias. Os espíritos que já lograram a possibilidade de traçar o próprio roteiro, quando a luz do discernimento não se lhes eclipsa pelo incontido anseio de grandeza, estimam vivenciar experiências consideradas menores e, não obstante, de grande proveito espiritual. Assim é, por exemplo, que não nos deveria causar estranheza, caso soubéssemos que o espírito de Maria de Magdala tivesse reencarnado na condição de simples dona de casa ou que Sócrates, o inolvidável filósofo, tivesse voltado a Terra para ser um líder político humanitário - o que, convenhamos, seria muito difícil de rastrear, dentro deste universo de corrupção que domina, na atualidade, a arte de promover o bem-estar social.
Fiquei extremamente feliz com o convite de Odilon e mais emocionado ainda, quando ele me disse:
—O nosso Doutor Bezerra quer estar com você.
—Comigo?! - interroguei, duvidando.

—Por que não, Inácio? - explicou o confrade. - Onde estamos não temos barreiras que nos separem uns dos outros; o Doutor Bezerra anda sem escolta e não possui staf. Ele não se faz anunciar aonde chega a não ser pela luz que de seu espírito se irradia.
—Que diferença! - pensei em voz alta.
—Enorme diferença, meu amigo - redargüiu Odilon. - Este problema vem se arrastando desde o tempo do Cristo e tem, inclusive, contaminado as lideranças espíritas. Para, por exemplo, simplesmente cumprimentar um médium de renome, os sofredores têm que lhe ludibriar a segurança ou corrompê-la. Os apóstolos, muitas vezes, não permitiam que os doentes se aproximassem do Senhor. Recordemo-nos do episódio das crianças que foram impedidas por eles.
—"Deixai vir os pequeninos". - recitei.
No dia seguinte e na hora que havíamos combinado, Odilon passou para acompanhar-me ao grande salão onde o Doutor Bezerra de Menezes nos falaria, provindo da Espiritualidade Superior.
No amplo e bem arejado recinto, uma luz azulínea impregnava o ambiente de tranqüilidade; sobre a mesa, um simples vaso com flores. O Doutor Bezerra nos dirigiria a palavra sem o concurso de nenhuma aparelhagem eletrônica.
Quando nos acomodamos em confortáveis poltronas, Odilon me avisou:
—Inácio, aguce a atenção; o Doutor Bezerra praticamente não articulará as palavras. Irradiará sobre nós a força do seu pensamento e teremos a impressão de ouvi-lo. Cada qual captará o que puder.
—Será que vou conseguir? - perguntei de coração acelerado.
—É evidente que sim. Você já está pronto.
A luz azulínea diminuindo de intensidade e deixando o recinto mergulhado, imerso, em suave penumbra, anunciou a chegada do Mentor de alta hierarquia. Que emoção! Pela vez primeira, eu estava, em pessoa, diante do Doutor Bezerra de Menezes! Reverente, se Odilon não me tivesse contido, eu teria me inclinado à sua presença.
Comparando aquela figura com a de suas antigas fotos de que eu era colecionador, posso dizer-lhes que a única diferença era a sua jovialidade mais acentuada e aquela ternura que de seu espírito emanava com naturalidade. Eu não estava diante do Doutor Bezerra em carne e osso, mas, sim, em espírito e luz!
Sorrindo discretamente e cumprimentando a todos com leve aceno de cabeça, com os seus olhos muito claros e brilhantes, começou a "falar":
—"Filhos, o Senhor seja louvado"! O nosso propósito é o de apenas encorajar-vos na luta que prossegue, sem interrupção. Os nossos irmãos da Terra vêm exigindo-nos sempre maior cota de sacrifício. Não os esqueçamos ante as perspectivas novas que se nos desdobram à visão. O Cristo, na excelsitude que tem não nos olvida a indigência. Ninguém sobe, para olvidar os que permanecem na retaguarda. Quem não desce aos abismos da dor não sabe encontrar os caminhos para as estrelas! Conhecedores da verdade que liberta, consoante as lições hauridas nas fontes inesgotáveis do Evangelho Redivivo, não cogitemos do próprio engrandecimento espiritual, excluindo o próximo de nossos anseios evolutivos. Não busquemos alhures o que temos ao nosso derredor. Para alcançar os Paramos de Luz, ninguém necessita de cogitar viver na atmosfera de Júpiter ou de outros orbes planetários que rolam na Imensidão. Sobre a Terra e nas dimensões espirituais que a circundam, podemos perfeitamente empreender a nossa jornada, sem escalas, para as Alturas! Quem se olvida na expansão íntima, colocando em plano secundário os seus sonhos de ventura e cuidando, sem cansaço, do bem incondicional dos semelhantes, surpreenderá a si mesmo no dilatar das próprias percepções. A conquista do amor se faz acompanhar, para o espírito, do seu séqüito de virtudes divinas. O amor detém em si à essência de toda a sabedoria! Quem não se sacrifica não se realiza; quem não se doa não tem a posse de si.

COM O DOUTOR BEZERRA

À medida que se expressava o semblante do Doutor Bezerra de Menezes se enchia de luminosidade. O silêncio era total. A palavra vibrante do Benfeitor ecoava em meu íntimo, fazendo-me chorar. Naqueles instantes inesquecíveis, conjeturava: Por que motivo me deixara, na vida física, levar por tantas ilusões? Por que perdera de vista, tantas vezes, o objetivo que me propunha? Por que me consentira enredar por tantos problemas de menor significado? A vida no corpo de carne, por mais longa, passa com incrível rapidez, sendo, por assim dizer, um fechar e abrir de olhos. Eu fizera tantas concessões a mim mesmo e perdera o determinismo. Quase, do ponto de vista material, nada tivera, mas mesmo assim, tivera em excesso: eu poderia ter vivido com bem menos, perdoado mais, servido mais, enfim me empenhado mais no ideal. Deste Outro Lado da Vida, semelhantes introspecções nos assaltam a cada momento. Por este motivo, eu não sabia se chorava de emoção, por estar diante do Doutor Bezerra, ou se chorava de arrependimento. A idéia de,

futuramente, ter que recomeçar principiava a germinar em meu íntimo. Sim, eu teria que voltar e buscar o que de mim mesmo deixara perdido.

No recinto de grande recolhimento, o Doutor Bezerra prosseguia:

—"Ninguém jamais faz o bastante, pois somos profundos devedores ao espírito de Jesus Cristo; caso não tivesse vindo até nós e conosco convivido nos caminhos do mundo, ainda hoje a humanidade estaria imersa em trevas mais densas. Precisamos lutar contra os interesses de ordem inferior; o nosso inconsciente pessoal pesa sobre o consciente dos homens e lhes determina as ações. Enquanto não nos redimirmos e produzirmos pensamentos mais elevados, em sintonia com a mente do Senhor, viveremos dentro do círculo vicioso que nos escraviza. Que o Evangelho seja, pois, o norte de nossos pensamentos; deixemo-nos fecundar pelas idéias de Jesus, assim como a terra árida anseia por tornar-se fértil e germinar o trigo, que faz o pão. As conquistas da inteligência têm, em certo aspecto, distraído o homem do objetivo supremo da vida: de que nos vale o conforto material e os extraordinários avanços da tecnologia, se não temos paz, respeito uns aos outros, se fomentamos a guerra, praticamos a injustiça social? O homem, que já viaja pelo Cosmo, não consegue perdoar! Quantos se nos expressam mais diferentes idiomas, mas não sabem falar a linguagem da fraternidade. Pânicos, anseios, perturbações, síndromes psicológicas da mais variada nomenclatura revelam-nos a miserabilidade humana; de fato, o maior problema do homem é o do relacionamento: pais e filhos não se entendem, irmãos se odeiam vizinhos são adversários. Em nome do Cristo, as guerras de extermínio mais sangrentas da História foram iniciadas; os conflitos a pretexto de religião são um contra-senso. Há séculos, o homem desencarna e reencarna quase nas mesmas condições espirituais; o Mundo Espiritual e o Físico funcionam em regime de interdependência. Os que habitam os "porões" das regiões da Vida Infinita moram na casa que povoamos; não podemos ignorá-los, ignorando a nossa própria realidade.

Efetuando diminuta pausa, o Mentor continuou:

—"O Espiritismo na Terra é um esforço de retomada do Cristianismo, todavia, sutilmente, os opositores do Cristo já se insinuam em seus campos de atividade; através da reencarnação, as Trevas estão enviando seus agentes para distorcê-lo. Allan Kardec, o inolvidável Apóstolo, advertiu-nos que a luta maior seria travada entre os adeptos da Terceira Revelação - luta pelo poder, pela eminência espiritual, por liderança, por ambição, por dinheiro. Infelizmente, muitos são os médiuns que se têm desvirtuado, os companheiros que daqui partem carregando as nossas melhores esperanças e que as frustram. A seara espírita jaz contaminada pela presença do joio. O objetivo, não nos iludamos, é o de fazer-nos perder tempo. A mediunidade tem sido uma porta escancarada à invasão das Trevas; são muitos os núcleos espíritas que se encontram dominados por práticas estranhas, que nada têm a ver com a simplicidade dos nossos princípios. Os mensageiros que lhes são enviados do nosso Plano e que os advertem, periodicamente, são mal interpretados e têm a sua palavra distorcida: crêem, por pura conveniência, que o recado dado é para os outros e jamais para si. Aplica-se, com extrema facilidade, a lição para os demais, para os que, segundo se deduz, se corromperam, mas raros - raríssimos - os que se dispõem a aplicá-la a si, aguçando os ouvidos e o entendimento. O esforço do Espírito Verdade não pode ser esquecido; na codificação, os Espíritos Superiores joeiraram o campo da fé, libertando-o de secular erva daninha. Não a reguemos com o fanatismo e com os nossos interesses subalternos; com extrema facilidade, o joio arrancado à gleba volta a florescer, comprometendo a lavoura. Não nos basta, pois, identificá-lo e extirpá-lo; carecemos, sobretudo, de negar-lhe alimento para que sequem as raízes que se escondem nas profundezas do solo.".

Tive a impressão de que, nesta altura de sua preleção, o Doutor Bezerra de Menezes, se erguia do solo, em natural fenômeno de levitação. De seu tórax, raios de safirina luz partiam em nossa direção, como se, naquele instante, um orvalho divino e desconhecido nos abençoasse. Olhei para o meu corpo espiritual e verifiquei que a luz que emanava do Benfeitor era parcialmente absorvida por mim.

—"Filhos - encerrou dizendo -, não existe outro caminho fora daquele que nos foi traçado pelo Cristo: ninguém atinge a Grande Altura seguindo pela porta larga. Por mais o homem se alteie em inteligência, ele deverá aprender a amar - isto é inevitável! A desencarnação, conforme podemos constatar, não conduz ninguém a um Céu imediato, que não existe. Inútil aguardar promoção sem verter suor abundante; não há favorecimento ilícito por parte da Lei Divina. Toda ascensão é constituída de asperezas. Mais que o sacrifício solicitado aos antigos cristãos que pereciam nos circos romanos, somos agora chamados a silencioso testemunho, porém não menos heróico. O caminho para os Cimos, à exata medida em que nos aproximamos de nossos acalentados anseios do sublime, estreita-se e somente nos concede passagem individual às Dimensões da Luz. Na hora de demonstrarmos o que já sabemos, estaremos a sós! Que o Senhor nos cubra de bênçãos e que Maria de Nazaré, nossa mãe pelos laços do espírito, estenda sobre todos vós o seu manto marchetado de estrelas!".

Aquela luz que aureolava o Benfeitor - luz que lhe era própria, mas que igualmente lhe fora acrescentada de fonte desconhecida -, diminuiu de claridade, não obstante prosseguir nos deslumbrando a visão. O Doutor Bezerra desaparecera, perdera a forma humana, transfigurara-se num ser de luz. Passou-se um tempo, até

que lográssemos nos recompor. Dizendo de mim, afirmo-lhes que fiquei certo período de tempo, que não sei definir, sem tomar contato com a realidade.
Quando recobrei o domínio, Odilon me chamava:
—Inácio, aproximemo-nos. O Venerável Benfeitor não se demorará no ambiente.
Não sei como fui parar diante do Doutor Bezerra - eu não tinha pernas para dar um passo sequer. Ao chegar a minha vez de cumprimentá-lo, o Mentor deu alguns passos na minha direção, abriu-me os braços fraternais, aconchegou-me ao peito e disse-me com inesquecível inflexão de voz:
—Inácio, meu filho, há quanto ansiava pela oportunidade de abraçá-lo!
Como, meu Deus, aquele homem poderia saber o meu nome?!

ESCLARECENDO DÚVIDAS

Eu me sentia sem condições de dizer sequer uma palavra. A presença do Doutor Bezerra de Menezes me inibia; a alegria de vê-lo pessoalmente era imensa. Indefinível sensação de bem-estar me dominava e, se pudesse, teria continuado simplesmente desfrutando de sua companhia. Percebendo-me o embaraço e a timidez, o Benfeitor procurou deixar-me à vontade, comentando:
—Você realizou importante tarefa na Terra, meu velho. Não seja assim tão severo consigo. Quando, sob as influências do corpo material, todos claudicam muitas vezes. A vida prossegue e as oportunidades de trabalho se multiplicam. O Senhor conta conosco e não devemos fazê-lo esperar por mais tempo. Não sejamos mais como a figueira estéril da parábola.
Instado por Odilon, que a tudo assistia com discreto sorriso, balbuciei:
—Cometi muitas falhas. Eu deveria ter feito mais; creio que extrapolei nas críticas dirigidas à Igreja: as minhas polêmicas com os padres se transformaram numa espécie de obsessão na minha cabeça. Errei muito, muito.
—Ninguém é infalível, Inácio - respondeu-me o Venerando Mentor. - Até quando nos dispomos a fazer o bem, na alegria de praticá-lo, permitimo-nos certas concessões infelizes; estamos, aos poucos, aprendendo a lidar com nós mesmos. Os Apóstolos que seguiam Jesus supunham-se privilegiados e em melhores condições espirituais que os outros; todavia, na hora do testemunho, constataram a própria fragilidade; o remorso por ter negado o Cristo e fugido no momento crucial é que possibilitou a Simão Pedro superar-se. Você agiu, meu filho, com boa intenção e fez o que lhe estava ao alcance, pelo ideal da Verdade.
—Compreendo, mas - disse, com os olhos marejados de lágrimas - não amei o suficiente; sufoquei dentro de mim os melhores sentimentos - fiz o que fiz pela razão e não pelo coração. Faltou-me flexibilidade. Muitos ganharam com meu jeito de ser, só eu perdi! A consciência me diz que andei bem perto de alcançar significativa sintonia espiritual. A nossa imperfeição é tanta que não estamos sequer preparados para estar com a Verdade.
Sinceramente, eu não dava por mim no diálogo que me estava sendo tão útil; ainda hoje, quando tento relembrar aqueles instantes fugazes com o Doutor Bezerra de Menezes, tenho a impressão que não dialogamos mais que dois ou três minutos, que, no entanto, me pareceram duas ou três horas.
—Conheço os seus livros, Inácio - falou-me com bondade e ternura. - "Novos Rumos à Medicina", "A Psiquiatria em Face da Reencarnação". Sem dúvida, obras de real valor doutrinário.
—Que já foram esquecidas - redargüi.
—Não de todo, meu filho. Cumpriram com a finalidade de inspirar novos autores que, por sua vez, escreveram outras. Existem obras assim: são escritas descortinando caminhos, derrubando barreiras, ampliando horizontes.
—Inspirei-me - comentei - para escrevê-las, em "A Loucura Sob Novo Prisma".
—Anotações despretensiosas, meu filho, que me atrevi a transformar em livro; o problema da obsessão sempre me preocupou: conheci-o de perto, dentro de casa. Grande parte dos que me procuravam os préstimos de médico estavam sob perniciosa influência espiritual. A obsessão, sem dúvida, é uma questão alarmante entre os homens.
—O livro do senhor - reafirmei - foi pioneiro no Brasil.
—Inspirei-me, por minha vez, em Allan Kardec, notadamente no capítulo XXIII de "O Livro dos Médiuns". Hoje existem obras de maior atualidade doutrinária; o nosso André Luiz vem realizando excelente trabalho - trabalho que, por sua vez, tem se constituído em fonte de inspiração para muitos médicos de formação espírita.
—Quando puder - falei em seqüência ao diálogo -, pretendo escrever alguma coisa, na condição de espírito liberto - é claro, se conseguir um médium compatível.

—Não tenha pressa. Os nossos companheiros de ideal, em maioria, não estão preparados: a revelação da verdade necessita ser dosada. Se, porventura, uma oportunidade se lhe oferecer de algo escrever para os nossos irmãos, limite-se às suas experiências de espírito fora do corpo; todos anseiam por maiores detalhes da vida que os aguarda além da morte, mas é pura curiosidade. O problema fundamental, que muitos olvidam voluntariamente, é o da renovação íntima. André Luiz e alguns outros irmãos desencarnados já avançaram o suficiente no campo da revelação; os nossos companheiros na Terra carecerão de tempo para absorver-lhes às lições.

—Tenho começado a trabalhar por aqui, no entanto ainda percebo indefinido o meu caminho. Não sei precisar, mas algo me incomoda - algo que pressinto que precisa ser feito.

—Neste sentido, as suas percepções irão clarear dentro em breve. Não se aflija. Tudo que vem de Deus vem na hora certa. Procure Inácio, colocar-se em condições para que o Senhor o utilize como instrumento de sua vontade. Não queiramos fazer outra coisa que não seja concretizar os propósitos do Divino Amigo. Iniciativas de caráter pessoal no campo da fé costumam ser desastrosas. Lembremo-nos das sábias palavras de Paulo: "Já não sou eu que vivo; o Cristo é que vive em mim". Por enquanto, continue se fortalecendo junto aos nossos irmãos enfermos aos quais você vem prestando atenciosa assistência. Na maioria das vezes, meu filho, são os doentes que curam os médicos de suas idiossincrasias espirituais.

Não pude conter o leve sorriso que se me esboçou nos lábios. De fato, eu estava sob tratamento - o tempo todo eu estivera sob tratamento sem perceber. Realizara a primeira etapa do meu tratamento no Sanatório e, agora, a segunda etapa estava sendo levada a efeito nos pavilhões com o Antônio José, o Lindor, com a M. e tantos outros que já conseguia identificar pelo nome. Reerguendo-os para a vida, eu estava me colocando de pé!

Não era justo deter o Doutor Bezerra ao meu lado por mais tempo. Em poucas palavras, ele me dissera o essencial; o resto seria mesmo comigo. Habituado a soluções prontas e imediatas para as questões que sempre me afligiam, estava tendo que aprender a esperar.

Conversando com Odilon Fernandes o que não pude captar, tão preocupado me encontrava em fixar tudo quanto o Benfeitor nos transmitira, antes de atender a outros que continuavam na expectativa de ouvi-lo em particular, o Doutor Bezerra de Menezes me abraçou e, paternalmente, me osculou as faces.

—Nós nos veremos mais vezes, meu filho. Estaremos sempre juntos. Em nossa jornada para a luz, não dispensamos o concurso dos companheiros. Nem o Sol é auto-suficiente. Todos, em essência, refletimos uma claridade que não nos pertence. Até breve!

Qual se, naquele exato momento, despertasse de um sonho, quando pude me situar, já estava com Odilon fora do grande salão, onde nos reuníramos para escutar a palavra do Benfeitor. Caminhando por alamedas floridas e procurando encher os pulmões com o ar balsamizado, ouvi o bom amigo me questionar:

—Como é, Inácio, mais tranqüilo agora?

—Mais tranqüilo e mais envergonhado - respondi cabisbaixo. - Eu me senti feito uma criança. Não deveria ter me queixado tanto; falei muito de mim mesmo.

—Isto é assim, meu caro irmão - observou o companheiro, envolvendo-me com um abraço: - quando nos sentimos na presença de alguém que nos merece confiança, naturalmente começamos a falar de nós.

—É, mas eu devia ter aproveitado melhor o encontro - respondi desolado.

MEDIUNIDADE

Enquanto prosseguíamos caminhando por entre as alamedas do extenso parque, em que muitos outros espíritos se entregavam à meditação ou à leitura de livros diversos, Dona Modesta e o benévolo Manoel Roberto vieram ao nosso encontro.

—Olá! - saudou-nos a irmã de forma descontraída. - Como foi Inácio, o seu encontro com o Doutor Bezerra? Conte-me tudo.

—Ora - respondi -, você já deve saber como foi, Modesta; aliás, por aqui vocês sabem de tudo! Sabem de tudo e perguntam à gente, que não sabe de nada. Vocês tramam o tempo todo - caçoei. - Só porque sou um novato na Vida Espiritual, vocês abusam. Deixem estar, que hei de dar-lhes o troco.

—Ótimo Doutor! - interveio Manoel Roberto. - É assim que gostamos de vê-lo.

—Ríspido, não é? Se eu não for grosso, não serei eu, não é?

—Não é bem assim, Inácio. É quase assim, mas não tão assim - disse a Benfeitora, com uma piscadela de gracejo.

—Amanhã, Doutor - explicou Manoel -, vamos a Terra.

—Ah! Vocês irão a Terra? Viraram astronautas! Defuntos-astronautas. É chique dizer "Vamos a Terra". E o que os senhores pensam em fazer por lá? Assombrar alguém?

—Vamos participar de uma sessão mediúnica no Sanatório. - explicou Modesta. - Quer vir conosco? Quem sabe, você possa se expressar aos nossos irmãos?

—Para quê? Só se for para xingá-los. (Por favor, Senhor Médium e Senhor Revisor, não me queiram tolher a liberdade de dizer o que penso, da maneira que penso.) Aliás, para que saibam que sou eu, basta mesmo que eu abra a boca ou que acenda um cigarro. Vou dizer a vocês o que penso: Os meus gatos, que ainda sobrevivem no Sanatório, apesar da vontade de alguns de expurgá-los, serão melhores intérpretes meus do que os médiuns que andam por lá.

Odilon sorriu e, querendo me conter, pressionou-me levemente o braço com a mão.

—Não, Odilon, é sério! Você tem mais ética do que eu, não diz nada, mas eu não me calo. Os médiuns não querem estudar, não querem disciplina. Ficam parados, ao redor da mesa, feito uns robôs; nem pensar eles pensam; esvaziam a mente de idéias, esperando que os espíritos façam tudo. Isto não é mediunidade, se o pobre do morto pudesse fazer tudo sozinho, os médiuns seriam meras figuras decorativas. E, depois, mentem: dizem que são inconscientes que não se lembram de nada. Mediunidade é um emaranhado.

Permitindo-me o desabafo, Odilon tentou amenizar:

—Inácio, você tem razão, mas...

—Meu irmão, você me perdoe - você, a Modesta, Manoel Roberto e mais alguns que venham a acompanhar a nossa prosa. Pois bem, eu chego ao Sanatório com vocês; disponho-me a falar com os presentes, dar, enfim, o meu recado. Pretendo chamá-los à razão, puxar-lhes as orelhas, dizer-lhes a verdade sem meios termos. Procuro um médium que me faça sintonia, não importa se homem ou mulher. Acontece, porém, que o que eu tenho para falar vai contrariar interesses - o interesse do fulano diretor, do sicrano funcionário, do beltrano espírita. O médium me acolhe, me agasalha, abre a boca e só deixa passar o que não conflita com os seus pensamentos. Sendo assim, o que eu vou fazer lá? Passar raiva? Passar raiva, eu passava na condição de doutrinador, de dirigente dos trabalhos mediúnicos do Sanatório, que fui por mais de cinqüenta anos.

—Inácio - insistiu Odilon -, não existe medianeiro completamente isento. O melhor médium não é o médium perfeito, que não existe, mas, sim, o que nos cerceia menos a liberdade de expressão.

—Nós, os considerados mortos, em matéria de mediunidade temos que nos contentar com percentagem: 30% nossos, 70% do médium. Quando, pelo menos, são 50%o para cada lado, vá lá. Raro o médium que nos permite o empate. E isto, sem falarmos nos médiuns que vivem colocando palavras inteiramente suas em nossos lábios: é tal de termos dito, sem termos dito nada. É uma coisa pavorosa! Médium que se prevalece da faculdade para conseguir os seus objetivos é médium sem convicção e sem ideal.

—Doutor - aparteou Manoel Roberto -, o senhor está mesmo.

—Estou, estou exorcizando. Existem exceções, mas não sei onde. A Modesta era uma delas. Quando ela resolveu me deixar sozinho, fiquei literalmente sozinho.

—Não foi por minha vontade, Inácio.

—Sei que não foi, mas você devia ter ficado. Eu fiquei lá, com os doentes e com os médiuns, alguns mais doentes ainda. Você, Modesta, você se dedicava, estava todo dia no Sanatório, acompanhava os casos e, portanto, tinha o seu trabalho de médium facilitado. Os médiuns hoje querem improvisar. Quanta mistificação!

—Afinal de contas, Doutor - indagou Manoel -, vamos ou não vamos?

Para surpresa - será? - dos três amigos que me toleravam a bílis, respondi:

—Vamos, vamos sim. Se eu não conseguir falar o que quero, pelo menos vou atazanar a vida de muita Gente. O meu "fantasma" vai rondar por lá.

Os companheiros sorriram, eu também sorri. No outro dia, quase ao cair da tarde, rumamos em pequena expedição.

O cenário é o que vocês já conhecem, de uma reunião mediúnica: médium chegando em cima da hora, com justificativas vazias: "estava com visita em casa", "choveu na hora de sair", "desarranjo intestinal", "o telefone tocou". Em torno de dez pessoas ao redor da mesa. Se fosse um trabalho de cura, com médium de bisturi em punho, roupas brancas e dinheiro correndo solto haveria muita gente. Para minha surpresa, naquela noite, só dois médiuns de incorporação compareceram: um homem e uma mulher; o médium-homem cochilou a reunião inteira - não houve desencarnado que dele conseguisse se aproximar. Jantara antes da sessão e entregou-se ao desdobramento.

Apenas dois espíritos, dos muitos que estavam no recinto, lograram dar o ar da graça naquela noite, através da medianeira anônima: um que havia cometido o suicídio, e eu, que, se pudesse, estrangularia alguém.

A reunião durou menos de uma hora, com o dirigente olhando para o relógio de dez em dez minutos.

Desnecessário que eu lhes descreva o resto. Aproximando-me da médium, que não sabia se escrevia ou se falava se era psicografa ou psicofonia, fiz o que pude. Contive-me tanto ou fui contido, não sei que não pude sair do lugar comum - ou seja, fui anulado. É lógico que - brincadeiras à parte - eu não queria esmurrar a mesa, mas pelo menos, esperava ser um pouco mais Inácio do que nada que pude ser. Limitei-me - ou a

médium limitou-me - a dizer coisas amenas, em tomo do perdão e da caridade. Nenhuma palavra que pedisse mais ordem e que chamasse aquela gente à responsabilidade. Não logrei vencer a resistência e ao desinteresse. Não imaginem que eu esteja criticando. O meu propósito não é este. Mas é uma pena observar o pequeno rendimento mediúnico de um grupo que se propõe manter contatos regulares com o Além.

PAULINO GARCIA

Várias vezes, em espírito, tive oportunidade de Voltar ao Sanatório, bem como de visitar diversas outras instituições que pugnam pela Doutrina em Uberaba. Em algumas oportunidades sozinho, mas, na maioria delas acompanhado, estive no "Lar Espírita", na "Casa do Cinza", no "Centro Espírita Uberabense", no "Grupo Espírita da Prece", apenas para citar alguns dos grupos que visitei, sempre participando de seus labores espirituais, todos de muita importância para a Doutrina.
Sensibilizando diversos medianeiros, na medida do possível, entrei em contato com os confrades que, de certa forma, me reclamavam a presença; superando os obstáculos naturais existentes no intercâmbio mediúnico, expressei-me através da palavra articulada ou escrita, transmitindo os meus recados de além-túmulo, sempre com a franqueza que me caracteriza, mas também com muita alegria pelo ensejo de fazê-lo. Os irmãos de ideal, quanto mais simples e humildes, despertavam e despertam a minha admiração pelo esforço com que perseveram na tarefa; se para alguns núcleos é fácil sustentarem-se de portas abertas, outros, não raro, sequer possuem recursos financeiros que atendam as despesas inevitáveis para que continuem funcionando.
A rigor, não posso me queixar. De todos os médiuns que me aproximei, nenhum se furtou a cooperar comigo para que a minha palavra de espírito liberto se fizesse novamente ouvir nos caminhos do mundo; se for verdade que a mediunidade possui seus limites, não é menos verdade que é o único canal disponível para contatar os que deixamos nas retaguardas da experiência física.
Escrevendo agora sob a ação desta crise de seriedade que não sei de onde me veio, digo-lhes que quase todos os comunicados mediúnicos atribuídos a mim são autênticos. Os que não transmiti diretamente, não hesitaria em referendá-los, pois que, em essência, expressam o teor dos meus pensamentos. Evidentemente, estou me referindo aos comunicados não destituídos de senso doutrinário, posto que - e isto também é verdade – um sem-número de desencarnados infelizes estão sempre à espreita e não perdem a chance de ludibriar os incautos, principalmente nos momentos mais difíceis do sanatório - de desunião, de ambição, de falta de transparência, de ausência de amor à causa - procurei e tenho procurado me fazer escutar; antes, porém, eu tinha o poder de decisão nas mãos - o poder de demitir, de corrigir, de cortar salários -, agora nos últimos tempos, inclusive, tenho sentido que, com a renovação do pessoal que trabalha no hospital em que trabalhei por mais de cinqüenta anos, o meu espírito, psiquicamente, tem sido rejeitado; os nossos médicos, enfermeiros e até pacientes não me conhecem: para eles não passo de ser o que, de fato, sou agora: um simples retrato na parede - retrato que as minhas amigas traças e os meus amigos cupins farão o grande obséquio de consumir. Curiosa, no entanto, esta minha constatação, porque eu não posso e não devo viver de espírito preso ao sanatório: de certa forma, esquecendo-me, estão me libertando. Ainda não me sinto de todo liberto - tanto é assim, que aqui me encontro escrevendo estas reminiscências, mas, conforme ouvi de alguém certa vez em palavras atribuídas a Chico Xavier, "não se deve cortar onde se pode desatar", o espírito desencarnado que mantém contatos regulares com os médiuns, às vezes por tempo longo, enfrenta, posteriormente, dificuldade de readaptação psicológica à realidade em que vive. Não posso generalizar, mas com muitos isto acontece: determinados espíritos se habilitam tanto a conviverem com os homens, que não querem, depois, outro tipo de vida.
Não sei se estou me fazendo entender, todavia este é um dos graves problemas que envolvem a tarefa do intercâmbio mediúnico deste outro lado da vida. Quase sempre, estas entidades, quando se liberam dos contatos com os médiuns de sua preferência e afinidade, por circunstâncias naturais de impedimento, como, por exemplo, as condições de saúde dos medianeiros ou mesmo a sua desencarnação, são praticamente conduzidos de imediato a um novo corpo; em mediunidade, portanto, não existe herança: o espírito não herda o médium e o médium não herda o espírito; dificilmente um espírito se transfere de médium, e vice-versa. A parceria mediúnica cessa quando o sensitivo ou a entidade espiritual que lhe controla mais diretamente as faculdades se revela impedida de continuar o processo. O médium não é "dono" dos espíritos que por ele se expressam e nem os espíritos têm qualquer certificado de propriedade sobre os médiuns que lhes servem de instrumento, todavia convém cautela com os medianeiros que se apropriam dos espíritos que não lhes "pertencem".

Mergulhado em semelhantes reflexões, que tomei o cuidado de anotar num pequeno pedaço de papel, com a intenção de discuti-las mais tarde com o amigo Odilon Fernandes, fui surpreendido por ele e por um jovem de que se fazia acompanhar.

—Inácio - disse-me ele -, quero apresentar a você o nosso Paulino Garcia.

—Já ouvi comentários a seu respeito - falei, estendendo-lhe a mão. - você tem escrito para a terra, não é?

Com simpatia, o rapaz, que logo me cativou pela sua simplicidade, respondeu:

—Escrever não é bem o termo, não sou escritor; apenas rascunho algumas anotações que julgo serem úteis aos nossos irmãos.

—Os livros dele têm sido bastante apreciados, Inácio - atalhou Odilon. - Paulino possui senso de observação e o dom da síntese.

—O dom da síntese é importante - comentei. - hoje em dia, o pessoal não anda tendo tempo para nada. Obras maçudas ficam nas prateleiras. Na minha época, a gente as lia, mas não havia televisão, barzinhos, boates.

Na verdade - preocupou-se Paulino em esclarecer -, não sou o autor dos livros que assino: o que aprendo com o doutor Odilon, com o irmão José e outros passo para o papel.

Irmão José. Desde que eu deixara o corpo, ainda não tivera oportunidade de me avistar com esse espírito. Por onde andaria o venerável mentor? Recordava-me dele com extremo carinho, de seus oportunos comunicados no sanatório e no "uberabense", através de Dona Modesta.

Não contendo a curiosidade, indaguei:

—Odilon, você tem notícias do nosso irmão José?

—Como não, Inácio? - exclamou. - estamos sempre em contato e já conversamos diversas vezes a seu respeito. As ocupações dele são muito vastas na vida espiritual. Além de seu vínculo com o espiritismo especificamente em nossa região, irmão José integra um conselho de espíritos superiores que planeja ações que objetivam o progresso da humanidade; raramente temos oportunidade de desfrutar de sua presença. - aliás, Inácio - observou Odilon -, a sua intuição anda afiada; eu e o Paulino estamos aqui justamente por solicitação de irmão José, que deseja uma reunião conosco.

—Reunião?! - perguntei deveras surpreso.

—Sim, um de seus emissários veio ao meu encontro e agendamos para amanhã. Certo de que você estimaria estar com o inesquecível benfeitor, tomei a liberdade de confirmar a sua presença e depois...

—Depois o quê, Odilon?

—Você está com tempo sobrando. É hora de desenferrujar os artelhos. Manoel Roberto e nossa irmã Modesta participarão conosco.

—Creio que temos trabalho pela frente.

APREENSÃO E EXPECTATIVA

Com grande expectativa, esperei a chegada do dia seguinte. O que será que nos aguardava? Alguma repreensão? Motivos, eu os tinha de sobra, para pensar que o benfeitor espiritual me repreenderia pelos meus erros. Afinal, sempre carecemos de alguém que nos auxilie a abrir os olhos para nós mesmos, já que, por melhor que nos enxerguemos, sempre evitamos um confronto muito direto com a verdade. Nunca nos animamos a descer tão fundo na própria realidade, receosos da indispensável mudança a ser empreendida; existem, digamos assim, alguns vícios que estimamos preservar para consumo.

Reconheço que, à semelhança de tantos, me justifiquei em excesso em minhas mazelas, permitindo-me certas concessões que agora lamento. Desde que deixara o corpo, eu não me levantava do banco dos réus, todavia nenhum promotor me censurava com tanta veemência quanto à voz inarticulada da consciência; o que o espiritismo - o seu conhecimento - não conseguira fazer por mim no mundo, estava fazendo agora.

Estar diante de irmão José me envergonhava por antecipação. O querido mentor estava sempre presente em nossas atividades e, com certeza, me conhecia além do que eu procurava aparentar.

Apenas um pensamento me socorria: eu havia procurado ser sincero no ideal. Esforcei-me quanto pude para defender a doutrina de seus opositores, mais no campo do discurso do que no do exemplo - admito -, mas eu não era de deixar o espiritismo à mercê dos ataques que lhe eram desferidos, principalmente pelos padres.

Quando Odilon passou, eu já estava pronto - pronto e apreensivo.

—Você me parece preocupado - observou o companheiro.

—Não vou Odilon, esconder de você o meu estado de espírito; somos amigos, nos conhecemos desde muito tempo, mas sinto-me acanhado de comparecer à presença de irmão José.

—Mas - o retrucou -, você já esteve, inclusive, com o Doutor Bezerra de Menezes.

—É diferente - respondi. - diante do Doutor Bezerra, eu me senti na condição do filho à frente do pai; hora alguma me passou pela cabeça o que me passa agora. Irmão José estava sempre conosco e deve saber dos meus mais secretos pensamentos.

—Ora, Inácio - falou o amigo -, não exagere. O venerável mentor não o convidaria a uma reunião para qualquer advertência. Não é assim que as coisas funcionam por aqui; depois da morte, ninguém nos acusa a não ser àqueles que não estão em condições de apedrejar, ninguém atira a primeira pedra. Quem é bom jamais critica. Os nossos desafetos é que nos falam o que precisamos ouvir dos lábios dos nossos instrutores, sempre apenas ouviremos palavras de incentivo e de compreensão. Por este motivo, Inácio, Deus situou os nossos adversários onde estamos - eles é que dizem as maiores verdades a nosso próprio respeito.

De fato - eu me recordava bem -, periodicamente se fazia presente em nossas sessões mediúnicas uma entidade espiritual que arrasava conosco, comigo principalmente; revelando nos conhecer a intimidade, falava dos passos que houvéramos dado durante o dia e tornava público os nossos pensamentos - por este motivo, quarta-feira, o dia de nossa reunião de desobsessão no sanatório, era um dia especial.

Conversando com Odilon, não percebi quando Modesta Manoel Roberto e Paulino se juntaram a nós.

—O nosso Inácio está apreensivo - comentou Odilon, sorridente, com o propósito de me deixar mais à vontade.

—Inácio - falou dona Modesta -, o que os nossos mentores não nos dizem é que deve nos preocupar. Eu também já me senti como você, e com mais reais motivos que os seus; você conheceu de perto a minha luta e não preciso detalhar. Por aqui não encontrei ninguém que me apontasse o dedo em riste, ao contrário, quando estava deixando o corpo e mesmo nos meus primeiros momentos de vida espiritual, registrei muitas acusações; vozes que eu não saberia definir de onde partiam me diziam impropérios: "vaidosa", "soberba", "indigna", foram apenas alguns dos adjetivos mais amenos com que fui rotulada. De que forma reagir? Elas, as vozes que me censuravam, estavam certas. Eu havia sido tudo aquilo. Quando sintonizamos com a verdade que está sendo dita a nosso respeito, perdemos completamente a vontade de reagir: faltam-nos argumentos de contestação.

—Eu também, doutor - tomou a palavra Manoel Roberto -, imaginei que, ao deixar o corpo seria recebido por um tribunal do mais além. Nada disto aconteceu. O tempo todo fui tratado com deferência pelos nossos maiores; quanto mais carinho demonstravam por mim, mais eu me envergonhava - não tanto do que fizera, mas do que deixara de fazer. Se o que fazemos nos traz conseqüências imediatas, o que não fazemos no bem dos semelhantes nos é uma cobrança permanente. De minha parte, digo-lhe que lamento muito mais o que deixei de fazer. As "vozes'" que me censuravam e que, por vezes ainda me acusavam, repetiam: "omisso", "indiferente", "egoísta". Elas estavam com a razão. Perto do que eu recebera da doutrina, eu não fizera nada mesmo; a minha atuação doutrinária limitou-se ao sanatório, mas, lá, eu recebia para trabalhar.

Ainda me questiono: em outras circunstâncias, se eu não tivesse interesses materiais no sanatório, eu o freqüentaria?

—E o que é que você responde Manoel? Perguntei.

—Infelizmente, doutor, acho que não. Se não tivesse interesses no sanatório, talvez sequer eu fosse espírita.

—Safado! - não vi quando caçoei do devotado companheiro de tantos anos, desalinhando-lhe com a mão os seus sempre bem cuidados cabelos. - então, você me enganou durante tantos anos! E eu, o tempo todo, me sentindo inferior a você. Somos então da mesma laia! Você não sabe Manoel, quanto isto me alegra; pelo menos, não estou sozinho.

Notei o jovem Paulino de olhos arregalados, imaginando, num primeiro momento, que eu estivesse falando sério.

—Não se preocupe Paulino - apressou-se Odilon em explicar. – O Inácio é assim mesmo: quando o assunto vai ficando sério, ele vem com as suas tiradas.

—E fazer o quê? - redargüi de imediato, melhorando o humor.

Chegando ao prédio onde seríamos recebidos por irmão José, fomos conduzidos a extenso e bem cuidado jardim por um moço de nome Alexandre de Jesus, que, segundo Odilon, era um de seus muitos colaboradores.

O ambiente era extremamente agradável e receptivo. Diminutos pássaros de uma espécie não conhecida na terra chilreavam próximos.

—Irmão José está a caminho - disse-nos Alexandre, que, à altura do peito, coberto por uma túnica alva e transparente, exibia cicatrizes luminescentes.

Deixando-nos a sós por instantes, aproveitei para perguntar:

—Odilon, que sinais são aqueles no peito do nosso companheiro?

—Ao tempo do cristo, Alexandre, um dos discípulos de Inácio de Antioquia, foi morto ao lado do grande mártir do cristianismo nascente; aqueles sinais gravados de luz em seu tórax são as marcas das garras afiadas dos leões que enfrentaram no circo, onde testemunharam à fé em Jesus.

—Sem que eu pudesse precisar de que local teria surgido, irmão José, erguendo a destra nos saudou:
—Que a paz do cristo esteja convosco!

PLANO DE AÇÃO

—Meus irmãos - continuou o benfeitor, procurando sintetizar -, agradeço-vos, inicialmente, terem vindo atender ao nosso convite. Os seareiros disponíveis ainda são poucos; raros os que, mesmo depois da experiência física, prosseguem fiéis a Jesus. Muitos dos companheiros de ideal que desencarnam ainda não se encontram em condições de cogitar senão de si mesmos. O trabalho não cessa. Carecemos de colocar de lado as nossas próprias aspirações pessoais e perseverar no serviço que se desdobra. Os que verdadeiramente se acham dispostos a cooperar com a obra do evangelho não têm tempo para pensar em si. Deixemos para mais tarde as estrelas reluzentes que nos acenam do infinito. A terra, com a vida que se manifesta em suas concêntricas dimensões espirituais, por longo tempo ainda será o nosso campo de ação. O labor apenas começou. Olvidemos, por enquanto, a tranqüilidade das colônias que poderemos habitar no além; as regiões sombrias que circundam o planeta estão repletas de espíritos em desespero - muitos deles são criaturas extremamente amadas por nós; libertos do corpo físico, não lograram leveza em seu corpo espiritual para subir: o centro gravitacional do orbe, de acordo com os seus múltiplos dramas de consciência, os puxa para baixo.
Adiante das regiões umbralinas, no interior da terra, encontraremos os que povoam o inferno de sua imaginação enfermiça. Não podemos permanecer na expectativa do socorro divino, que, para alcançá-los, não dispensa o concurso de nossas mãos. Eu vos convido a descer aos abismos do mundo espiritual, com a tarefa específica de resgatar corações equivocados. Torna-se-nos indispensável concluir a tarefa.
Neste ponto de sua alocução, irmão José me fixara mais demoradamente.
—Se não deveis - prosseguiu - cogitar de perfeição por agora, renunciando ao vôo para o qual ainda não possuis asas compatíveis, não tendes o direito de vos recriminar em excesso, anulando-vos em vossa atual capacidade de ser útil aos propósitos do senhor. Se vos é vedada à ascese aos paramos superiores, em vosso anseio de convivência com os anjos, nada vos impede de continuar crescendo nas regiões primitivas da vida. O cristo, em sublimado anseio de expansão, que não saberíamos definir, desceu das alturas imensas e veio conviver conosco, os que ainda nos arrastamos no chão de nossa própria miserabilidade. A atitude passiva de cruzar os braços é contrária à lei do progresso, que tudo coloca em movimento. Nada pára de se agitar na direção da luz.
—O que nos cabe fazer? - indagou Odilon, adiantando-se.
—Apelos clamorosos têm subido ao coração magnânimo do divino amigo e devereis descer, como representantes do senhor. Haverá quem vos substitua nas tarefas que presentemente desempenhais. Não vos preocupeis, pois o dever nos pede maior renúncia. Irmãos que se equivocaram nos caminhos da fé religiosa carecem ser resgatados das trevas. Não podemos olvidá-los. Consideremos que, a rigor, ninguém cai sozinho. Muitas vezes os que erram, erram incentivados pela nossa indiferença no bem ou pelos nossos aplausos de incentivo. Não devemos culpar a igreja pelos rumos que imprimiu ao cristianismo; sitiada espiritualmente, não raro se viu na contingência de ter que ceder a pressões para sobreviver. Não condenamos a instituição que, durante séculos, foi à guardiã dos princípios que nos são caros. Os homens é que, dominados por interesses estranhos, a desfiguraram. Não existe qualquer diferença doutrinária entre o cristianismo de ontem e o espiritismo de hoje. Se não vigiarmos o suficiente, a doutrina espírita, que se propõe reviver o evangelho, se desviará de suas finalidades; infelizmente, os prenúncios já aí estão. Pretensão à infalibilidade, elitismo, personalismo; isto tudo, sem mencionarmos o que se vem fazendo através da mediunidade - o canal que, na maioria dos medianeiros, são ocupado por entidades contrárias ao movimento de libertação das consciências que o espiritismo se propõe. Imperceptivelmente, os médiuns vêm sendo hipnotizados por espíritos que os dominam e que lhes inoculam Na alma o vírus da ambição desmedida. Difícil nos depararmos com quem não esteja a serviço de si mesmo na causa que abraçamos!
Efetuando breve pausa, o venerável mentor aduziu:
—As trevas têm se organizado e cerrado fileiras contra a doutrina; as portas da chamada percepção extra-sensorial encontram-se escancaradas. Raro é o grupo que permanece fiel às diretrizes que lhe norteiam o funcionamento. Não vos solicito descer para um confronto direto com os adversários da terceira revelação. Não se trata disto; trata-se da tentativa de acender uma réstia de luz na escuridão, diminuindo a intensidade das sombras.
E, novamente, pousando os olhos sobre mim, indagou:
—Inácio, meu filho, você se recorda do espírito de Tomás de Torquemada?
A pergunta direta me fez estremecer.

Como eu não poderia me lembrar de um dos maiores desafios mediúnicos de toda a minha vida? É claro que em nossa memória, minha, de dona Modesta e de Manoel Roberto aqueles episódios vivenciados no sanatório estavam bem vivos. Foram dias e dias inesquecíveis aqueles. Tanto sofremos à época, que fizéramos um pacto de silêncio entre nós - pouquíssimos foram os companheiros de doutrina que tomaram conhecimento do fato e igualmente deliberei não registrar em meus escritos.

—Sim, lembro-me - respondi com a voz entrecortada de emoção. - foi uma pena! Tanto esforço do mundo espiritual para nada. Ele já estava no corpo, no entanto foi descoberto pelos antigos comparsas. Não pudemos mais saber o paradeiro do seu espírito.

—Inácio, nenhum esforço no bem é insignificante; toda semente que se planta germina no momento oportuno. Não lamente o aparente fracasso. O irmão Tomás espera por nós!

—Onde?! - questionei surpreso.

—O nosso Odilon, acompanhado do nosso Paulino, os conduzirá. Ele tem pensado em você, Inácio, que, agora, passou a simbolizar as suas esperanças de redenção. Tomás tem sido mantido em duro cativeiro, submetido a constantes torturas. Amarrado a um poste, semelhante àqueles aos quais ordenou tanta gente à morte, nos tempos da inquisição, queima como se estivesse numa fornalha ardente.

—Mas o inferno existe? - perguntei intrigado.

—Sim, só que não é criação de Deus - respondeu irmão José, deixando-me aparvalhado. - o inferno, em essência, está na consciência culpada, todavia, por vezes, ele também se exterioriza.

—Localiza-se em alguma parte?

—Como não?

—E satanás - inquiri - existirá também?

—Quando nos devotamos inteiramente ao mal, Inácio, não seríamos um representante dela - a idéia que sob diferentes terminologias, simboliza a força que se opõe ao bem no universo? Satanás é todo espírito que delibera viver opondo-se à harmonia da vida. Neste sentido, encontraremos, nas regiões abismais, quem escravize e lidere espíritos caídos pelos seus dramas de consciência. Apreensão e expectativa não havia mais o que questionar. As dúvidas eram muitas, no entanto o tempo de irmão José era demasiadamente escasso para que eu continuasse a inquiri-lo.

Antes de se retirar, o benfeitor considerou:

—Ninguém, em parte alguma do universo, se desventura para sempre. A consciência se reerguerá quantas vezes venha a cair. Somando experiências, acabaremos por nos fortalecer inteiramente e por nos convencer de que a existência do mal é fugaz; apenas o bem é eterno, como a própria essência do criador, do qual emana. Ignorância é que se responsabiliza pelo sofrimento. Os desajustes da alma cederão espaço à harmonia. Não temos outra alternativa, que não seja a do esforço contínuo pela auto-superação. Os que insistem em seus equívocos, nada mais conseguem que adiar a sua felicidade. Os que prejudicamos são espíritos que a nós se vinculam e com os quais assumimos compromissos irrevogáveis. Os obsessores um dia, haverão de escalar as culminâncias da espiritualidade, abraçados às suas vítimas. Os nossos adversários de hoje ser-nos-ão grandes benfeitores de amanhã; os que nos acusam e caluniam advogar-nos-ão a causa mais tarde.

Abraçando-nos paternalmente e osculando-nos as faces, à semelhança do hábito dos primeiros seguidores do evangelho no mundo, irmão José teceu as suas últimas considerações a Odilon e partiu.

Eu me sentia de espírito enlevado. As palavras do venerável benfeitor haviam me penetrado no âmago do ser. De fato, quanto tempo perdido e quanta inutilidade! Eu nunca cogitara de amar os meus desafetos; no fundo, chegava a desejar que alguma coisa de ruim lhes acontecesse. Eu não tinha coragem de agredi-los pessoalmente, mas vivia torcendo para que "Deus lhes desse o pago." Alegrava-me quando, porventura, uma notícia me informasse que estivessem enfrentando dificuldades - afinal, eu estava do lado da verdade, não eles.

Dirigindo-se a nós, Odilon ponderou:

—Procuremos nos preparar. As expedições às regiões do mundo astral inferior, para lograrem os seus objetivos, carecem de extremo cuidado.

—O que levaremos conosco? - perguntei.

—Nada, Inácio. Necessitaremos apenas de maior domínio sobre o pensamento. Atravessaremos vales de grande sofrimento, até que cheguemos às cavernas, onde, segundo os nossos informantes, se encontra o espírito Torquemada.

—Como ele estará? Recordo-me que renasceu completamente deformado. Não tivesse ele sido devorado por uma cobra, quando ainda no berço, sequer teria tido condições de alcançar a puberdade.

—Ao que sabemos - esclareceu Odilon -, é mantido em cativeiro, há muitos anos, por aqueles mesmos espíritos que liderou; grande parte dos inquisidores do pretérito já se encontram reencarnados. Convenhamos que Torquemada não errasse sozinho. Há quase quinhentos anos em situação espiritual

lastimável, carecemos de auxiliá-lo para que o seu processo de reerguimento tenha continuidade. Ele terá permanecido este tempo todo sem nada aprender?

—Aprendeu o essencial.

—Aprendeu Inácio, que violência e fé são incompatíveis; que uma justiça indefectível acompanha todos os nossos menores movimentos e nos julga as intenções mais secretas; que a inconseqüência gera sofrimentos sem fim e insanidade; que, sem a vivência das virtudes do evangelho, o espírito não se redime; que o remorso nos estaciona no tempo, que, não obstante, prossegue em sua marcha inexorável.

—Ninguém - falou dona Modesta que, até então, se mantivera em silêncio - nos convence de que estamos errados; só mudamos verdadeiramente, quando, por nós mesmos, tomamos a iniciativa de mudar. Torquemada, na ação desenfreada do mal, não ouvia a voz da consciência, que, por vezes, conseguimos fazer calar por tempo indeterminado; ele como que "aprisionou" Deus em si mesmo, acorrentando-o às suas conveniências e convicções.

—Mas é possível isto: calar a voz da consciência? - questionei ansioso por maiores esclarecimentos.

—Como não? Ela não se cala para sempre: mais cedo ou mais tarde se manifestará, no entanto é possível que, por séculos, se torne inaudível para nós outros.

—É verdade - acrescentei à resposta de dona Modesta. - quantas vezes, voluntariamente, sufoquei-a dentro de mim e, não raro, até por antecipação, porque o interessante é que a consciência nos adverte antes da ação praticada.

—Ela se faz ouvir, doutor - aduziu Manoel Roberto -, antes, durante e depois, ou seja, o tempo todo; ela nos previne quando estamos maquinando o mal, nos alerta para que não demos seqüência a ele e nos repreende quando já o tenhamos consumado.

—Tenho ouvido em mim - observou o jovem Paulino Garcia - a voz da consciência que eu não quis escutar desde muitas existências. Agora que, em contato com a realidade, a consciência chega a me fornecer detalhes dos erros que cometi no passado; não me recordo de quem, mas me recordo do que fiz. Isto é mais do que suficiente. Aliás, a lembrança de quem fomos aos suscitaria uma fixação de natureza negativa.

—E os espíritas em geral vivem querendo saber quem foram! - emendei.

—Mas é porque, Inácio - disse nossa irmã -, todos supomos que fomos grandes; não há quem queira ter tido, por exemplo, uma existência obscura.

—Ninguém quer se lembrar que foi um pedreiro, um varredor de ruas, uma lavadeira, um pedinte.

Preferimos ter sido grandes e maus a pequeninos e bons!

—Interessante a sua observação, Modesta. Faz-me recordar da resposta que, certa vez, o nosso Chico Xavier deu a alguém, a uma senhora, que, aproximando-se, perguntou se ele confirmaria a revelação que os espíritos lhe haviam feito de que ela teria sido Maria Antonieta, no passado.

Com o seu conhecido bom-humor, o médium respondeu:

—"Ah! Minha irmã, você deve ter sido mesmo, porque as lavadeiras estão todas no céu." Todos sorriram descontraídos.

Chamando-nos a segui-lo, Odilon falou-nos ainda:

—O que o nosso Paulino constata, com referência às suas reminiscências, merece análise mais acurada. Quando deixei o corpo, imaginei que eu fosse ter acesso a uma espécie de arquivo de mim mesmo, desenterrando experiências de há muito esquecidas.

—Não é assim que acontece. Raramente temos cérebro para nos conduzir tão distantes no tempo e, depois, semelhantes lembranças não nos seriam de real proveito.

—Eu - por mercê da misericórdia divina - não me recordo de quem fui há mil anos atrás; sei que não fui bom e esta certeza me é mais do que suficiente para tentar ser o que eu não tenho sido.

Existem espíritos que, deste outro lado da vida, perdem um tempo precioso promovendo escavações no subconsciente; ora, qual a utilidade prática em saber se animei, em vidas transatas, o corpo de um homem ou de uma mulher; se matei ou fui morto; se vivi no Egito à época dos faraós ou na Grécia nos dias de Sócrates? Alguns se perturbam tanto com isto, que, inclusive, querem saber a espécie de animal de que lhes provém o princípio espiritual. Não queiramos, com relação ao passado, avançar além de nossas tendências e inclinações.

ESQUECIMENTO

—Odilon - falei com o companheiro -, você tocou agora num assunto polêmico. O que tem a nos dizer sobre as técnicas que alguns profissionais da área médica, quase todos eles espíritas, têm desenvolvido com base na regressão de memória?

—Inácio, cabe-nos respeitar toda iniciativa séria e sem interesses subalternos de quantos se lançam às pesquisas de comprovação cientifica da sobrevivência, mormente daqueles que unem ao tentar propósitos terapêuticos. No entanto precisamos convir que o terreno seja escorregadio. Raríssimos, os profissionais com habilitação na área. Ultimamente, as chamadas terapias alternativas têm dado margem a muitos abusos, incentivando o fanatismo, através de condutas excessivamente místicas.

—Mas, em sua opinião, a chamada terapia de vidas passadas pode dar algum resultado?

—Em certos casos, com medicação correta, pode ser um tratamento coadjuvante, porquanto não será pela simples retomada de consciência do passado que nos reajustaremos no presente. A regressão da memória, no fundo, empreendida sem a devida cautela, pode levar a maiores perturbações. Na maioria das vezes, o paciente que se submete à hipnose apenas tem acesso a lembranças fantasiosas guardadas no subconsciente; o que ele descreve em estado de semitranse não corresponde à realidade de si mesmo, portanto, mesmo sob indução hipnótica, a personalidade possui mecanismos de defesa em que se oculta. Os que assim procedem de forma indiscriminada, abrindo consultórios e se anunciando como experts no assunto, a que estão sujeitos? Esses arcarão com as conseqüências de sua leviandade, porquanto de que nos valeria - se isto nos fosse possível de maneira tão simples e fácil assim - ter acesso às experiências do passado, sem saber o que fazer com elas na presente encarnação? O esquecimento é uma bênção. E, depois, não carecemos de saber quem fomos ou o que fizemos para constatar a indigência espiritual que nos caracteriza. Se não temos o diagnóstico preciso da enfermidade que nos molesta o espírito, a misericórdia divina já nos concedeu um medicamento de ampla aplicação - o trabalho de reconstrução íntima através do amor aos semelhantes. O essencial na leitura de uma obra volumosa é conhecer o seu conteúdo.

Jesus resumiu toda a lei e os profetas em apenas um mandamento: "amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo". Quem amar a Deus e ao próximo deterá toda a sabedoria do antigo e do novo testamento, sem que tenha necessidade de conhecer detalhes.

—Já que estamos no assunto - indagou Paulino -, o que o senhor comentaria sobre as práticas de meditação que têm sido introduzidas nas casas espíritas?

—Estranhas, Paulino, ao corpo da doutrina. A oração deve ser o nosso melhor exercício de introspecção.

—E as técnicas concernentes ao passe? - insistiu o jovem companheiro.

—Obsoletas e desnecessárias. Nenhuma delas substituirá ou terá maior eficácia que a da imposição das mãos. O que foge da simplicidade complica, e o que complica não é espiritismo.

—Com referência aos trabalhos de cura, Dr. Odilon? - inquiriu Manoel Roberto.

—A transmissão do passe e a magnetização da água, a prece e a tarefa assistencial são as mais genuínas atividades de cura em um centro espírita; o que fugir disto permitam-me a expressão - é invencionice. Precisamos espiritualizar a cura e não materializá-la, como tem sido feito. A cura real do corpo brota da intimidade celular - se é assim para o corpo, por que não deveria ser assim para a alma? Todo processo de cura passa pela renovação do pensamento.

—Estudar a doutrina? - foi a minha vez de perguntar.

—Sem dúvida. As nossas casas espíritas não se devem prestar apenas à prática da mediunidade; a abordagem do plano espiritual é tão somente um detalhe - importante, mas não passa de ser detalhe. A seriedade de um templo espírita se coloca à mostra através de suas tarefas doutrinárias e assistenciais. Quanto mais estudo e mais caridade, mais ligação com o plano superior e, conseqüentemente, maior credibilidade.

A sabatina com Odilon não podia continuar.

Respondendo de maneira direta e sucinta, o idôneo companheiro de ideal manifestara com clareza o seu pensamento. De fato, a prática espírita estava carecendo, na terra, de ser expurgada de tantos elementos estranhos, tudo feito com o objetivo de desviar o homem de seu principal objetivo: a reforma íntima. Despedimo-nos.

No outro dia, Alexandre de Jesus, um dos assessores mais dedicados de irmão José, conversaria conosco. Ele já estivera na região das cavernas - ele, Odilon e Paulino Garcia - e poderia colaborar conosco nas diretrizes a serem traçadas.

Aproveitei o resto da tarde que me sobrara e fui ao pavilhão. Em lá chegando, encontrei Lindor eufórico. Lembram-se dele? O irmão que tivera uma experiência homossexual na reencarnação e que servia agora na condição de enfermeiro, além da morte?

—O que houve Lindor - brinquei -, viu pássaro azul?

—Vi, doutor Inácio, vi - respondeu-me sem conter a alegria que lhe tomava o espírito. -vou reencarnar!

—Vai?! - indaguei deveras surpreso.

—Vou, consegui - retrucou, contando-me detalhes. O meu pedido, referendado pelo senhor, foi aceito. Um casal de Uberaba mesmo irá me receber. Serei uma menina, doutor! Graças a Deus, vou ter o lar que nunca tive.

Eu não me recordava da conversa que tivera com um dos muitos colegas médicos que, como eu, serviam no pavilhão. Especialista em assuntos concernentes à reencarnação, eu intercedera por Lindor, destacando-lhe os méritos do irmão que conhecera no mundo - jovem trabalhador e honesto que, infelizmente, se perdera nos descaminhos da vida.

—Ora - pilheriei -, então você finalmente será o que tanto se esforçou para ser, sem que nunca o fosse? Uma mulher!

—Poderei ser mãe, doutor, e ter um marido.

—Você será fiel desta vez, Lindor?

—É claro. Deus me livre de sofrer o que sofri tudo de novo! Emendei-me. Serei filha de pais pobres e trabalharei para auxiliá-los; o senhor sabe que trabalho eu nunca recusei: sei cozinhar muito bem, costurar, decorar ambientes.

—E quem irá se casar com você? - perguntei, querendo ir a fundo à questão.

—Não sei se vai dar certo, mas, se der, será o Antônio José!

Digo-lhes que, se ainda estivesse fumando, o cigarro, o charuto ou o cachimbo me teria caído da boca entreaberta.

—O quê?! - exclamei. - o Antônio José?! Bem que eu andava desconfiado de vocês dois. Por onde é que anda ele?

—Já está se preparando, doutor. Ele seguirá dois anos antes de mim. Não dá para casar com um homem mais velho, não é?

—Não sei; não me comprometa - respondi, arrancando de Lindor uma gargalhada.

Comentário à margem é possível que nos companheiros espíritas mais conservadores ou, expressando-me melhor, puritanos, o caso de Lindor venha a causar constrangimento, digo-lhes, porém, que em meus mais de cinqüenta anos à frente do sanatório sempre me intrigou do ponto de vista espiritual, a situação dos nossos irmãos homossexuais. Conheci dezenas deles e, excetuando-se os problemas obsessivos que os atormentavam, tinha a maioria boa formação moral e revelavam sentimentos que eu próprio estava longe de possuir. De quando em quando, a certa distância, eu acompanhava a discussão fomentada por alguns confrades - discussão que, não raro, extrapolava para a imprensa espírita - se era válida, ou não, a participação dos homossexuais nas tarefas doutrinárias, mormente no exercício da mediunidade. Afirmo, sem qualquer receio de crítica, que os melhores médiuns que conheci os mais sensíveis, depois evidentemente das mulheres, foram os homens com alma feminina. Não me cabe agora, no que me proponho nestas anotações, fornecer explicações que, em verdade, ainda não possuo a respeito do que digo. Esperemos que Freud reencarne e favorecido pelo conhecimento da reencarnação, lance novas luzes no complexo da alma humana. O certo é que Lindor estava feliz, porque teria oportunidade de acertar-se, ganhando um corpo em harmonia com a sua vida psicológica. Os dois amigos com os quais convivi no além, durante tanto tempo, haveriam, juntos de se esforçar para se redimirem de seus equívocos. Para a lei divina, não há problema sem solução. Quase sempre - e isto eu sempre soube -, o de que mais necessitamos está à nossa volta.

Rematando a minha conversa com Lindor, ainda obtive dele a informação de que três outros espíritos em processo de reajuste seriam recebidos por ele e Antônio José na condição de filhos; eram doentes com os quais ambos haviam se afinizado durante a sua permanência naquela instituição hospitalar que nos abrigava.

—Teremos três filhos - explicou-me Lindor. - os amigos espirituais se dispuseram a cooperar conosco, desde é claro, que nos decidíssemos a cooperar com outros. Comigo não há problema algum; sei que somos todos os irmãos e, na situação em que eu e o Antônio José nos encontramos, não podemos cultivar preferências. Não me importa que eles tenham problemas. Quem não os tem, principalmente os de origem mental?

Lindor se referia a uma grande verdade. Desde muito, na condição de médico, eu chegava à conclusão que o desequilíbrio psíquico era tão-somente uma questão de gradação: uns eram menos e outros eram mais loucos! Aliás, eu tinha como certo que a imperfeição espiritual era uma doença - e uma doença grave. Para mim, buscar o aperfeiçoamento significava, sobretudo, lutar pela sanidade. Os desajustados estavam em toda parte e não necessariamente, nos hospitais psiquiátricos; os mais perigosos estavam nas ruas, passando por sãos. Ritler era um exemplo clássico, para não me referir a alguns políticos da vida nacional. Quantos papas, a ocuparem o trono atribuído a São Pedro - que injustiça, meu Deus, com esse apóstolo! - haviam sido completamente insanos! Percebi que, passando certo tempo sem me avistar com Lindor, o seu corpo espiritual sofria lenta transfiguração; com exceção dos cabelos e dos seios, que ainda continuavam sem alteração, em quase tudo ele já era uma mulher - a sonoridade da voz, os gestos delicados, que, diga-se de passagem, nele sempre foram marcantes, os quadris desenvolvidos, o olhar terno, as maçãs do rosto mais afiladas. A prosseguir naquela transformação, no espaço de dois anos, ninguém diria que Lindor teria um dia, sido homem, ou seja, ocupado um corpo na terra que o induzira a tantos conflitos existenciais.

Querendo saber mais um pouco sobre Antônio José, indaguei a respeito da predisposição do companheiro em aceitar aquela situação.
—Ele está ótimo, doutor! - respondeu o amigo. Conversamos muito e, inclusive, freqüentamos muitas aulas aqui mesmo, que nos ensinam a separar o sexo do corpo; cursos que objetivam a nos fazer enxergar na condição de espíritos que somos - espíritos em evolução, para quais os órgãos sexuais não passam de meros apêndices.
—E como ele está em relação à violência que sofreu? - perguntei, recordando-me de que Antônio José, em sua última roupagem física, havia sido castrado.
—Melhorando; talvez, devido à sua excessiva fixação no caso, ele venha a ter problemas relacionados à impotência, mas eu saberei como lidar com a questão. Especializei-me, não é, doutor? A ironia de Lindor, que lhe brotara de forma espontânea, mais uma vez me levava a refletir na sabedoria do criador. De fato, aqueles dois haveriam de se completar - o que faltasse em um, o outro teria para oferecer.
—Além do mais, seremos espíritas - enfatizou o ex-cozinheiro, que, nos últimos dias do desatino cármico, fora bater às portas do sanatório. - Seremos espíritas e médiuns. Conheceremos-nos, ainda jovens, dentro de uma casa espírita. Eu serei médium de incorporação e o Antônio José, doutrinador.
Sem comentar nada, fiquei pensando em quantos casais se conhecem assim - nas tarefas doutrinárias, nas quais confrades desavisados os passam a ter a conta de espíritos missionários. Quanto fanatismo ainda nos espíritas! Não raro, incensam tanto os companheiros iniciantes, que acabam por facilitar-lhes a queda. Digo-lhes, sem receio de estar errando: a esmagadora maioria dos espíritas são entidades que delinqüiram. Agora, na condição de espírito livre, eu posso enxergá-los melhor por debaixo da batina, ops! Por debaixo das vestes. Vejo antigos bispos e cardeais ocupando posição de destaque no espiritismo, perdidos à procura de uma hierarquia que, graças a Deus, não mais existe. Quando ainda têm oportunidade de liderar, demonstram um ranço religioso que trazem consigo desde muitas eras e mentem, continuando a agir hipocritamente.
Não mais brandem a bíblia com violência, rotulando de hereges e excomungando os que não lhes adotam a mesma maneira de pensar, mas erguem o "o livro dos espíritos" nas mãos e proclamam fidelidade a Kardec, acendendo fogueiras invisíveis para os médiuns, reeditando os horrores da inquisição.
Despedi-me de Lindor. Na derradeira vez em que o veria, antes de renascer num casebre, na condição de filha de um casal de aidéticos, que haveriam de entregá-la aos cuidados da avó, posto que não resistissem à ação insidiosa do vírus, ele já não era mais ele, mas sim, completamente ela! Inclusive atrapalhei-me: eu não sabia mais como tratá-lo e nem mesmo como chamá-lo. Percebendo o meu natural embaraço aquela entidade (eu também sou uma entidade!), que se metamorfoseara por completo, sorriu e me disse:
—Linda doutor; doravante o meu nome será linda, e Antônio José será José Antônio! Invertemos nomes e papéis, na esperança de que o nosso carma se reverta para sempre.
Nas preces que fiz subir ao céu naquela noite - que fiz subir ou fiz descer, não sei -, pedi a Deus que fortalecesse aqueles dois espíritos, em seus propósitos de se iluminarem, e adormeci louvando as bênçãos da reencarnação, pois, sem ela, não haveria esperança para ninguém sobre a face da terra!

PREPARATIVOS INICIAIS

No outro dia, quase antes que o sol raiasse de todo, Odilon e Paulino passaram pelo apartamento em que me hospedava. Isentem-me de falar sobre questões locatáveis na vida maior. Por aqui, pelo menos na dimensão espiritual que me localizo, a única moeda corrente é a do trabalho - quem trabalha, tem onde ficar, sem ter que se preocupar com aluguel ou compra de imóvel.
Por enquanto, não dá para falar de toda a organização da comunidade que me encontro vinculado; se os nossos irmãos estranharam confesso-lhes que, a princípio, fui um deles.
Apontamentos de André Luiz em sua excelente obra "nosso lar" provavelmente haveriam de me execrar, se eu descesse a detalhes do que vivencio deste outro lado da penumbra, se é que execrado já não fui pelo que escrevi nas páginas anteriores.
Saímos e nos encontramos com Dona Modesta e Manoel Roberto, que nos aguardavam. Diversos espíritos passavam por nós, sem sequer suspeitar dos nossos planos - cada qual caminha em busca do seu objetivo. No além, conversar sobre assuntos concernentes à vida espiritual é coisa rotineira: alguns cogitam de sua elevação aos planos superiores; outros planejam a reencarnação; quase ninguém quer simplesmente ficar onde está. Os que se acomodam são espíritos doentes. A atividade onde nos encontramos é rápida e intensa. Sabemos que ocupamos, no espaço, num ponto semelhante a microscópico grão de areia, e o tempo em que nos situamos é uma fração de segundo, perante a eternidade. A vida do espírito é toda ela mental - o tempo todo planejando, o tempo todo agindo, o tempo todo aprendendo. Os que não se adaptam ao movimento

caem para as zonas inferiores, onde o tempo se arrasta com a mesma lentidão com que se arrasta na terra. Por este motivo, muitos criam focos de resistência na vida além da morte: não querem seguir adiante e não desejam retroceder; nem depurar o corpo espiritual, nem tomar um novo corpo de carne, mas, se tiverem que escolher, optam pela reencarnação, pensando nos prazeres que o contato estreito com a matéria poderá lhes proporcionar. Por incrível que pareça, existem espíritos que deliberam encarnar, saudosos que se encontram dos prazeres da vida física, até mesmo da alimentação.

Não tivemos que caminhar muito, até que chegássemos ao edifício onde Alexandre de Jesus nos esperava. Mais tarde, Odilon me diria que Alexandre e irmão José, em domicilio permanente nas dimensões superiores, habitam uma região completamente isenta de prédios - lá, a comunidade reconstituiu o ambiente da palestina - mesmo no que diz respeito à topografia - dos tempos do Cristo. Montes e vales floridos, rios e extensos campos de relva. Embora não exista esta necessidade, edificaram com a força plasmadora da mente, aldeias que se assemelham às de Carfanaum, Nazaré e Betesda.

—Olá! - saudou-nos, efusivamente, Alexandre. Estávamos à espera dos irmãos - disse, apontando para a presença de Sebastião Carmelita, ex-sacerdote que fora muito meu amigo, alias, o único padre que tinha permissão para entrar em minha casa, sem que eu lhe estumasse os meus cachorros, ou melhor, os meus gatos.

—Carmelita! - abri os braços com alegria, ao ver o saudoso companheiro com quem entabulara tantos diálogos no meu consultório, quando, às escondidas do bispo, ele ia me visitar.

—Como vai? Vejo que você remoçou também. A mente, Inácio - disse-me com sabedoria -, se nos rejuvenesce não nos renova.

—Mas ainda de batina?! - questionei. - você vivia querendo se despojar dela.

—É para você ver, meu amigo; a batina continua me valendo neste outro lado da vida. A minha tarefa agora é socorrer padres que caíram.

—Então, você deve estar sobrecarregado! - brinquei como era de meu costume com ele. Entre nós dois, havia intimidade para tanto.

—E como! - retrucou de imediato. -só que não sei a quem primeiro resgatar das trevas: se os padres ou se os espíritas.

—Tire os padres e deixe os espíritas lá - respondi provocando sorrisos, inclusive de Alexandre, que, em seguida, explicou:

—O nosso irmão Sebastião Carmelita tem vasta experiência em lidar com as entidades espirituais com as quais vocês lidarão.

—Estão indo ao encalço de Tomás, não - inquiriu o amigo.

—Sim, tencionamos resgatá-lo - esclareci, dando ensejo a que o assunto prosseguisse.

—Vocês necessitarão de muita cautela. É possível que os líderes dos "dragões", a esta altura, já saibam; eles têm como rastrear os nossos pensamentos. Possuem sensitivos a seus serviços - entidades que são verdadeiras antenas psíquicas; muitos deles têm a capacidade de deixar o pesado corpo espiritual e vir a nós, em estranho processo de espionagem.

—Mas isto é possível? Pode o inferior subir ao superior?

—Quem lhe disse Inácio, que somos superiores? A questão não é de moralidade, mas de intelectualidade. Se, segundo as escrituras sagradas, o demônio teve acesso a Jesus para tentá-lo, os "dragões" são nossos vizinhos; vivem, por assim dizer, sob os nossos pés, conseguindo atormentar-nos a consciência.

—Como pretendermos as alturas, tendo, debaixo, irmãos que clamam por socorro? "Sepulcros caiados por fora, cheios de podridão". Não dá para avançar, escutando gemidos na retaguarda.

—Você já andou por lá?

—Várias vezes, mas nunca ousei passar de certo limite; a minha mais recente incursão naquelas regiões foi para socorrer um irmão de doutrina.

—Quem?

—Um cônego, Inácio. Não há necessidade de que declinemos o seu nome. Tenho procurado auxiliá-lo, no entanto o estado de perturbação dele é muito grande, gradativamente, venho conseguindo trazê-lo para fora.

—Para fora?

—Sim, para regiões de mais fácil acesso. Para lauto, tenho contado com a valiosa colaboração da mãezinha dele.

—Desconfio de quem seja esse cônego: ele era mesmo terrível!

—Manda a caridade que esqueçamos. O maior celerado poderia ser qualquer um de nós.

—É verdade, Carmelita, é verdade.

—Em outras circunstâncias, se você estivesse no outro lado, ao invés de Inácio, poderia ser Tomás, não é?

—Com a minha índole, não seria difícil – respondeu. - só não fui um inquisidor, porque nasci fora do tempo. O erro, por vezes, é apenas uma questão de oportunidade. O erro quanto o acerto.

—Justo.
—É tênue e frágil a linha que separa o santo do pecador, de acordo com os sentimentos que nos impelem - sentimentos que nem sempre conseguimos dominar -, nos transformamos em heróis ou vilões. Analisando assim, nos predispomos mais facilmente ao perdão.
Percebendo que o assunto se alongava, Alexandre aparteou:
—O nosso irmão Carmelita transmitirá a vocês alguns esclarecimentos básicos, antes de partirem com a expedição.

SOBREVIVÊNCIA DA FÉ

Tomando a palavra, Sebastião Carmelita esclareceu:
—Os nossos irmãos que deliberaram viver nas regiões espirituais inferiores possuem uma organização semelhante à nossa: consideram-se os proprietários da terra e os donos da situação, opondo-se ao governo divino. Seus líderes são antigos membros da igreja católica que esperavam alcançar, depois da morte, o céu a que pensaram fazer jus. Sem dúvida, um dos maiores entraves para evolução do espírito foi à crença na absolvição dos pecados, mediante a simples prática da confissão auricular; crendo-nos limpos de todos os equívocos e mazelas, apenas por expressá-las verbalmente aos ouvidos de uma criatura tão falha quanto nós que, não raro no confessionário, nos escutava entre o fastio e o tédio, julgávamo-nos dispensados da renovação interior, sem a qual ninguém realizará o reino de Deus em si. A confissão era uma espécie de anestésico para a consciência, que dele poderia se valer, sempre que se visse constrangida pelo arrependimento.
A penitência prescrita pelos sacerdotes não impunha a necessidade de se reparar o mal; com doações vultosas à igreja, os pecados mais graves poderiam ser esquecidos pela lei. Decepcionados com a verdade que encontraram no além, que voluntariamente ignoraram em seu estranho jogo de interesses, amotinaram-se contra ela, opondo-se terminantemente a toda e qualquer reparação.
Defendem, às últimas conseqüências, os princípios que esposam. Crêem na existência do Cristo, mas o consideram inacessível; para eles, o senhor é uma espécie de sonho inatingível para a humanidade, um modelo perfeito demais para ser seguido. Se mantivessem ilhados em seus propósitos, sem molestarem a ninguém, respeitando-lhes o livre arbítrio, não nos restaria alternativa senão a de deixá-los entregues às próprias concepções; o problema é que as suas falanges têm procurado fazer adeptos, criando situações para os homens que lhes comprometem a evolução. O seu campo de trabalho é a terra, sobre a qual estudam os anseios de expansão de seu império. Olvidam a ascese espiritual, bloqueando as passagens para alto, mas operam no mundo, transfigurados em obcessores e, coisa curiosa, a sua estratégia de domínio está concentrada na religião: pouco se importam com as outras áreas do conhecimento humano. Invadindo, feito o joio, que se alastra no meio do trigo, os templos consagrados é fé, independente da crença religiosa, desfiguraram os ensinamentos do cristo e manipularam os seus pastores. Sabem que o escândalo moral dissemina a descrença e por este motivo, induzem os religiosos a se contradizerem. Não se preocupam tanto com os chamados freqüentadores das casas de fé; de preferência, concentram esforços sobre os que ocupam a tribuna e sobre os que são chamados pela posição que ocupam na comunidade a maiores testemunhos na exemplificação e na coerência. Chegam ao extremo de cooperarem com a subida de determinado líder religioso, para, em seguida, caprichosamente, promover-lhe a queda.
Acompanhando o raciocínio de Carmelita, quebrei o protocolo e perguntei em meio à sua fala:
—Agem também assim contra os espíritas?
—Como não, Inácio?! Para eles, na atualidade, o espiritismo, que se propõe reviver o cristianismo em sua pureza original, se constitui de maior ameaça, principalmente porque a filosofia espírita lhes identificou a intenção, ou seja: estudando a saciedade o problema da obsessão, suas técnicas e causas, bem como os métodos para se combater com eficiência, Allan Kardec ergueu o pano sob o qual se ocultavam nos bastidores. No entanto a sua estratégia sobre os espíritas tem se refinado: evitam o confronto face a face, agindo de maneira discreta e sutil. À distância, trabalham na constante emissão de pensamentos, fragilizando, aos poucos, a resistência moral e intelectual dos nossos companheiros de ideal que ainda mourejam na carne. Incutindo-lhes idéias de desânimo e de fracasso, levam-nos, gradativamente, a desistir da perseverança; tentam convencê-los da inutilidade de seus esforços no bem, aproveitando-se de que o maior conhecimento da doutrina enseja ao seu seguidor um maior conhecimento de si mesmo. Quantos espíritas passada aquela fase inicial de entusiasmo, caem na apatia, por verificarem que não conseguem vencer de improviso as imperfeições que acalentam há séculos! Engendram-lhes, então, terríveis dramas de consciência que, no mínimo, os fazem cruzar os braços e se afastarem da tarefa em que, devagar, fortaleceriam a vontade.

Após efetuar pequena pausa em sua alocução, Carmelita continuou:
—Não fosse pela determinação e pela coragem de alguns poucos adeptos do espiritismo, a doutrina não caminharia. Graças aos que são rotulados de fanáticos, os que ousam ir um pouco além do habitual, é que o ideal espírita respira e sobrevive no mundo! Quanto a isto, não tenham a menor dúvida. Se não contássemos com os que, inclusive, se prejudicam profissionalmente e, por vezes, sacrificam mesmo a tranqüilidade da própria vida familiar, a fé raciocinada não fermentaria e não seria o pão com que tem se apresentado à fome de consolo e de esclarecimento da multidão faminta. O determinismo no trabalho do bem cria uma espécie de couraça contra o assédio das entidades infelizes que procuram manobrar o animo de quantos se revelam bem intencionados.
—Mas o que acontece se não os atingem diretamente? - insisti, não contendo o anseio de um pouco mais saber.
—É o que você mesmo, Inácio, se cansou de dizer em seus escritos e de ver no cotidiano do sanatório: procuram alcançá-los através dos familiares aos quais devotam particular afeto. Obsessão indireta seria o termo correto. Desferem impiedosos ataques contra os filhos dos médiuns; contra os cônjuges dos companheiros firmes na doutrina, levando-os à infidelidade conjugal ou à intolerância; contra a situação socioeconômica do grupo doméstico, fazendo coincidir a promissora adesão ao espiritismo de um dos seus membros com as dificuldades que faceiam. A imaginação para o mal é fertilíssima. A deba em que o senhor tem procurado lavrar, por enquanto, mais propícia à erva daninha do que ao bom grão! Como se desejasse sintetizar, para que o assunto inicial de seu diálogo conosco fosse retomado, Carmelita esclareceu:
—A obsessão envolve um planejamento meticuloso; não estamos nos referindo àquela obsessão de caráter particular, mas, sim, àquela que interessa à cúpula as trevas. Os médiuns sem consciência de que o são existem em toda parte. Elementos da família, mediunizados sem que disto suspeitem, recriminam os confrades que se devotam à causa, rotulando-os de indiferentes e omissos para com o que acontece dentro de casa. Sem dúvida, limites carecem ser estabelecidos e o bom-senso deve nos nortear em toda e qualquer atitude. Não podemos relegar ao esquecimento os nossos deveres primordiais, todavia, a pretexto disto, não podemos fugir ao compromisso que extrapola as obrigações pertinentes a qualquer um que viva em regime de interdependência. A inquirição de Jesus aos apóstolos ainda hoje ecoa, sem resposta, na acústica de nossas consciências: "que fazeis de especial?". Ninguém está no mundo para servir com exclusividade a si ou àqueles que se lhe fazem objeto de afeição imediatista.
Carmelita tinha razão. Quantas vezes eu ouvira, à boca pequena, comentários à margem daqueles que me integravam a parentela: "O Inácio esta perdendo tempo com essa história de espiritismo. Um homem formado em medicina no Rio de Janeiro, com uma carreira brilhante pela frente. Poderia ficar rico". Ainda bem que os autores de tais impropriedades não se atreviam a me dizê-las diretamente. Conhecendo a minha tempera e a minha língua, se contentavam em me provocar num raio de alguns quilômetros de distância.

ÊXITO APARENTE

—Desçam - advertiu Carmelita, ultimando considerações -, desçam com o único objetivo de resgatar aos seus padecimentos o nosso irmão Tomás. Torna-se imprescindível que cooperemos com ele em uma nova existência na terra. A sombra não pode se fazer, em definitivo, sobre a luz.
O infeliz ex-inquisidor tem sido exibido como um troféu por aqueles que fazem à propaganda do mal. Os que se opõem ao avanço do evangelho sequer quiseram lhe permitir o arrependimento - a sua infância, que sem dúvida, haveria de ser assinalada por incontáveis provações, não foi respeitada; descobrindo-o no corpo deformado em que a divina providência deliberou ocultá-lo, em quase anônima cidadezinha na região do triângulo mineiro, os seus comparsas de outrora tramaram aparentemente com êxito. Tivemos que esperar. No entanto, é chegado agora o momento de agir. As condições para tanto nos favorecem. A nossa equipe, que o socorreu tempos atrás, outra vez se reúne e o compromisso não foi esquecido.
Evidentemente, Sebastião Carmelita se referia mais particularmente a mim, a dona Modesta e a Manoel Roberto, que, segundo as narrativas de "sob as cinzas do tempo", ainda encarnados, nos empenhávamos no sanatório para socorrer o espírito Torquemada.
—Entre o nosso irmão e vocês - prosseguiu - criou-se um vinculo de confiança e, por que não dizer, de afeto. Ele não tem com quem mais contar. Os que já tiveram oportunidade de rastreá-lo psiquicamente - nossos cooperadores para assuntos de tal envergadura - confirmam as esperanças de que o seu espírito se concentra em vocês e, como não ignoram para semelhante tarefa, a sintonia torna-se indispensável. Outros que fossem enviados do nosso plano não teriam as mesmas possibilidades de sucesso.
Enquanto carmelita discorria sobre o assunto, não pude deixar de me entregar a certos devaneios, a propósito das anotações que lhes faço: será - refletia - que os meus irmãos haverão de crer na autenticidade

de minhas narrativas de além-túmulo? Não lhes parecerá absurdo tudo quanto lhes transmito? Pensando nos espíritas que apregoam um "espiritismo sem espíritos", rotulando de místicos os que nos mostramos adeptos do evangelho, não tive dúvidas de que seria criticado e que o coitado do médium é que haveria de sofrer as maiores conseqüências, pois, afinal de contas, eu estou morto.

Quando voltei a mim, daquela rápida incursão no mundo de mim mesmo, Carmelita me dirigiu a palavra:

—Inácio, os nossos Odilon e Paulino seguirão com vocês; ambos, mais especialmente o Odilon, contam com livre trânsito nas regiões em que já têm operado, de algum tempo a esta parte. O nosso Paulino é autor de diversas obras que lhe têm sido inspiradas junto ao instrutor que o acompanha. Não tenham receio. Espiritualmente, haveremos de lhes dar cobertura. A providência divina intervém na hora certa. Leve a luz do amor no coração e nada lhes será obstáculo intransponível. Mesmo que transpirem suspeitas quanto a uma possível expedição de resgate a Torquemada, não questionem a oportunidade do plano que colocaremos em ação. Valer-nos-emos deste instante psicológico e, com a graça de Deus, lograremos o intento da caridade. Há séculos, o nosso irmão Tomás permanece à mercê da própria insanidade. O seu cálice de fel já se esgotou.

Retornará ao corpo físico, após breve estada conosco, em segunda tentativa. Não sabemos em que condições renascerá, todavia, sejam elas quais forem, darão inicio ao seu processo de reerguimento espiritual, que, aliás, já começou desde que diminuta réstia de arrependimento lhe brilhou no espírito imerso em tétrica noite de trevas.

E, sem acrescentar palavra, concluiu:

—Que Deus os abençoe!

Quando Alexandre de Jesus e Sebastião Carmelita se retiraram, Odilon e eu sentimos necessidade de conversar amenidades:

—Odilon - indaguei -, como vai indo o trabalho com o nosso Paulino?

—Razoável Inácio - respondeu o companheiro, chamando o rapaz para participar do diálogo. - não é fácil vencer a chamada resistência mediúnica.

—Eu também tenho pensado em escrever alguma coisa. Quem sabe futuramente, poderia me valer do mesmo médium, não é?

—Sem ciúmes, Inácio. Ele é todo seu. Ser médium é difícil, mas ser, digamos, espírito mensageiro é muito mais complexo.

—A gente se sente frustrado - disse Paulino, mais solto. - mediunidade depende de muita coisa.

—Inclusive da saúde do médium - completou Odilon.

—É o médium tem que ter saúde.

—Tem e não tem - frisou o companheiro, que, em matéria de mediunidade, me dava à impressão de saber tudo.

—Médium com muita saúde não quer saber de nada. Médium, Inácio, inclusive, tem que ser dotado de boas narinas.

—Boas narinas?! - perguntei, sorrindo. - o que tem haver o nariz com mediunidade?

—O médium precisa respirar bem, facilitando a oxigenação das células do cérebro; médium com ventilação deficiente traz o cérebro obnubilado.

—Neste sentido, a alimentação...

Não me deixando concluir o raciocínio, Odilon explicou:

—Tudo: alimentação, horas de sono, disposição física, humor, meio ambiente. O corpo é o veículo do médium, tal ao qual ele próprio se submete. Tudo que lhe afeta o físico e, é claro, a mente, interfere na produção mediúnica. Quando procuramos um médium, Inácio -, prosseguiu o instrutor - com finalidade de trabalho contínuo, examinamos as suas possibilidades e, a partir delas, é que traçamos o nosso plano de ação.

—E o Paulino, tem se adaptado bem?

—Sim - respondeu-me o rapaz com perspicácia. - para não reclamar muito, eu me coloco na posição dele, do médium que me serve de instrumento.

—Sinceramente, eu não creio que faria melhor. Com a metade das lutas dele, eu imitaria a avestruz.

—O seu pensamento flui com facilidade relativa. Contato mediúnico com os encarnado requer paciência por parte dos desencarnados.

—Paciência é coisa que me é escassa - sentenciei.

—Pois trate de adquiri-la, Inácio caso contrario, nada feito. Não raro, para a transmissão de uma simples frase, é necessário repensar-lha diversas vezes. Essa história de escrita vertiginosa e de pensamento ininterrupto precisa ser revista pelos estudiosos da mediunidade.

—Mas o médium não é uma espécie de antena receptora?

—Sim, mas captando vibrações de todos os lados. Interferências, Inácio. Não desconsideremos que, sobretudo, o médium é um feixe de emoções que influenciam na sintonia.
—Quer dizer que, se eu for tentar escrever por um médium...
—Você terá que rascunhar o seu pensamento e contentar-se com o resultado final. Às vezes, de seu mesmo numa página mediúnica qualquer, só o nome!
—Pelo que você esta me dizendo e pela maneira com que me estão animando, já é muito.
Dona Modesta e Manoel Roberto sorriram. Médiuns que os dois haviam sido no mundo, estavam pagos para ficar calados! De fato, lendo o que os meus olhos diziam não se atreveram a dizer nada.
A caminho da crosta organizamo-nos e, sem quaisquer embaraços, colocamo-nos a caminho da crosta.
Iniciamos a expedição por Uberaba, em breve visita ao sanatório e alguns núcleos espíritas, antes que demandássemos Rufinópolis, antiga localidade vizinha que se tornou mais conhecida pelo nome de Capão da Onça.
Adentrando o território da cidade, comecei a reparar na paisagem espiritual em torno, através dos espíritos que observava vagando como se, embora desencarnados, não conseguissem se desprender da própria situação. Eram numerosas as entidades sem maior esclarecimento, vivendo à semelhança de flores que não tivessem desabrochado no jardim. Digo-lhes com franqueza que a maioria estava semilúcida, sem atinar completamente com a condição de criaturas desencarnadas; pequenos grupos de espíritos socorristas operavam nas ruas, tentando ajudar.
—Inácio - explicou Odilon, dirigindo-se a mim -, raros são os que em deixando o corpo, encontram o caminho para o alto. O apego à transitoriedade da forma os mantém na retaguarda. Poucos os que compreendem o fenômeno da desencarnação e os aceitam, permanecem longo tempo sem se convencerem da realidade, em condição mental que não nos permite qualquer tentativa de aproximação. Resta-nos esperar que acordem do sono a que foram induzidos. Veja como a crença religiosa que adotamos no inundo nos influencia o despertar na vida do além-túmulo.
—Sei disto - comentei com brevidade.
Passando perto de dois espíritos que perambulavam juntos, surpreendi-me quando um deles me reconheceu:
—Doutor Inácio Ferreira! O que está acontecendo comigo? O senhor é medico e saberá explicar-me. Tenho ouvido dizer que morri. Eu e este meu amigo temos sido enjeitados pelos nossos familiares. Não é possível; quem morre vai para o céu ou para o inferno. Eu estou sem sair do lugar. Ando, ando e nada acontece. Devo estar sendo vítima de alguma bruxaria. Quase todo final de semana, colocam despacho na esquina de minha casa.
A discreto sinal de Odilon, aproximei-me:
—Meu amigo, de fato você morreu - disse com franqueza, ante o homem que me fitou com os olhos arregalados.
—Mas como?! - indagou retrocedendo. - se estou morto, como pode o senhor conversar comigo?
—Simples: eu também já morri.
—O senhor igualmente está morto?! - retrucou, revelando-se mais surpreendido.
—Todos já morremos - insisti. Não se iluda por mais tempo.
—E agora? - inquiriu, aflito. - se a sobrevivência é isto, melhor então que a morte fosse o nada. Morrer apenas piorou a minha situação: estou fora de casa; não tenho mais nenhum acesso sobre os meus, que me ignoram a presença; durmo por aí e nem sei como me alimento.
—Você precisa alterar o teor dos seus pensamentos, que, quando nos pesam, não nos permitem vencer a lei de gravidade. Sem que se torne receptiva, a semente da verdade não lhe floresce no espírito. Estamos noutra dimensão.
—Noutra dimensão?! Mas eu piso em solo firme. Como pode ser isto? Caminho, respiro, sinto o calor das pessoas.
—Você ainda está excessivamente materializado; tudo lhe aconteceu por obra de seu corpo espiritual. Convença-se de que não pertence mais à comunidade dos homens.
—O que me espera?
—Trabalho.
—Trabalho? Estou cansado. E depois?
—Aprender.
—Mais escola? Ora, eu já sou formado em engenharia!
—Nada sabemos da vida.
—E para que saber?
—Para voltar a terra em melhores condições.
—O senhor está querendo dizer reencarnar.

—Sim, reencarnar. Qual é o problema? A vida não cessa e não podemos ficar parados. Você não estava se queixando de imobilidade? Quem não aprende não sai do lugar.
—Eu queria algo definitivo; alguma coisa sem sofrimento.
—Desista!
—Do quê?
—De não sofrer. Enquanto você não for além de um homem, viverá angustiado.
Valendo-me do repentino silêncio a que se confiara à entidade, perguntei:
—Há quanto tempo você está assim?
—Sou bom em números - redargüiu. - a ser real a minha situação, que interpreto como um delírio que não defino, há 32 anos começou tudo.
—Há trinta e dois anos?! - exclamei, não contendo o espanto. - mas você não tem observado mudanças em torno, durante este tempo?
—Algumas; as minhas filhas se casaram e já sou avô.
—Pois então! E isto não lhe fez pensar em nada?
—Admito que eu esteja sofrendo de certo tipo de amnésia. Capotei o carro e bati com a cabeça.
—Não, meu amigo, você morreu e está muito confuso; deixe o preconceito de lado.
—Quase todos os que estão andando por aí pensam como eu; não se trata de preconceito. Eu freqüentava a igreja, mas nunca acompanhei uma prece até o final. O amigo aqui - disse apontando o companheiro de desdita -, segundo as contas que fiz, está há mais de 40 anos assim. Ele bebia, ou melhor, bebe até hoje.
Intervindo, Odilon esclareceu:
—Inácio, o tempo pára de existir para quem vive fora da realidade.
—Eu não entendo - comentei, maneando a cabeça em negativa.
—Muitos destes irmãos, Inácio, reencarnam sem que se reconheçam.
—Retornam ao corpo sem consciência? É isto?
—Correto. Vivem na órbita psíquica daqueles com os quais se afinizam e, de repente caem nas malhas da reencarnação. Não temos como - observou ele - acolher esta gente toda na vida espiritual e nem programar reencarnação para todos; para a esmagadora maioria dos espíritos vinculados ao orbe, o que funciona é a lei. A condição destes nossos irmãos que vagam na superfície da terra é melhor do que a daqueles que encontraremos vivendo no subsolo.
—Nas cavernas?
—Sim, nas cavernas e nas comunidades em que se organizam amotinados. Nada querem saber de Deus e fogem à reencarnação. Vivem no interior da terra para que não sejam atraídos a novo corpo. Animam formas animalescas, protestando contra a ordem da vida. Não querem pertencer à espécie humana. Preferem viver dominados pelos instintos. Não temem a morte, que sabem existir: temem é a dor! Fazem do sofrimento alheio o seu objeto de prazer; a sua filosofia de vida é: "sofram eles, para que não sofra mos nós".
—Meu irmão - indagou Odilon ao companheiro desencarnado -, podemos fazer algo por você? Temos diversos amigos que poderiam encaminhá-lo.
—Não sei - respondeu -, por enquanto prefiro ficar assim. Vocês podem estar enganados.
—Como, enganados?! - falei, sem me conter.
—Enganados. Ou acham que a interpretação de vocês do fato é a expressão da verdade? Por exemplo, eu sei que, além de médico, o senhor é espírita. Mesmo que tenhamos morrido, como afirma as coisas, depois da morte, não têm que ser necessariamente como vocês dizem. Concorda? Não havia outra alternativa, senão a de concordar com ele.
—Sem dúvida, as características da vida que estávamos vivendo além da morte poderiam ser projeções da nossa mente; afinal por que somente os católicos e os protestantes se enganariam? Resolvi não polemizar. Despedimo-nos e continuamos.
Muitos espíritos passavam colados aos transeuntes encarnados, como se fossem dois ocupando um só corpo - às vezes, três, quatro, ocupando um só corpo. Nem todos, porém, agiam com intenções honestas; eram simples comensais das criaturas encarnadas que vampirizavam. Não haviam, repito se habilitado a viver fora do corpo - o seu habitar natural de milênios! Em séculos e séculos, viviam mais em função do corpo físico do que de si mesmos. O tempo em que demoravam no mundo espiritual era apenas o suficiente para uma nova existência física, que retomavam de maneira automática.
Quando nos aproximávamos do portão central do sanatório, dona Modesta, Paulino, Manoel Roberto e eu, fomos alertados por Odilon:
—Não olhem agora, mas estamos sendo seguidos; percebi desde quando chegamos. São duas entidades que nos espreitam todos os movimentos. Pelo que deduzi, a nossa expedição está sendo aguardada, conforme, aliás, já nos havia sido dito. Com certeza, fomos rastreados, porém não se preocupem.

Virando-se para trás, Odilon acompanhado por nós, atravessou a rua e caminhou alguns passos na direção da dupla de espiões, que se postara sob uma árvore na calçada.

—Poderemos ser úteis em alguma coisa? - perguntou o companheiro, destemido. - Vocês estão nos seguindo e, com certeza, desejam algo.

O mais alto, com a cabeça coberta por um capuz à semelhança dos frades capuchinhos, adiantando-se, tentou desconversar:

—Não, estávamos apenas de passagem. Eu e o meu amigo somos pesquisadores do comportamento humano depois da morte - respondeu.

—Safado! Safado e inteligente - pensei em voz alta.

Fixando-me nos olhos, a entidade que me captou o pensamento com extrema facilidade, replicou: - Nem tanto quanto você imagina. Como vocês, os espíritas, gostam de julgar os outros! Este espaço aqui é livre; aliás, todo o universo é livre. Temos a liberdade de ir e vir, pois não? Percebendo o que se passara, Odilon dialogou:

—Desde que não molestemos e não sejamos molestados - emendou o espírito.

—Exatamente - continuou o companheiro.

—Vocês estão nos seguindo, logo temos o direito de questioná-los.

—Ora, você sabe. - ironizou impaciente, a segunda entidade que a primeira conteve com um gesto:

Vocês desculpem o meu amigo; ele ainda não tem suficiente experiência.

—Nada queremos meu irmão, que não seja o bem de vocês - observou Odilon Fernandes.

—Sabemos aquilo que nos seja melhor; não se preocupem. Venho apenas avisá-los de que não terão boa acolhida em nossos domínios - explicou, abrindo o jogo. - vocês não têm o que fazer por lá.

—Ora, como não?! - falei incorrigível em meus impulsos.

—Calma Inácio! - recomendou dona Modesta, conhecendo de sobejo o meu temperamento.

—Estou tranqüilo, mas eles acham que podem nos ludibriar.

—O menino estava tranqüilo.

—Que menino? - questionou o espírito. - aquele traidor?! Durante séculos, ele nos liderou; nós lhe obedecíamos cegamente; acreditávamos na sua filosofia. De repente, delibera apartar-se de nós, arrependido. Não, ele nos pertence. Torquemada é nosso! Com o tempo, o feitiço com que vocês o influenciaram se desfará.

Tomás de Torquemada não existe mais! - aparteou Odilon. -séculos já se passaram. Ele renasceu e vocês não tinham o direito de seqüestrá-lo no berço em que se redimia. Foi uma impiedade!

—Impiedade? - gargalhou o sinistro interlocutor. Milhares e milhares na fogueira a mando dele e vocês se compadecendo de um dos maiores criminosos da história. Em outras circunstâncias, todos seríamos capazes de fazer o que ele fez, pois o homem está sempre muito próximo da degradação.

—Não podemos julgar e, menos ainda, condenar. A cobra que o engoliu foi guiada por nós. Mediunizamos homens e animais com a mesma facilidade. Não há lugar onde ele possa se esconder.

—Tal como ninguém se esconde da própria consciência, meu irmão - disse dona Modesta com precisão.

—Epa! Agora são três contra dois. Assim, não vale. Teremos que pedir reforços.

—Não, não há necessidade - ponderou Odilon. - não estamos aqui para um confronto.

—Mas é melhor que vocês se preparem para ele. Não seremos desmoralizados uma segunda vez.

Torquemada é nosso troféu!

—Um troféu de lágrimas. - asseverei.

—Chega de conversa e recuem - disse a entidade, se retirando. - se descerem, não desçam de mãos limpas. Mesmo que se intangibilizarem, os nossos rastreadores os localizarão. Sabemos de tudo! Convidando-nos a entrar no sanatório, Odilon esclareceu:

—Vamos ter que agir depressa e não podemos falhar. Quando cair a noite, avançaremos. Inácio -preveniu-me - necessitaremos de maior vigilância.

—Você me desculpe o descontrole, mas...

—Tudo bem, irmão, no entanto não nos convém aceitar provocação. A nossa atitude mental será decisiva. Confiemos no senhor.

No interior do hospital, enquanto os nossos irmãos conversavam entre si, retirei-me a sós e desci as escadas que levavam ao porão. Não tive dificuldade para atravessar a porta do quarto onde o espírito Torquemada se associava ao de Paulinho, o jovem que fora meu paciente por meses seguidos, nos desatinos que lhe haviam antecedido a reencarnação na condição de filho do sitiante.

Descansando numa velha e esquecida cadeira, procurei me recompor, adquirindo forças nas reminiscências do ambiente espiritual que, com dona Modesta e Manoel Roberto, muitos anos atrás, travara ali mesmo.

PSICOMETRIA

Lembrei-me de todos os lances de nossa luta desde quando, acompanhado pelo genitor, Paulinho chegara ao sanatório, vítima de insidiosa perturbação. Aos poucos, o quadro foi se definindo e, por detrás do que me parecia simples obsessão, descobri o espírito Torquemada, o ex-inquisidor que, durante decênios, se fizera instrumento de dor para tanta gente. Os episódios aos quais me refiro foram narrados por mim no livro "sob as cinzas do tempo" e, sinceramente, não gostaria de repetir-me. Durante meses, com dona Modesta e Manoel Roberto, travei uma peleja espiritual sem precedentes que, feliz ou infelizmente, não tive tempo de deixar registrada em meus escritos. Creio mesmo que, à época, ninguém me acreditaria, já que eu era tido e havido pela igreja como inimigo número um do clero. Vivíamos em constante polêmica e, com certeza se desse publicidade ao caso, os padres alegariam que tudo não passava de uma farsa. Conversando com dona Modesta a respeito, preferi o silêncio, limitando-me a narrar em meus livros os quadros comuns de obsessão com os quais diariamente lidava. E, depois, apesar de todas as evidências de autenticidade, o caso Torquemada era tão espetacular, que, no fundo, chegávamos a pensar - eu, Manoel Roberto e a própria Dona Modesta - que estivéssemos sendo vítimas de uma alucinação. Agora, no entanto, eu tinha plena convicção de que vivenciáramos um fato real, em seus mínimos detalhes. Não havíamos sido enganados por nenhum espírito mistificador, e a mediunidade que, quando não bem conduzida dá margem a coisas fantasiosas, expressara uma situação verídica. Não estranhem o que lhes digo. Sei que, enquanto no corpo, vacilamos muitas vezes entre a crença e a descrença; por mais racional a fé espírita se nos revele, chegamos a imaginar que a filosofia da doutrina é lógica demais para ser autêntica. Em meus momentos de fragilidade e desânimo, monologava: "ah, que bom seria se tudo que o espiritismo nos diz fosse verdade!" No outro dia, porém, eu estava a postos; passados àqueles breves instantes de reflexão e de cansaço, eis que me sentia com novo vigor para continuar. Para lhes ser sincero, eu, que nunca possuí qualquer faculdade mediúnica manifesta, procurava obter forças na reflexão: - "não - dizia -, se não for como o espiritismo apregoa, precisamos fazer com que seja, pois, caso contrário, não haverá nenhuma esperança para a humanidade." Os avanços da ciência, cada vez mais vertiginosos, estavam colocando as religiões conservadoras na defensiva, diminuindo-lhes o espaço. Somente a doutrina, no esforço de Allan Kardec de unir fé e razão, conseguiria corresponder às expectativas do homem do terceiro milênio; fora da tese da reencarnação, a vida careceria de uma explicação que satisfizesse os anseios da inteligência. Sem a idéia da reencarnação, impossível inclusive, acreditar na existência de Deus, todo justiça e bondade. Estes pensamentos, que apresento em síntese, acudiram-me ao cérebro em aluvião, não tendo eu permanecido no porão do hospital mais que três ou quatro minutos.

Sempre inquieto, levantei-me da poltrona em que largara o esqueleto sem tantos ossos do meu novo corpo, subi as escadas e me encontrei com Odilon.

—Infelizmente, meu caro - disse-me -, não poderemos ficar para a reunião da noite; ficará para uma próxima oportunidade. Consultei irmão José e o venerável mentor orienta-nos a agir com presteza. Partiremos em seguida.

Solicitando a Paulino Garcia que proferisse breve prece, tomamos a direção de Rufinópolis, localidade a pequena distância de Uberaba. Volitando, não gastamos mais de cinco minutos para chegar ao Capão da Onça, nome com que Rufinópolis se tornara conhecida desde os tempos de João Urzedo, o companheiro cego, portador de excelentes recursos medianímicos, que concorria conosco, em Uberaba, no tratamento de diversos casos de obsessão. Ele era procurado por gente de toda parte, e foram muitos os que, em suas célebres reuniões, encontraram a cura; o tratamento realizado era estritamente espiritual, com base nos passes, água fluidificada e doutrinação. Quem não fosse portador de uma lesão cerebral irreversível, melhorava em poucos dias. A autoridade moral com que João Urzedo se dirigia aos obsessores fazia com que eles abandonassem as suas vítimas ou se convertessem. No Capão da Onça, os espíritos obsessores não ousavam avançar além dos limites do que, à época, não passava de insignificante agrupamento de casas na zona rural.

Sem saber como, fomos diretamente para o sítio que um dia pertencera aos pais de Paulinho, Juliano e Maria das Dores; a pequena gleba não se localizava propriamente no povoado. Atravessamos um riacho de águas límpidas e murmurantes e, logo após a ponte de madeira, dobramos à esquerda, como quem saísse da estrada. Infelizmente, tudo estava abandonado. Creio que Paulinho e Mariana haviam se mudado; a pequena casa, semidestruída, revelava sinais de ter sido castigada pelo fogo.

—Inácio - sugeriu Odilon - procure rememorar. A nossa investigação carece partir daqui; mesmo sabendo onde se mantém o espírito Tomás prisioneiro, a nossa expedição socorrista fará aqui o seu ponto de partida. Toque as paredes da casa em ruínas, Inácio, e ausculte as vibrações delas; exerça a psicometria.

Por que motivo tal pedido era endereçado a mim e não a Dona Modesta ou mesmo a Manoel Roberto?

Como que me registrando os pensamentos, o amigo insistiu:

—Não duvide do que você também seja capaz na mediunidade. É hora de desobstruir os canais da sensibilidade; sinta com as mãos o que estas paredes de adobe registraram.
Levado pelo impulso de obedecer ao mentor, despretensiosamente apoiei ambas as mãos espalmadas próximo à porta do que teria sido a sala e fechando os olhos, procurei enxergar.
—Eu vejo! - exclamei surpreso. - vejo cenas terríveis. O incêndio no paiol, Paulinho e alguns amigos preocupados em combatê-lo. Ouço o choro de uma criança.
Embora sem os pêlos que caracterizam o corpo de carne, me sentia como se os trouxesse eriçados da cabeça aos pés.
—Atente Inácio, atente para os detalhes - orientava Odilon.
—Vejo uma enorme cobra se arrastando no terreiro! Ela saiu do brejo, a poucos metros da casa. É uma sucuri gigante! Deslizando pela soleira da porta e o choro da criança aumenta no berço. Que horror, meu Deus!
—Prossiga! Não recue agora! - insistia o companheiro, a iniciar-me na prática da psicometria, naquele exato instante. - leia mais; atente para os detalhes das cenas que ficaram impressas na memória do tempo. Precisamos conhecer o caminho. Eles não nos estão esperando por aqui.
Não posso lhes dizer se o corpo espiritual transpira, mas a verdade é que eu estava suando em bicas, naquela tensão quase insustentável.
—No interior da terra a sucuri deu o bote! - gritei, como se tudo estivesse acontecendo naquela hora. - a criança está presa em suas mandíbulas e ela o arrasta para o brejo. Mariana e Paulinho correm. O ambiente escurece com a fumaça - será somente por causa da fumaça?! As imagens do que percebo se confundem e estão superpostas. Ouço um tiro e vejo o jovem pai do menino com imenso facão nas mãos, abrindo o abdome da cobra. Não posso mais: a aflição de Paulinho e Mariana me confrange o coração.
—Mais um pouco, Inácio! - insistiu Odilon. - esqueça o menino. O que você enxerga em seguida? O que acontece com a sucuri? Descreva, descreva o que você está vendo!
—Uma cobra se destaca do corpo da sucuri morta. Não! É um ser mitológico, um grande lagarto, metade réptil, metade homem. Adentra a terra, com a criança nos braços. Seria um espírito mediunizando uma serpente? Que coisa pavorosa! Isto não pode ser real. Paulinho aperta o corpo do filho morto junto ao peito; os peões afastam Mariana do local.
—Acompanhe a trajetória do dragão, Inácio! O pior já passou. Onde o local exato em que ele mergulha no solo?
—Ali, no interior do brejo. É uma seqüência impressionante! A entidade, com o espírito do menino imantado em seu corpo, afunda onde a cobra foi morta; é como se a terra se abrisse para recebê-los: a sucuri espiritual levando a sua presa espiritual para a toca.
—Agora, tranqüilize-se, Inácio - disse Odilon, pousando-me a destra na fronte. - relaxe e esqueça. Desapóie as mãos da parede e, devagar, abra os olhos. Respire fundo. Procure encher os pulmões com o ar balsâmico da noite.
Quando tornei a mim, Dona Modesta e Manoel Roberto me fitavam assustados.
—O que vocês dois estão me olhando? - perguntei ainda titubeante. - qual o motivo do espanto?
Vocês nunca viram um médium em transe?
Odilon e Paulino sorriram.
—Não podemos nada comentar agora - esclareceu o instrutor, que nos liderava. - mais tarde, se tivermos oportunidade, falaremos sobre o fenômeno. Procuremos nos apressar, pois não poderemos nos valer da volitação. Daqui por diante, agiremos como simples mortais. Presumo que teremos que caminhar muito. Você está bem, Inácio?
—Claro que está! - respondeu por mim Manoel Roberto. - o senhor não viu a bronca que ele nos deu? O doutor está ótimo!
—Quando o Inácio não está bem, nem bronca ele consegue dar - completou Dona Modesta. - se ele não estiver ranzinza, está doente.
—Então, vamos, Paulino - acenou Odilon para o amigo, que me inspirava tanta simpatia.
A noite clara de lua cheia, quando começamos a descer, como se naquele ponto a terra nos oferecesse uma passagem secreta para o seu interior, se fez espessa, como se as luminárias de estrelas de repente se apagassem no firmamento.
—Paulino, acenda a tocha - solicitou. Abrindo uma bolsa que trazia a tiracolo, o rapaz acionou um aparelho moderno, cujo formato era mesmo o de uma antiga tocha, e tivemos pequena claridade que nos possibilitou divisar o caminho.
—Isto é digno de Jules Verne! - exclamei.
—Não nos convém, por enquanto, uma luz mais intensa. Sigamos sem alarde e procurando vigiar o pensamento; os rastreadores não se preocupam com esta passagem, uma das muitas que praticamente se encontram desativadas - explicou o mentor.

Descíamos por um barranco íngreme e escorregadio, em quase tudo lembrando as trilhas estreitas de uma caverna para o interior da terra. Corríamos igualmente o risco de escorregar. Devo esclarecer que não estou me referindo a um território geográfico apenas de natureza espiritual; os espíritos que habitam as cavernas do subsolo são tão materializados, que vivem quase que tangibilizados, como se estivessem em seu elemento natural. Sei que fica difícil imaginar isto, mas um dos nossos maiores problemas era o de não sermos surpreendidos pelas entidades que se confundiam com a cor da terra; de corpos enlameados, destacavam-se das paredes lúgubres onde dormiam praticamente em pé. Evidentemente, não estamos nos referindo aos dragões, que se constituem apenas em uma das muitas comunidades de seres espirituais que povoam o interior da terra. Ressalto, ainda, que nem todas as entidades referidas revelam predisposição para o mal; muitos dos chamados seres elementais moram no subsolo; os que residem no subsolo têm a sua "epiderme" da cor de terra; os que habitam as rochas parecem ser pétreos; os que vivem nas florestas são esverdeados; os que são das águas possuem corpos quase liquefeitos, hialinos.
Não avançamos muito, quando escutamos uma voz estentórea, ressonante saindo da parede:
—Tenham cuidado! Estes caminhos não estão de todo abandonados, como pensam.
—Por favor, quem nos fala? - questionou Odilon.
—Sou eu - disse uma espécie de duende, que se destacou do barro.
Aquela criatura não media mais que um metro de altura e, apesar da aparência que me inspirava repugnância, revelava certa ternura.
—Os dragões periodicamente vasculham a área - alertou-nos. - somos de natureza diferente e, portanto, não nos incomodam. Entretanto, se porventura eles os surpreenderem...
—Vimos procurar um amigo - asseverou o líder da expedição.
—Eu sei! - respondeu.
—Como?!
—Eu estava aqui quando eles passaram.
—Há tanto tempo assim?!
—É aqui que vivemos. Eles são invasores, ou melhor, vocês, os humanos, são invasores. Não nos têm deixado espaço algum; secam os rios, devastam as matas, exploram a terra.
—Não somos todos iguais.
—Ainda bem que não, pois, caso contrário, preferível que continuássemos em nossa condição para sempre. Humanizarmo-nos para nos tornarmos piores?
—Como você se chama? - interroguei, interrompendo o diálogo entre aquele ser e Odilon.
—Labelius! - respondeu.
—Quantos são por aqui?
—Somos, mais ou menos, cinqüenta! Não nos proliferamos tanto.
—Mas nascem crianças entre vocês?
—Não somos diferentes das flores e dos pássaros. Por que não nos reproduziríamos, se uma simples semente se reproduz? Vejo que continuam não sabendo tanto da vida.

SERES ELEMENTAIS

Vivendo na superfície, mesmo com o conhecimento que o espiritismo nos proporciona, eu não podia imaginar que a vida se desdobrasse assim no interior da terra. Ainda agora, enquanto escrevo receio que os nossos leitores interpretem estes meus apontamentos de maneira equivocada. Todavia, para não faltar com a verdade, necessito dizer que apenas lhes transmito uma pálida imagem da realidade que encontrei.
Aquele ser elementar, apesar de seu aparente primitivismo, em termos de evolução, dialogava conosco denotando inteligência, e nos entendíamos sem qualquer dificuldade. Creio que os demais não sejam todos como Labelius, que me dava à impressão de ter voluntariamente se insulado naquela condição.
—Você já reencarnou alguma vez? - interroguei, quase sem tempo para que a conversa se estendesse.
—Na espécie humana, uma única vez - respondeu. - não foi, para mim, uma experiência interessante. De pequena estatura, vivia humilhado e me sentia constrangido a ganhar o pão me submetendo aos caprichos das pessoas ditas normais. O preconceito dos homens transparece de quase todas as suas atitudes. Sofri com a solidão afetiva; felizmente, não passei dos quarenta de idade. O meu organismo não resistiu a uma infecção que me apareceu, em decorrência de uma queda. Com pernas e braços deformados, a custo conseguia manter o equilíbrio enquanto caminhava.
—Todos vocês são igualmente inteligentes? - questionei ávido de maiores esclarecimentos.
—Somos como vocês, os humanos: uns mais, outros menos dotados de inteligência; estamos mais próximos do mundo natural do que do mundo racional.

—Mais próximos das plantas e dos animais?
—Não quis dizer isso - respondeu Labelius. - não somos seres à parte; somos criaturas de Deus, elementos, por assim dizer, num grau intermediário da evolução. Somos um povo, uma raça com características definidas.
—Mas, se você reencarnou como homem e voltou a ser duende, houve retrocesso.
—Jesus Cristo teria se degradado por ter vivido na terra, descendo das esferas luminescentes que habita? - argumentou com lógica e surpreendentes noções.
—Alguns homens poderiam tornar a ser um duende ou gnomo?
—É possível. Como lhe disse, pela inteligência somos parentes de vocês; aliás, desculpem-me, mas nós nos consideramos superiores aos dragões. Não possuímos o mesmo brilho no olhar, mas também não temos a mesma opacidade no coração. Em matéria de sentimentos, somos melhores. Com exceção de alguns de nós, seríamos incapazes de fazer o mal. Os dragões são humanos. Agem como se fossem. Para ser humano, a forma não basta. Existem animais mais dóceis. Os dragões são impiedosos, quase cruéis, escravizam mentes invigilantes. A forma animalesca que adotam é compatível com a sua própria essência.
O assunto me interessava sobremaneira! Nunca havia lido nada semelhante na literatura espírita. Mas Odilon me advertiu para a urgência de continuarmos descendo. Olhei com simpatia para Labelius e me despedi:
—Espero que ainda tenhamos nova oportunidade de nos falarmos.
—Eu também. Gostei de você, humano - sorriu, estendendo-me a mão enlameada, que apertei como quem tivesse uma porção de argila a lhe escoar por entre os dedos. Tomem cuidado! - alertou-nos. - o inferno, cuja localização os homens nunca souberam precisar, sempre lhes esteve sob a planta dos pés.
De fato, à medida que avançávamos por aqueles labirintos, o cheiro de enxofre ia aumentando, chegando quase a nos sufocar e induzindo o nosso inconsciente. Ratos e insetos variados pululavam em profusão; répteis de espécies desconhecidas se arrastavam no solo escorregadio.
—Aqui é que se concentram - esclareceu Odilon - os princípios espirituais dos répteis e dos insetos, cuja existência caracteriza um planeta inferior como o nosso. Nos mundos adiantados, eles simplesmente não existem. Aqui é como se lhes fosse uma estufa gestatória; do interior da terra, ganham corpo na superfície e, quando morrem, são novamente atraídos para baixo. Cumprem o ciclo evolutivo que lhes é assinalado pela lei; os que se revelam aptos reencarnam na condição de pássaros - os morcegos; outros se transfiguram em animais de pequeno porte, até que, evidentemente, cheguem às espécies mais representativas, aquelas que antecedem a reencarnação do princípio espiritual em corpos humanos primitivos. Tudo se encadeia na natureza. Deus, que é inteligência, não poderia tirar de si uma pedra destinada a ser pedra para sempre!
Dona Modesta, Manoel Roberto e Paulino seguiam atentos, tanto quanto eu. Súbito, então, ouvimos passos de alguém se movimentando e falando alto. Odilon nos recomendou silêncio e nos pusemos a ouvir:
—Você está sabendo da última do "governo"? - um comentava com outro. - O grande dragão oferece uma recompensa. A ordem agora é desmoralizar ao máximo os religiosos; as coisas estão melhorando para nós e a panacéia da fé perdendo credibilidade. Com tantos escândalos sucedendo, fica fácil para nós. Hipocrisia pura! Só rola dinheiro e sexo. Os mais bem intencionados acabam se pervertendo. A tentação é grande! De cada núcleo religioso que for destruído, ganharemos uma promoção. Não é necessário fechar as portas: apenas plantar uma semente. O resto é com eles, que se autodestruirão.
—Este serviço é moleza! Bastar-nos-á fazer com que a desconfiança se estabeleça. Desconfiança e luta pelo poder. Trabalhamos com excelentes materiais de assimilação: fofoca, calúnia, personalismo, vaidade, permissividade sexual. Não há quem resista; a questão está em sermos tenazes. Alguns dão mais trabalho. Essa turma da caridade.
Percebi quando aqueles dois lagartos, que é como eles próprios se chamam os súditos não graduados do dragão, passaram rentes a nós, com certeza demandando a superfície da terra.
Dona Modesta, sem alterar a voz, observou:
—Sem dúvida, somente a vivência do evangelho através da caridade poderá preservar o equilíbrio dos grupos espíritas. O intelectualismo puro é porta escancarada à perturbação; a polêmica doutrinária, quando extrapola, além de nada esclarecer, fragiliza.
—Somente o bem cria uma couraça contra o mal - acentuou Odilon. - sem que se direcione para a caridade, até a mediunidade é instrumento das trevas.

CENAS DANTESCAS

—Precisamos saber onde agir - explicou Odilon. - são muitas as cavernas e as passagens que dão acesso ao reduto do dragão. Segundo informações, Torquemada está num calabouço subterrâneo quase inacessível.

Vez por outra, é retirado para exibição pública. Correm boatos de que ele será seqüestrado; mantê-lo cativo é questão de honra.

—Como haveremos de localizá-lo? - perguntou o jovem Paulino.

—Temos agentes infiltrados.

A resposta do companheiro novamente me induziu a pensar que a nossa expedição socorrista fosse obra de ficção literária. E olhem caros leitores, que tenho procurado me conter ao máximo em minhas narrativas; o que eu tenho para lhes dizer não caberia na cabeça do médium.

—Agentes infiltrados?! - estranhei.

—Sim, Inácio. Qual o motivo do espanto? Não existe região de treva absoluta; por toda parte, a luz se insinua. No momento oportuno, saberemos.

Caminhamos mais alguns metros e nos deparamos com uma cena dantesca. Vários homens e mulheres, completamente nus, sendo espancados e seviciados, em meio à espessa cerração de fumaça de enxofre. Igualmente nus, com os membros sexuais expostos, os lagartos, quase todos os homens, os chicoteavam e se prevaleciam da fragilidade das vítimas.

—Você, agora é meu, inteiramente meu! - gritava um deles, arrastando um rapaz pelos cabelos. - esperei muito tempo por isto! Você é a minha recompensa, o meu objeto de prazer. Venha! Venha!

—Não! - gritou o moço. - tenha compaixão. Eu não queria traí-lo. Fui fraco. Não resisti ao dinheiro que me foi oferecido. Por favor, não faça isso!

—Esqueça! Não me fale em compaixão. Você será meu assim, todos os dias. Deixei tudo por você e fui apunhalado pelas costas! Sentimento não existe! Quem ama acaba se tornado um frouxo. Quero apenas sexo, sexo!

Uma lagarta, uma das poucas que vi naquelas condições, se enroscava, à semelhança de serpente, no dorso de um homem que me parecia desmemoriado.

—Você me pertence! Finalmente, é só meu. - a voz era rouquenha, irritante. - passaremos assim a eternidade; eu beberei as suas energias todos os dias. Por sua causa, fui para a sarjeta e me prostituí. Serei sua para sempre, mas de você só quero o corpo. Será que me entendeu?

Impossível descrever todo aquele festival de promiscuidade e sodomia. Ali estavam todos loucos. Sinceramente, não consigo imaginar em que condições aquelas entidades haveriam, mais tarde, de reencarnar. Preferível, mil vezes, um campo de concentração nazista, que, a bem da verdade, não devia diferir muito daquilo, apenas com a vantagem da morte próxima para os prisioneiros.

Mesmo que quiséssemos, não conseguiríamos valer àqueles irmãos em extrema penúria. Com certeza, a misericórdia divina não se descuidaria de nenhum deles. Não existe ninguém que, em dado momento, não se faça merecedor de complacência, inclusive dos próprios algozes. O ódio, quando se esgota, dá lugar ao amor; quando a taça se esvazia de fel, pode tornar-se recipiente para a água pura da fonte.

Saindo daquela ampla abertura que ficava na confluência de várias entradas para as cavernas, esgueirando-nos com cuidado, para que não fôssemos notados, tomamos uma trilha que nos reservaria surpresa maior ainda. Após prosseguirmos caminhando por quase quinhentos metros, sempre descendo, com o ar se fazendo cada vez mais irrespirável, à luz mortiça da tocha que Paulino carregava, se eu não tivesse sido amparado por Odilon, certamente cairia. Em tudo, nos mínimos detalhes, aquilo era o inferno.

—Não se assuste amigo - disse o mentor, procurando me acalmar. - sem dúvida, trata-se de uma réplica do inferno, conforme a mente humana o criou e recriou por séculos e séculos.

Sem que dessem conta de que estavam sendo observados por nós, os demônios, com todas as características que sejamos capazes de concebê-los, inclusive com patas, chifres e tridentes nas mãos, dançavam em torno de imensos caldeirões ferventes. De carrancas ferozes e olhos avermelhados, que chegavam a lembrar cabeças de dinossauros carnívoros, torturavam várias vítimas, que clamavam:

—Socorro! Piedade! Eu nada fiz para merecer tanto! Isto aqui é um pesadelo! Será que, de fato, morremos? Meu Deus, meu Deus! Como pude acreditar na existência do céu e tomar o caminho do inferno?! Eu me arrependo, eu me arrependo! Por favor, concedam-me o purgatório! Estou queimando, no entanto as labaredas não me consomem. Cada minuto aqui é uma eternidade!

Curioso é que os demônios que eu via não emitiam uma única palavra e absolutamente insensíveis, mergulhavam a cabeça de suas vítimas na água em elevadíssima temperatura. De quando em quando, abriam as narinas e aspiravam profundamente o ar mesclado de cheiro de enxofre e carne assada ao fogo direto.

Existem centenas e centenas de réplicas semelhantes no interior da terra, sob o espaço geográfico de quase todos os países. Aquilo em que cremos por mais absurdo, tende a se tornar real. A ilusão que se alimenta ganha vida fictícia. Várias mentes, pensando na existência do inferno, terminam por dar-lhe forma. A insanidade extrema de algumas entidades levou-as a "incorporar" a figura do demônio. Tudo aqui é plasmado. A consciência, não raro, se exterioriza, no céu ou no inferno que imaginamos. Depois da morte do

corpo, seremos remetidos para o endereço de nossa preferência moral. As labaredas que aqui se alteiam são alimentadas pelo remorso dos espíritos culpados que se agrupam.
Não me animei, naquela hora, a efetuar qualquer comentário. Limitei-me, tanto quanto possível, a gravar na memória aqueles quadros que Dante Alighieri, o poeta florentino, registrara na magistral "a divina comédia". Ele não exagerara; aliás, feito eu, ele omitira certas visões que não convém descrever.
Saindo dali, não caminhamos mais que vinte metros, quando, de inesperado, fomos interceptados por um dragão. Antes, porém, que esboçássemos qualquer reação, Odilon esclareceu:
—É um dos nossos.
—Nada temam - explicou-se o agente. - Torquemada está no subterrâneo do palácio. Amanhã, como de hábito, ele será trazido para fora, numa gaiola. Tomem cuidado com os rastreadores. Apesar de não acreditarem muito numa tentativa de resgate, os dragões têm comentado esta possibilidade. Dois deles chegaram da superfície e trouxeram notícias de vocês e estão sendo punidos porque não conseguiram seguilos. Não posso falar muito. Amanhã, provocaremos um tumulto na praça. O grande dragão dirigirá novamente a palavra aos seus seguidores. Será o momento de intervir. Desejo que sejam bem sucedidos, pois, em caso contrário, estaremos todos comprometidos.

ETERNA NOITE

As horas se arrastavam pesadamente; o tempo, naquele espaço no interior do orbe, parecia não passar. Não soprava sequer a mais leve brisa. Desprovido de céu e de luar, era uma eterna noite. Desde muito, Odilon recomendara que Paulino apagasse a tocha. Alcançamos o limiar da cidade do dragão, valendo-nos da claridade das labaredas e da fumaça de enxofre que, de certa forma, as refletia.
Quando o nosso agente terminou de transmitir as informações e se retirou, perguntei ao amigo que nos chefiava a expedição:
—De quem se trata?
—De alguém, que renunciou às dimensões espirituais mais altas para estar próximo de um coração querido - o filho que, tendo levado uma existência de perversão, acabou cometendo suicídio. Há anos, Flavius tenta resgatar o rapaz, que, infelizmente, é prisioneiro desta situação. São muitos os que renunciam à luz para viver nas trevas, imitando o exemplo do senhor, a luz do mundo, que um dia fez eclipsar-se a própria grandeza, para viver entre os homens.
Ele não corre o risco de ser detectado pelos rastreadores com a sua acuidade mental, Flavius se plasmou um deles; é evidente que possui uma atuação discreta.
—Quais as chances de que ele retire o filho deste lugar tenebroso?
—Talvez leve mais algum tempo. Ninguém está abandonado. O comportamento contido de Flavius influencia outras entidades que dele se aproximam; o trabalho de semear é relativamente rápido, mas a colheita exige tempo mais longo.
—E a forma adquirida por ele?
—O perispírito é sensível ao poder do pensamento e os espíritos que possuem agilidade mental conseguem plasmá-lo, dando-lhe as mais diferentes formas; o perispírito pode ser condensado ou sutilizado, restringido ou ampliado. Li o fenômeno da transfiguração espiritual.
—Por que - insisti - não adquirimos as feições dos lagartos? Não teríamos facilitado à tarefa?
—Não haveria necessidade, Inácio. Como você pode reparar, muitos conservam aqui os nossos traços fisionômicos. Em nome do Cristo, estamos agindo sem qualquer disfarce. O grande dragão, como você terá oportunidade de constatar, é um homem comum. Muitos aqui estão sob hipnose, outros tantos se degradaram a tal ponto, que perderam o domínio de si mesmos.
Enquanto falávamos, acomodamo-nos no chão da praça central da estranha cidade. Várias ruelas desembocavam na praça e fizemos opção pela mais escura delas, com o propósito de não levantar suspeitas. De repente, passou rente a nós, sem, contudo, nos identificar, um daqueles dois com os quais havíamos nos defrontado à porta do sanatório; ele estava todo machucado e, com certeza, fora submetido a rude espancamento. Caminhando com extrema dificuldade e com hematomas no rosto, não pôde atinar conosco, que nos protegêramos onde a sombra era indevassável.
—Procuremos descansar - recomendou Odilon. Creio que, dentro de mais quatro ou cinco horas, o dragão fará mais um de seus pronunciamentos ditatoriais.
Desnecessário dizer que não dormimos. Com exceção de Manoel Roberto, cuja facilidade para cochilar eu sempre invejei ninguém conseguiu pegar no sono.

Entendendo-se com Paulino, a quem fornecia algumas explicações, Odilon permanecia vigilante, sempre de olhos voltados para a praça, a qual, aos poucos, ia regurgitando. Fiquei impressionado com o número dos que dormiam ao relento, uns sobre os outros.

—Um dia - comentei com Dona Modesta -, se houver oportunidade, pretendo escrever sobre o que estamos passando.

—Para quem? - questionou-me, surpresa. - para os nossos irmãos do mundo?

—Por que não? - respondi.

—Desista, Inácio; eles não acreditarão. Tudo isto é muito próximo das histórias em quadrinhos ou dos desenhos animados mais modernos. Dirão que você é um visionário mistificador.

—Não importa; estou habituado a ser chamado de charlatão. Os padres viviam dizendo que éramos bruxos e que precisávamos ir para a fogueira; e não apenas eu, mas você também, modesta.

—Era diferente.

—Tudo é igual.

—Nem os espíritas acreditarão em você; aliás, principalmente eles. Todos falam em umbral, mas ninguém consegue descrevê-lo. Não há cabeça de médium que agüente.

—De qualquer maneira, se puder, tentarei; os mais estudiosos não duvidarão. Os chamados evangelhos apócrifos, os que não foram aceitos oficialmente pela igreja, resumidamente falam disto tudo, em especial o de tome que tive oportunidade de ler.

—Na oração do "credo" - lembrou nossa irmã -, diz-se que, antes de subir aos céus, Jesus desceu ao inferno.

—Deve ter sido onde estamos agora.

—Há dois mil anos, deveria ser pior.

—Você tem razão, Modesta; mesmo numa região como esta se submete à inexorável lei da evolução.

—A necessidade de vigilância dos homens é grande; os nossos irmãos encarnados vivem sob dupla pressão psíquica.

—Sem dúvida - concordei -; pressão dos que vivem na superfície da terra e pressão dos que vivem em seu interior. Não são de admirar tanta violência, tantos crimes.

—Não fosse pela cobertura espiritual dos que se movimentam em favor do bem, a terra seria um vulcão prestes a explodir.

Não sei precisar por quanto tempo dialogamos. Virando-se para nós, o mentor e cicerone observou:

—Mais alguns minutos e nós ouviremos o pronunciamento do dragão.

—Quem é ele? - indaguei. - Qual é a origem do seu poder?

—Foi importante membro da igreja católica.

—Eu já imaginava.

—Foi antecessor de Torquemada e por este motivo, não lhe perdoa. Foram os dois maiores nomes da inquisição. Ele tem um domínio impressionante sobre os seus subalternos; desconhece o que seja misericórdia.

—Mas aqui ele não pode matar mais ninguém?

—Morrer, Inácio, seria o de menos; aqui o suplício é a tortura, a escravidão. O corpo espiritual também sofre e o espírito enlouquece. São muitos os que foram dementados por eles e, posteriormente, soltos por aí; vivem como se fossem descerebrados - autênticos zumbis.

—E o amparo do nosso plano?

—Infelizmente, não somos em número suficiente para atender a todos; não temos como localizá-los, de imediato, em um novo corpo. O controle de natalidade está bloqueando o renascimento dos espíritos. As estatísticas são desoladoras. Alguém os socorrerá, mas...

—Mas?

—Até que sejam socorridos, para a maioria será passado um tempo excessivamente longo.

—Quanto?

—Cinqüenta, cem anos, às vezes mais. Tudo, no entanto, obedece a um planejamento divino e ninguém será esquecido.

—Mas é muito tempo.

—Diante da eternidade - respondeu Odilon - os séculos e os milênios têm importância bem relativa.

A PALAVRA DO DRAGÃO

A praça estava repleta. Fazendo-se anunciar por trombetas, o grande dragão assomou a sacada do palácio. Embora posto a vários metros de distância, consegui identificá-lo.

—Mas - disse a Odilon -, este é o fundador da ordem dos dominicanos no século XIII; eu o conheço bem - de uma coleção de gravuras que o retratavam nas enciclopédias. Por ordem do Papa Inocêncio III, sacrificou os albigenses considerados hereges.
—É ele mesmo, Inácio. Não importa agora a sua identificação, mas é ele mesmo.
—Ele não reencarnou desde aquele tempo?
—Não. Enganam-se os que imaginam que todos os espíritos expiam de imediato suas faltas; a expiação é uma bênção que também precisamos fazer por merecer.
Acompanhado por numeroso séqüito integrado pelos seus ministros e guardiões, o dragão, trajando o hábito dos dominicanos, no qual o manto preto predominava sobre o burel creme, começou a falar:
—Concidadãos, os nossos projetos estão se concretizando e os nossos domínios se estendendo. Isto graças à cooperação de todos vocês. A rigor, não temos enfrentado resistência invencível: temos tido, em muitos religiosos, aliados importantes. Estamos infiltrados. A igreja e o mundo haverão de ser novamente nossos. A luta pelo poder extermina toda ética. Apenas temos encontrado certa dificuldade com a nova doutrina, que se nos opõe em campo aberto, mas os seus adeptos são pouco numerosos e se concentram no Brasil. Os países cultos e ricos ignoram o espiritismo. Para os europeus, nada sai do terceiro mundo que valha a pena importar, mormente o que concerne à religião. O movimento espírita sofre, em terras brasileiras, a influência de doutrinas exóticas, que o desfiguram aos olhos da Europa e da América do Norte; as seitas de origem africana que se dissimularam no catolicismo geram equívocos doutrinários que nos favorecem. Desgarrados do seio da igreja, os seguidores de Allan Kardec ainda não lograram vencer a ambição que os caracterizava, quando disputavam entre si os cargos que conduzem à tiara pontifícia; o personalismo tem feito por nós boa parte do trabalho que nos compete para anulá-los. Resta-nos, no entanto, cerrar fileiras para que, em definitivo, desvinculemos do espiritismo a figura do Cristo. Já temos conseguido propor esta questão que, para os nossos objetivos, é de suma importância. Melhor para nós que a nova doutrina, que nos ameaça a hegemonia, seja tão-somente considerada uma filosofia e, sobretudo, uma ciência, porquanto ambas não exigem a renovação da criatura. Precisamos insistir para que a caridade se confunda com o chamado assistencialismo e que os intelectuais espíritas a releguem. Queremos espíritas que teorizem que discutam e não espíritas que ajam sempre predispostos à tolerância e à solidariedade. Temos tentado de todas as formas, e o nosso arsenal se revela inesgotável. A tese do corpo fluídico do cristo, desde os primórdios da doutrina do abominável francês, está sempre em pauta e fermentando entre os seus seguidores que, meros humanos que são, querem ter a primazia da verdade. O número excessivo de obras mediúnicas no mercado, com as quais temos igualmente colaborado, desvia a atenção do povo dos livros que, para nós, se constituem em verdadeira ameaça.
Eu estava impressionado com aquela abordagem. De fato, o movimento espírita me parecia uma gleba excessivamente comprometida, onde a invigilância dos lavradores consentira que as trevas semeassem joio em meio à plantação de trigo.
—Interferimos, através dos canais da mediunidade, na maioria dos centros espíritas, onde os nossos aliados da superfície se fazem passar por seus mentores. Repito: o que mais tem se constituído em entrave para nós é o elo que a maldita nova doutrina insiste em manter com o nazareno, com a proposta de lhe reviver os ensinamentos. Carecemos de reduzir o espiritismo a pura filosofia com pretensões à ciência. Eles falam em unidade, mas não são unidos. Todos querem mandar e se propõem criar, todos os dias, novas confederações; precisamos incentivar isto.
Quanto mais divisão, melhor. A descentralização de poder, para nós, em relação a eles, tem certa vantagem.
Não me passou despercebido o "em relação a eles", quando o dragão se referia à descentralização do poder.
—Somos fortes - continuou - porque somos uma única cabeça e um único corpo. Fracioná-los ao máximo, eis a tática a ser colocada em prática. E fomentarmos os escândalos, principalmente os que se referem a dinheiro e sexo: eles pregam o desapego, mas ninguém vive sem dinheiro no bolso. Quanto ao sexo, a maioria é egressa das orgias dos seminários e dos conventos. Não estou falando contra nós mesmos. O que tem de mal o sexo? Quem é tão hipócrita que não goste de sentir prazer? Referem-se à sublimação, mas isto é para quem é desprovido de órgãos sexuais em funcionamento. Contamos, pois, com todas as facilidades; se falharmos, a incompetência será nossa, e todo incompetente carece de ser punido.
Depois de efetuada pausa proposital, a um aceno, o grande dragão ordenou que uma gaiola fosse conduzida ao meio da praça. Uma escolta de doze dragões com armaduras, escudos e lanças, introduziu a cela móvel na qual, espantando, notei o espírito Torquemada preso - pescoço, mãos e pés - a grossas correntes. Ninguém o reconheceria com facilidade. Corpo edemaciado, olhos esbugalhados e sem brilho, gemia a cada estocada de lança dos dragões, a sorrirem, sarcasticamente. Notei ainda que sua forma espiritual estivesse sendo parasitada por corpos estranhos, à semelhança de enormes sanguessugas.
—São os ovóides - esclareceu Odilon. – André Luiz trata da existência deles em seus livros, lembra-se?

Anuí com a cabeça. É claro que eu me lembrava. Espíritos sem forma em simbiose com suas vítimas. O infeliz Tomás tinha mais de oito deles à altura da cabeça e do tórax.

—Eis o que espera os traidores! Outrora, este homem foi um dos nossos - prosseguiu o dragão. - confiamos nele e fraquejou. Inútil que tentem libertá-lo. Ele é nosso em definitivo e o manteremos assim para sempre! São mentirosos os rumores de que os de cima planejam a sua fuga; tentaram uma vez, é verdade, mas comandei pessoalmente a sua captura. Somos imbatíveis no que nos propomos executar. Se mandarmos o Cristo para a cruz, quem seria capaz de se nos opuser?

Naquele instante, finalmente pude compreender a importância de se resgatar Tomás de Torquemada daquela situação; o fato teria inegável repercussão e nos permitiria respirar aliviados - pelo menos por um tempo - do assédio que os nossos irmãos espíritas vinham sofrendo na superfície. Não poderíamos deixar de contra-atacar, como um jogador de xadrez que procura fugir ao xeque-mate em lance inesperado.

—Vejam hoje este homem sem nome e sem rosto! - gritou o dragão, em meio aos apupos e vaias da multidão desvairada. Ele é o nosso troféu vivo! Fomos buscá-lo na superfície. Ocultaram-no num berço anônimo, mas os nossos rastreadores o localizaram. Poder a poder, somos mais nós! Não há quem se atreva a tirá-lo daqui!

O RESGATE DE TORQUEMADA

Éramos centenas, os que nos misturávamos na praça, escutando, atentos, o discurso daquele líder ensandecido, que, em essência, se opunha ao poder que rege o universo; a sua intenção era rebelar-se, arrebatando adeptos para as suas idéias e propósitos.

Falando em voz quase inaudível, Odilon comentou comigo:

—Os espíritos que se deixam influenciar pelo dragão, em maioria, atendem as próprias conveniências: não querem voltar a terra e fogem da reencarnação, abominando o esforço evolutivo que lhes compete empreender e que, mais cedo ou mais tarde, enfrentarão. O dragão governa pelo temor e conta com a fidelidade de alguns que se lhe submetem por interesse; aqui não poderia haver ética alguma. Todos os dias, planos para desestabilizá-lo são articulados e a punição aos rebeldes consiste, entre outras, induzi-los à reencarnação em situação de extrema penúria.

Aproveitando-se da pequena pausa no discurso do líder das trevas, um de seus ministros algo lhe disse aos ouvidos que o encolerizou:

—Estamos sendo alertados a respeito de um novo foco de rebelião; os "rastreadores" detectaram vibrações que nos são contrárias. Eu os advirto uma vez mais: desistam de me usurparem o trono. Os traidores pagarão caro! Faremos com que renasçam como pasto dos homens sem escrúpulos; os perseguiremos desde o berço e seremos inclementes! Vejam o exemplo no meio da praça! Se a vida por aqui não lhes corresponde às expectativas, no mundo, muito menos ainda. Viverão como dementes, marginalizados pela sociedade e se prestarão ao exercício de caridade humilhante; serão usados pelos religiosos como material de propaganda de má-fé sem escrúpulos. O nosso governo tem sido transparente: não enganamos, não mentimos, não corrompemos. Não podemos permanecer parados e precisamos nos dividir, caso contrário os "rastreadores" nos localizarão.

—Paulino - orientou Odilon -, você, Manoel Roberto e Dona Modesta procurem se posicionar estrategicamente, por onde a escolta conduzirá Torquemada de volta; ela sempre faz o mesmo percurso. Eu e Inácio iremos em seguida. Vamos tentar surpreendê-los. Apenas dois ou três dragões se encarregam de tirar o nosso irmão da gaiola e levá-lo ao calabouço; não esperariam, aqui, uma ação nossa. Ao término de seu pronunciamento, o dragão sempre ordena que víveres sejam atirados ao povo e o tumulto se faz. Agiremos então.

—Denunciem! - exortava o dragão. - qualquer suspeito deve ser denunciado. Precisamos nos unir para conquistarmos a superfície; vivemos sitiados porque ainda não somos fortes o bastante. Em alguns países, os dragões caminham livremente nas ruas; reencarnam exclusivamente para desfrutar dos prazeres da vida material - carne, bebidas, drogas, sexo, ócio. Este é o céu! Se a morte não existe, nenhum prazer é demais. Quem perde o corpo, ganha outro; a função do sexo é reprodutora. Vejamos os animais, dos quais não diferimos tanto assim: desde que o mundo é mundo, há bilhões de anos, certas espécies sobrevivem. O corpo humano não pode mais que um simples vírus. Não nos importemos em morrer; importemo-nos em gozar a vida, usufruindo o tempo.

A um gesto seu vários guardiões começaram a jogar alimentos para a população. Tive a nítida impressão de que se tratava de pedaços de carne ou de algo que se lhe assemelhasse. De fato, imenso alvoroço teve lugar e, aproveitando o descuido da vigilância, Paulino, Manoel Roberto e Dona Modesta seguiram com rapidez por uma ruela que levava aos fundos do palácio.

A cela de Torquemada começou a se movimentar e a certa distância, eu e Odilon, a acompanhamos. Olhei para trás e observei que o dragão sorria, vendo a fragilidade dos habitantes daquela cidade, que se engalfinhavam na lama, disputando pequena porções de alimento que, por ali, me parecia escasso; não havia produção alguma naquele lugar. Mais tarde, Odilon me esclareceria que parte daquele alimento - princípio vital semi materializado - era extraído de cadáveres!

A escolta, inicialmente composta por doze dragoneses, reduzira-se a quatro, sendo que dois estavam do outro lado de pesado portão, para abri-lo.

—Agora é o momento - disse-me Odilon, dirigindo-se aos guardas do lado de fora.

—Amigos, vocês precisam de ajuda? – perguntou com voz firme e passos determinados. - Pelo que vejo, a gaiola pesa muito. Deixem-nos cooperar. Chegamos há pouco e ficamos impressionados com a eloqüência do dragão. Viemos para conhecê-lo, pois a sua fama corre o interior da terra.

Neste instante, surgindo do outro lado, Paulino, munido de uma espécie de serra a laser, agiu com a rapidez de um felino e cortou as grades, antes que qualquer alarme fosse dado. Com o auxílio de Dona Modesta, Tomás, sem lucidez do que se passava, foi retirado e colocando-o nos ombros, Manoel Roberto começou a empreender fuga.

Não percebi quando gritei para os soldados atônitos:

—Calem a boca ou o dragão os punirá!

Todavia os outros dois que empurravam o portão, ao perceberem o resgate, tocaram enorme trombeta em forma de chifre.

—Inácio, depressa - chamou-me Odilon -, não temos tempo a perder. Logo estarão no nosso encalço. Depressa! Aqui somos simples mortais e não temos como nos prevalecer de nossos recursos de volitação.

—Invasão, invasão! - ouvimos a gritaria. - Fomos traídos! Guardem todas as passagens! O prisioneiro fugiu! É gente lá de cima peguem-nos, peguem-nos! Os incautos pagarão caro!

—Voltaremos pelo mesmo caminho? - questionei, enquanto enveredávamos pela boca de uma caverna.

—Será melhor, Inácio - respondeu Odilon. – Nós já o conhecemos e desconfio que tenham aliados.

Sobre os ombros de Manoel Roberto, Torquemada era uma pobre massa disforme, com aqueles ovóides vampirizando-lhe o corpo espiritual.

A escuridão, sem dúvida, nos facilitava a fuga, no entanto os nossos olhos não estavam assim tão habituados a ela.

—Acenda novamente a lanterna, Paulino - solicitou o companheiro que nos guiava e que, com certeza, não era a primeira vez a concretizar um plano daquela natureza. - Manoel - ordenou em seguida -, passe o nosso irmão para o Inácio, pois, afinal de contas, ele é o seu "padrinho".

Com Tomás de Torquemada nos braços, uma aluvião de idéias que não pude expressar me acorreu ao pensamento. Quem diria, eu, Inácio Ferreira, considerado o inimigo número um pelo clero em minha cidade, arriscando-me para salvar um ex-inquisidor! Como, de fato, a vida dá voltas, meu Deus!

—Mais rápido! - insistia Odilon. - Esta caverna é a única que não se comunica com tantas outras. Se atingirmos a superfície, estaremos livres. A claridade do sol os deterá.

Coisa curiosa: o espírito Torquemada se me aconchegara ao peito como um filho protegido pelo pai!

ALCANÇANDO A SUPERFICIE

Ao meu lado, Dona Modesta me amparava para que não me faltassem as forças necessárias. O que mais me incomodava eram aquelas "sanguessugas", asquerosas, grudadas na cabeça e no tórax de Torquemada; impressionei-me com as suas ventosas a sugar-lhe incessantemente as energias, como se quisessem "beber-lhe" o espírito.

A subida era difícil, mas Paulino e Manoel Roberto igualmente me assessoravam.

—Aonde teria ido Odilon? - indaguei, sem fôlego.

—Ficou um pouco para trás, nos concedendo cobertura - respondeu Paulino. - não nos preocupemos: o doutor Odilon está acostumado a lidar com situações semelhantes. Já estivemos aqui uma vez.

—Mas como ele os deterá? - perguntei naturalmente apreensivo.

—Irá despistá-los. O objetivo é que ganhemos tempo. A escalada do abismo é íngreme e não temos como ir mais rápido.

Há poucos metros de nós, podíamos escutar o alarido reinante; talvez uns trinta ou quarenta dragões estivessem nos perseguindo. A sorte é que a passagem pela qual optamos era demasiadamente estreita; quase que éramos obrigado a avançar em fila indiana. Não demorou muito para que o mentor nos alcançasse.

—O comandante de um dos grupos que nos seguem é um dos nossos: é o "rastreador" com o qual conversamos na praça. O problema é que um segundo grupo está sendo liderado por um sobrinho do dragão e corremos o risco de ser alcançados por ele. Paulino creio que esteja na hora de explodirmos a "luz".
Retirando da bolsa, da qual não se apartava um pequeno artefato de forma circular, não maior que o tamanho de um ovo de galinha, Paulino Garcia, por controle remoto, fez com que ele explodisse há dez metros de nós.
—Já que não temos luz própria, Inácio – comentou Odilon -, precisamos improvisar, não é?
A claridade foi tão intensa que, confesso, olhei para Torquemada agarrado em meu peito como quem procurasse refúgio nas sombras.
—Isto nos concederá mais alguns minutos – disse o companheiro. - A luz haverá de desnorteá-los.
Avancemos.
Quando estávamos quase completando a subida, seis dragoneses, que haviam varado a cortina de luz, prestes a nos alcançar, gritaram:
—Parem! Parem, em nome do dragão!
—Só atendemos a Jesus Cristo, nosso mestre e senhor! - redargüiu Odilon, em altos brados.
—Jesus Cristo é uma mentira com a idade de vinte séculos! - respondeu o que supus ser o sobrinho do dragão.
—Uma mentira não dura tanto tempo assim! -retrucou o admirado amigo, invencível em seus argumentos.
—Vamos alcançá-los e os traremos todos para baixo! Temos gente nossa os esperando na boca da caverna!
—Não acreditem. Estão blefando.
A verdade, no entanto, é que os dragoneses remanescentes estavam a poucos passos de nós, que nos estafáramos em excesso na fuga empreendida. Nesse momento, porém, quase nos alcançando, os perseguidores se depararam com inesperado obstáculo.
—Vejam! - chamou-nos Dona Modesta a atenção.
Era Labelius, o amigo que fizéramos na entrada da terra, com cerca de trinta seres elementais feitos de lama escorregadia, que se deitaram ao longo do caminho, provocando a queda dos dragoneses que se derrubavam em efeito dominó.
Sinceramente - abro aqui mais um parêntese -, vocês têm todo o direito de duvidar do que lhes digo; eu também não acreditaria, se alguém me contasse o que lhes conto, mandaria interná-lo no sanatório em cela isolada, como paciente de alta periculosidade. Nem nos antigos gibis que lera mais novo, os autores conceberam cenas semelhantes. Já estou a imaginar a cara de espanto dos espíritas ortodoxos que, como eu, não sabem nada da vida! Quem, por exemplo, acreditaria há poucos lustros que as plantas fossem dotadas de extraordinário poder de defesa, quando se sentem ameaçadas por predadores? Elas emitem uma espécie de "sinal" que atrai os devoradores de seus inimigos. De raízes fincadas no solo, os vegetais não estão assim tão à mercê das circunstâncias. A ficção passa a ser mais real que a própria realidade.
Com leve aceno de mão, Labelius nos disse:
—Sigam em paz!
Aquele ser feito de barro será nesta altura, eu não lhes posso afirmar nada me arrancou lágrimas dos olhos.
Atingindo a superfície, completamente extenuados, procuramos o aconchego de um tapete esverdeado que a natureza nos oferecia. O sol brilhava com intensidade e tive vontade de dar um mergulho no riacho próximo, o que todos fizemos, com o propósito de nos despojarmos de toda e qualquer impureza que se nos acumulara no corpo espiritual.
Quando nos refizemos, Odilon solicitou que Dona Modesta exercesse a sua faculdade de cura e aplicasse passes em Tomás, procurando libertá-lo dos corpos ovóides que o parasitavam. Durante aproximadamente meia hora, a benemérita irmã se ocupou em "limpar" o perispírito do indefeso ex-inquisidor, que continuava com a mente entorpecida.
À medida que os ovóides se desligavam, caíam na terra e desapareciam, como se inexplicavelmente, fossem absorvidos.
—O que será deles? - perguntei a Odilon.
—Não permanecerão a esmo. Não é de nossa competência valer-lhes agora, mas, há seu tempo, serão socorridos e convenientemente encaminhados. Este é um outro universo, meu caro!
—Não vamos esperar o sol se pôr, não é? – indagou Paulino, ante a ameaça iminente de chuva.
—De forma alguma - respondeu o mentor. - partiremos agora e volitando.
Ainda sustentando eu o pobre espírito Tomás de Torquemada nos braços, deslizamos no éter e tomamos o rumo de casa.
Aquela noite no além, sem dúvida, foi noite para mim. Dormi como nunca, não tive sonhos e nem pesadelos. Quando acordei, custou-me crer que tudo aquilo tinha sido verdade. Busquei, naturalmente, me situar, com receio de que estivesse ficando louco. Só tive certeza de que vivenciara uma experiência real, quando, no

correr do dia, Odilon e Paulino vieram me visitar e confirmaram tudo. Mesmo assim, com a devida cautela, para não ofendê-los, suscitei aos dois amigos que me levassem até ao quarto do hospital onde Tomás de Torquemada havia sido recolhido.

CONSTATANDO A REALIDADE

Tudo aquilo que havíamos vivenciado Odilon, Paulino, Modesta, Manoel Roberto e eu, era realidade; eu não estava delirando e nem concebendo uma aventura de ficção. De fato, descêramos às regiões inferiores do mundo espiritual e resgatáramos o espírito Tomás de Torquemada, que em profunda sonolência, não dava o menor acordo de si.

—O trabalho para que o nosso irmão recupere alguma lucidez demandará tempo - explicou Odilon. - além dos próprios dramas de consciência, suas energias foram esgotadas pelos torturadores que o submeteram. É possível que ele necessite ser reconduzido ao corpo quase na mesma condição em que se encontra; não raro, o contato mais estreito com a matéria funciona como uma espécie de curativo de demora para a alma. Se o pensamento longamente centrado no mal termina por afetar o funcionamento do cérebro, um cérebro novo, através da reencarnação, influencia beneficamente o pensamento, trazendo-o de volta ao seu curso natural, à semelhança do rio que, provisoriamente desviado de seu leito, torna a correr sobre ele, mais tarde, com serenidade.

—Quem cuidará dele? - perguntei.

—Imagino Inácio, que seja você - respondeu o amigo, sem evasivas. - não é por acaso que ambos estão sempre se encontrando.

—Quem diria?

—A vida é sábia em todas as suas manifestações; os que conosco cruzam os seus passos algo têm a ver com a nossa própria história. Os desencontros, expressando-se através de conflitos diversos no relacionamento, determinam reencontros dos quais não nos eximiremos. Às vezes, de quem imaginamos doar, recebemos muito mais. O psiquiatra, por estudar as idiossincrasias do pensamento e os distúrbios da emoção alheia, está aprendendo a melhor medicar a si mesmo.

—Você está querendo dizer que, tratando de Torquemada, o Inácio será tratado? - indaguei, com a intenção de deixar Odilon embaraçado.

—Você é quem está dizendo, não sou eu. - redargüiu o companheiro, com aquele discreto riso.

—Eu nunca tive um padre internado no sanatório; bem que eu sempre quis, mas...

—Então, este será o seu primeiro paciente.

—Não saberei nem por onde começar; ele me parece completamente dementado. A cabeça dele é um intrincado labirinto; tantos crimes nefandos no passado e tanto tempo de revolta no mundo espiritual. Se existe loucura, creio que este seja o quadro. E depois, como haverei de lidar com aqueles que não lhe perdoam ainda?

—Você terá a eternidade para isto - disse Odilon com propriedade.

—Poderei recorrer a algum tipo de instrumentação especializada, com o propósito de tentar trazê-lo à realidade?

—A que se refere? A algo semelhante ao chamado eletro choque?

—Não, definitivamente. Você terá que lançar mão dos recursos que traz dentro de si: a palavra, Inácio, a palavra, que, imitando o bisturi, a cortes de amor genuíno, aos poucos lhe erradiquem os tumores secularmente enquistados no espírito. Para lidar com a obsessão e com a loucura, o amor sempre poderá mais que todas as técnicas reunidas e que tudo quanto nos ensinam os compêndios médicos mais modernos.

—Quer dizer, Odilon - quis saber outra vez -, que tudo aquilo que vimos no interior da terra é verdade?

—Você ainda não viu nada, Inácio! - respondeu o devotado benfeitor. Os seres dementais Labelius, aquela representação do inferno, os dragões, os corpos ovóides. De tudo, o que mais me custa crer é a existência daquela região infernal, com aqueles espíritos transfigurados no imaginário satanás.

Não obstante, tudo é real. Não nos deparamos no mundo com homens e mulheres adeptos de seitas diabólicas que, ante o terceiro milênio da era cristã, ainda imolam vidas humanas? O que existe na superfície da terra existe no seu interior, e vice-versa. O céu ainda está distante do orbe planetário; a rigor, no hoje estamos mais perto do ontem do que do amanhã. Não faz tanto assim que deixamos o primitivismo das cavernas e o hábito da antropofagia.

—Mas não sei se os nossos irmãos aos quais pretendo escrever acreditarão.

—Se duvidam de Deus, não espere que creiam em você. Coloque-se, Inácio, no lugar deles. Se, tendo vivenciado a recente experiência, você, já algo liberto das ilusões da matéria, vacila em aceitar a realidade, o que poderemos esperar de quem, há milênios, tem acreditado tão-somente no que é capaz de constatar

através dos sentidos de natureza física? Até hoje, os historiadores questionam a respeito da existência de Jesus sobre a terra! O que lhes parece mais absurdo, no entanto, é que possa ter vivido entre os homens, há vinte séculos, um homem da sua estatura espiritual. Não duvidam de Jesus Cristo, mas sim, de suas lições e de seus feitos.

—Fico pensando no que existirá além das estrelas.

—A mente humana é incapaz de conceber isto - observou ele. - Conceber o inferno não é difícil, Inácio, mas o céu. O máximo que conseguimos foi colocar um par de asas nos ombros dos espíritos eleitos. Adiante de nós, no espaço e no tempo, a forma perde o sentido-forma, condição sexual, sinais de identificação, enfim, tudo que represente limite. Em essência, o espírito é uma energia que pulsa; nele, inteligência e emoção se confundem. Habita todo o espaço.

—Quer dizer então que poderia estar aqui agora?

—É claro. As dimensões espirituais se interpenetram; estamos todos aqui, sem que possamos nos ver e nos tocar. Vivemos, espiritualmente, na dimensão especial com a qual sintonizamos.

—É muita coisa.

—E a nossa ignorância ainda maior. Sócrates, o mais sábio dos filósofos, admitiu que nada soubesse.

Na realidade, este foi o primeiro passo dado por ele na conquista do verdadeiro saber.

—Mesmo assim - insisti -, talvez o meu espírito seja motivo de chacotas entre os nossos confrades; muitos contestam até mesmo a existência do umbral, revelado por André Luiz.

—Então, meu caro, semeie e deixe com Deus o crescimento da semente. Fale de você, conte o que viu e esqueça o resto. Não alimente pretensões. A compreensão da verdade é conquista individual; não queira impô-la a ninguém.

DOUTRINA E VIVÊNCIA

Seja como for - disse no diálogo com Odilon, que me estava sendo extremamente positivo -, um dia, gostaria de me reencontrar com Labelius.

—Sem problemas - redargüiu o companheiro que se fizera instrutor de todos nós. - Quando o trabalho por aqui lhe conceder tempo.

—Necessitarei me empenhar no tratamento do nosso irmão, que não sei quando reagirá.

—Quem sabe, dentro de dois ou três anos, providenciemos para ele um novo corpo.

—Quem o receberá na condição de filho?

—Candidatos não faltarão, acredite. Não há ninguém sobre a terra que não esteja necessitando de uma tarefa extra; os corações que mais amam são escolhidos para os encargos que exigem maior sacrifício. Os espíritos a caminho da iluminação definitiva não abrem mão da oportunidade de intensificarem a própria luz.

—Tenho receio de que eles o encontrem outra vez – observei. -

—É possível. Não há quem consiga se ocultar dos compromissos que lhe são afetos; algo imanta o espírito do algoz ao espírito da vítima. Em todo jardim, por melhor cuidado, grassa a tiririca. A função do bem, no entanto, é caminhar com o mal para transformá-lo.

—Quanto tempo durará tal saga? - questionei, sem perder o velho hábito de tudo querer resolver às pressas.

—O aluno que pergunta pelo tempo que lhe falta para concluir os estudos, afoito por deixar o banco escolar, não sabe que a vida é um aprendizado constante. A rigor, Inácio, quando o espírito dispensará a lição?

—Admito que estacione; eu não me reciclava e não acompanhava o avanço da psiquiatria. A partir do meu conhecimento espírita, comecei a me considerar auto-suficiente.

—Não podemos nos bitolar - objetou Odilon. - O espiritismo é uma ciência dinâmica. Precisamos estar atentos a toda e qualquer revelação. A rigor, a doutrina é uma lente que nos amplia a visão da verdade; é, por assim dizer, um esforço de interpretação de tudo quanto se manifesta nas mais diversas áreas do conhecimento.

Neste momento de nossa conversa, fomos interrompidos pela chegada do irmão Paulino Garcia, que, pedindo desculpas, transmitiu a Odilon a notícia de que estávamos sendo visitados por irmão José.

Permitindo que eu o acompanhasse, fomos ao encontro do venerável benfeitor, que esperava por Odilon. Cumprimentando-nos à maneira dos antigos cristãos, irmão José dirigiu-nos a palavra.

—Graças ao senhor, a nossa missão foi coroada de êxito. Não era, como nunca foi nossa intenção afrontar os nossos irmãos que vivem rebelados, cuja liberdade de escolha precisamos respeitar. A intenção do bem não é a de submeter o mal, mas sim, a de convencê-lo a respeito da transitoriedade de tudo que se opõe à ordem natural das coisas. Todavia os nossos companheiros afastados das sendas em que nos redimimos, não esmorecerão em seus propósitos de dominação. Assim, convém que, periodicamente, continuemos a alertar os nossos irmãos de ideal que labutam na seara do cristianismo redivivo. Estamos longe da vitória definitiva.

Carecemos todos os dias, trabalhar o nosso íntimo para que não venhamos a tropeçar nas sombras dos próprios equívocos. O exercício das virtudes esquecidas nos garantirá o equilíbrio na tarefa à qual nos consagramos. O simples hábito de orar, a reflexão, a paciência, a solidariedade, o perdão, a renúncia, o silêncio, as atividades doutrinárias que muitos consideram insignificantes ou menores nas casas espíritas - enfim, o testemunho pessoal da fé no cotidiano, com base em nossa melhoria íntima, deve ser ressaltado entre os companheiros que, por vezes, negam a si mesmos o pão capaz de lhes alimentar o espírito. É, pois, justo que cogitemos de empreendimentos mais amplos no campo da difusão espírita e que nos organizemos na cúpula do movimento, todavia auxiliemos os nossos confrades a não se esquecerem de seus comezinhos deveres, na vivência da mensagem destinada a falar às consciências adormecidas. Quem muito se expõe e não cuida de sua cidadela íntima é mais suscetível à influência das trevas, que, não raro, costumam abatê-lo em pleno vôo.

Fazendo breve intervalo, irmão José rematou:

—Os nossos companheiros de ideal andam excessivamente distraídos de si, olvidando que a doutrina que se dirige aos modernos gentios do mundo é dirigida primordialmente a nós, que somos chamados à pregação do exemplo - do exemplo que nos defenderá contra o fantasma da ilusão de vidas passadas que nos assombra o subconsciente. A teoria espírita é fascinante, mas não podemos nos consentir excessivo raciocínio em detrimento da fé - o objetivo da revelação é o conhecimento para a transformação. Antes, pois, que nos seja um facho resplandecente nas mãos, iluminando caminhos exteriores, que o espiritismo nos clarifique por dentro. Daí a necessidade de, valendo-nos do concurso da mediunidade, sempre alertarmos os que vêem na terceira revelação uma filosofia existencial, mais que uma ética comportamental; se a doutrina espírita não colabora para a melhoria do homem, ela não estará cumprindo com a sua finalidade e o senhor providenciará o seu desaparecimento.

Sem que me oferecesse tempo para qualquer questionamento, o benfeitor, ao despedir-se, falou-me:

—Inácio, meu filho, não esmoreça na luta. Conheço os seus anseios e admiro a sua autenticidade de espírito. Uma tarefa nos torna grandes, não pelo seu tamanho, mas pela maneira com que nos dispomos a cumprir as nossas mais comezinhas obrigações. Deus, que está no sol, igualmente está no grão de areia que o reflete. Se tivermos olhos de ver, a corola de uma flor poderá nos ensinar toda a verdade do universo. Alegre-se e sirva. Se detivesse diante dos percalços da jornada, o humilde filete de água que principia a correr entre as frinchas da rocha não alcançaria o oceano!

Com leve aceno de mão e o sorriso de sempre, irmão José partiu, deixando-me com os olhos repletos de lágrimas. Em poucas palavras, ele me dissera tudo.

—Pois é, Inácio - comentou Odilon, com o propósito de me atenuar à emoção -, não temos como retroceder, sem nos candidatarmos a amargas decepções. Quem conhece o espiritismo não tem mais como ignorar a verdade. Quem se afasta das fileiras espíritas assim não procede por ter se decepcionado com a doutrina, mas pelo receio de empenhar-se em níveis mais profundos. O conhecimento espírita nos inquieta e não nos permite acomodar a consciência. O companheiro de ideal que não realiza não consegue disfarçar o vazio que traz no coração, em conseqüência de sua fé inoperante.

A FILOSOFIA DAS TREVAS

Dona Modesta e Manoel Roberto vieram juntar-se.

—Estava aqui conversando com o nosso Odilon - comentei - a respeito da experiência que vivenciamos em nossa incursão às trevas.

—Sabia Inácio, que você haveria de questionar a autenticidade de tudo - observou a bondosa amiga - custa-nos crer, não é?

—Eu também fico pensando – emendou Manoel Roberto - em tudo quanto presenciamos, se bem que no sanatório, doutor, nos deparávamos com muitas coisas absurdas.

—É verdade, Manoel. Os dramas da obsessão são terríveis, a insanidade. As visões que os doentes descreviam não diferiam muito do que vimos lá embaixo; só não sei como haverá de ser para aqueles espíritos quase todos dominados.

—O progresso é inevitável - disse Odilon -; toda melhora repercute. O mundo espiritual inferior também se sente pressionado e cada vez mais sem espaço. Passando por um processo que poderíamos chamar de decantação moral, a humanidade, como um todo, força o aprimoramento do indivíduo. A evolução é lenta, mas a sua marcha é inexorável. Todo retrocesso é aparente.

—Mas aquelas entidades recalcitrantes ainda reencarnarão no orbe? - perguntei.

—Têm reencarnado incessantemente; por este motivo, a onda de violência que grassa no mundo. O corpo físico tem se aperfeiçoado na forma: homens e mulheres de aparência atraente ocultam espíritos inclinados ao mal.

—De fato - acrescentei -, quantos jovens de bela aparência nas páginas policiais dos periódicos! São espíritos constrangidos à reencarnação pela lei ou, em sua maioria, que nascem com o propósito de usufruir dos prazeres que a vida na matéria lhes pode proporcionar. Inconseqüentes, cometem os maiores absurdos.

—Então, poderemos dizer que as regiões infernais têm se esvaziado? - indagou Manoel Roberto.

—Sim, notadamente ante a mudança de milênio. Muitos estão tendo a sua última oportunidade na terra e, infelizmente, não a estão aproveitando. A falta de espiritualidade tem multiplicado os meios de queda para o espírito que reencarna, pois, quase sempre, ele encontra ambiente propício para a manifestação de suas tendências negativas. Não podemos deixar de ver que, hoje, constitui raridade o jovem que se preocupa com o seu porvir espiritual.

—Também com tantas boates, bares, festas, permissividade, televisão! – aparteou Manoel Roberto.

—Mas o problema se centraliza na família - explicou Odilon. - O lar e a escola têm falhado. Os pais, na maioria, são omissos na educação dos filhos e a escola não tem trabalhado com a formação do caráter. A criança cresce à mercê das circunstâncias.

—No entanto - obtemperei - seria possível algo fazer por essas entidades enquistadas no mal? Há quantos séculos estão assim!

—Se pensarmos, meu caro, por este prisma, cruzaremos os braços e teremos que admitir a impotência do bem ante a força do mal. Nenhum fracasso é definitivo. Toda influência benéfica age sobre o espírito e, somando-se a outras que receba, acaba surtindo efeito.

—A forma humana se impõe por coerção. - respondeu Odilon.

—Como assim? - emendei.

—O corpo espiritual, sem dúvida, é o modelador biológico, entretanto as leis que regem o mundo das formas não se flexibilizam tanto. Algumas mutilações de natureza cármica são admissíveis, todavia todas as aberrações que fogem ao padrão humano são naturalmente contestadas pelo código genético. Se os espíritos pudessem, através da forma, se impor ao corpo de carne, não teríamos uma pessoa sequer idêntica à outra no que tange à aparência. O contraste seria tão evidente, que não teríamos dificuldade alguma para identificar pela análise do corpo a natureza do espírito encarnado.

—Pela sua experiência, Odilon - insisti -, em que condições imagina que Torquemada possa reencarnar?

—Precisamos ter cautela e nada antecipar a respeito - explicou o companheiro.

—Por quê?

—Os seus adversários espirituais desde agora saíram a campo, com o propósito de "rastreá-lo" e tudo farão para reavê-lo. Se conhecermos por antecipação o seu destino ou, por outra, se deliberarmos com muita antecedência a semelhante respeito, eles poderão ter acesso às informações que retemos na mente.

—Isto é um absurdo!

—Nem tanto, Inácio! Os fenômenos de ordem telepática são incontestáveis.

—Mas o inferior pode acessar a mente do superior?

—Em primeiro lugar, não somos superiores e, em segundo, o pensamento é um comprimento de onda que se arremessa no espaço. Técnicos em eletrônica não conseguem, por exemplo, desviar a energia, interceptar a imagem, capturar a luz? Nas trevas, existem mentes mais poderosas que as nossas. A presença do cristo na terra não foi anunciada no mundo espiritual inferior muito antes que ele se corporificasse no planeta? Não tentaram de todas as formas impedir que ele nascesse? Não penetraram na mente de Judas, com estímulos revolucionários e não o tinham como seu representante ao lado do mestre?

—Por este motivo, os nossos algozes de outras vidas sempre nos encontram? - indagou Manoel Roberto.

—Exatamente; por onde passamos, deixamos sinais de nossa presença espiritual. Não apenas as nossas impressões digitais nos caracterizam; as peculiaridades de nosso espírito são inconfundíveis para aqueles que as sabem detectar. As trevas também possuem um eficiente serviço de informação. Não esqueçamos que estamos travando uma batalha; os filósofos do caos e da negação não agem por simples maldade. As mentes que inspiram a luta contra a idéia de Deus no universo não acreditam na existência do criador, apregoando, inclusive, que toda fé religiosa se constitui em entrave à liberdade; querem a vida sem a presença de Deus e o homem vivendo em estado de liberdade natural, com menos razão e mais instinto.

—É uma filosofia tentadora - asseverei -, porquanto a tese da evolução, que a doutrina difunde, é, para estes, uma canseira; reencarnar indefinidamente. Fazem o marketing de um produto que atende os interesses imediatos da criatura encarnada, não é, Inácio?

—Não apenas da criatura encarnada.

—E veja que estamos em plena realidade espiritual, com perfeito conhecimento de causa. O que não sobra para os nossos irmãos imersos nas ilusões da matéria?

—Se não fosse por Jesus Cristo. Por este motivo, as trevas não cessam de combatê-lo através daqueles que o servem no mundo.

MEDIUNIDADE NO ALÉM

Manoel Roberto se afastara com Odilon, ao passo que Dona Modesta permanecera conversando comigo.
—Como é Inácio, saudades do sanatório?
—Ultimamente, sim - respondi. - Não são saudades propriamente do sanatório e nem - confesso -dos companheiros que, conforme sabemos, têm se renovado. Do pessoal da velha guarda quase ninguém sobrou. Tudo, por lá, tem passado por um processo de renovação - não sei se para melhor ou para pior. As saudades que sinto são as do nosso antigo campo de atividades doutrinárias; tivemos uma grande oportunidade e falando mais particularmente de mim, poderia ter realizado mais.
—Todos nós, poderíamos ter feito muito mais - concordou ela. - As ilusões da matéria nos pesam em excesso. Por vezes, passava-me pela cabeça a idéia de que eu estava fazendo muito. Creio que se tratava de mais um ardil das trevas. A obsessão não exercida de maneira declarada: sutilmente, os pensamentos dos nossos adversários nos influenciam.
—E como nos influenciam! - emendei. - E a longas distâncias!
—O servidor espírita na terra, além de lutar contra o preconceito religioso e as mazelas que lhes dizem respeito, ainda se vê às voltas com a oposição do mundo espiritual inferior, que o pressiona psiquicamente - comentou a devotada irmã, que, de fato, se desdobrara para perseverar no exercício da mediunidade com Jesus.
Efetuando pequena pausa, ela perguntou-me:
—Você gostaria de voltar ao sanatório?
—Sim e não - falei com convicção. - Gostaria de levar uma palavra de ânimo aos confrades, mas, por outra, sinto que preciso esquecer. Não posso mais, agora, viver em função do sanatório; o meu espírito anseia por novos caminhos. Tenho uma tarefa estafante pela frente.
—Torquemada?
—Sim. Odilon, traduzindo o pensamento de irmão José, me disse que a recuperação do infeliz irmão me estará confiada. Não sei nem por onde começar; não seria justo fazê-lo renascer dos mesmos pais - o organismo frágil de Mariana não suportaria mais uma gestação difícil e, depois,
Tomás renascerá com problemas físicos e psíquicos evidentes. Ao que imagino, necessitará de, pelo menos, mais uma ou duas existências no corpo, para que volte a pensar com maior lucidez - existências, evidentemente, não muito longas; ele não terá condições de, em nenhuma delas, atingir os vinte de idade. Serão reencarnações que, sobretudo, tentarão distanciá-lo ainda mais, no tempo, das reminiscências do passado. Necessitaremos de uma trégua dos que se lhe opõem ao espírito que, por sua vez, dificilmente renascerão.
—Segundo informações recentes - esclareceu a amiga -, o império do grande dragão está abalado; vários grupos isolados têm conspirado contra ele.
—Aquele é um outro padre que nos dará muito trabalho - comentei. - Só espero que não sobre para nós. Alguém assumirá o poder e prosseguirá com a obra de devastação das trevas. Enquanto o homem não se renovar em seu íntimo, o interior da terra não se expungirá das entidades espirituais que o atormentam.
—E que não habitam apenas as cavernas do subsolo.
—Claro que não; o círculo das trevas se estende, em verdadeiro cinturão, por todo o espaço que circunda o planeta. Por enquanto, nada.
—Nem lhe transmitiu um passe?
—Você sabe que eu nunca fui muito de rezar, Modesta.
—Deu-lhe um abraço?
—Tenho receio de me aproximar muito; para mim, ele ainda não deixou de ser um inquisidor.
—Se você continuar a olhá-lo assim, será difícil.
—A inquisição não apenas matou muita gente na fogueira, eclipsou milhares de almas, e a igreja, durante séculos, foi o quartel geral das trevas; a inquisição atrasou o progresso da humanidade em todas as áreas. Devemos mais particularmente a ela a cisão entre ciência e fé.
—Inácio, deixemos o estudo das causas para os especialistas da inquisição.
—Mas a igreja pressiona e a verdade não surge.
—Afinal, você tem falado ao espírito Torquemada? - insistiu.

—Tudo está muito recente. - respondi. - Tenho ido vê-lo com freqüência, mas ele não abre os olhos; aliás, ele não tem olhos. Dirijo-lhe algumas palavras, mas também não sei se ele consegue registrá-las; de seu corpo, distingo apenas a cabeça, o tronco e os membros - ele se transformou numa massa disforme.
—Irei com você vê-lo, está bem?
O que me estava reservado naquela visita ao meu paciente, eu seria incapaz de prever.
Animado por Dona modesta, voltei ao quarto onde o espírito do ex-inquisidor jazia imóvel, sobre uma cama, parecendo dormir um sono profundo e, com certeza, povoado de pesadelos.
Durante alguns minutos, ficamos na contemplação do quadro que começava a me inspirar piedade, sentimento que, sinceramente, há muito não se manifestava em mim; a convivência com os doentes no sanatório, por mais de cinco décadas, como que me automatizara as emoções.
—Inácio, vamos lhe dar um passe? - convidou-me a irmã, pegando-me pela mão e aproximando-me do leito.
—Então, faça você à prece - solicitei.
Médium de excelentes recursos, após a rápida transfusão de energias em favor de Torquemada, no que, felizmente, pude assessorá-la, estendendo as mãos sobre o enfermo, ela fez pairar a destra sobre aquela fronte edemaciada e, habituado que estava ao fenômeno, percebi que ela caiu em transe. Por alguns segundos, a médium não conseguiu captar mais que gemidos entrecortados de soluços. Eu não percebera, mas, adentrando o quarto em silêncio, Odilon e Manoel Roberto haviam retornado com Paulino Garcia, a observarem o desfecho daquela reunião mediúnica inusitada.
Súbito, uma voz rouquenha, expressando-se em castelhano, que pudemos entender e que assim reproduzo, começou a falar através dos lábios quase cerrados de Dona Modesta:
—Misericórdia! Misericórdia! Valham-me, por Maria Santíssima! Deixem-me sair. Onde estou, onde estou? Por que não vejo nada e a ninguém escuto? Por ventura, arrancaram-me os olhos? Há quanto tempo estou assim? Arrependo-me do que fiz; extrapolei as minhas funções. Meu propósito era defender dos hereges a igreja e contra as seitas diabólicas que pretendiam dominá-la, dos homens sem fé e da degradação moral que invadira os conventos. Fui levado a cometer uma sucessão de crimes e não havia como retroceder.
Como eu hesitasse por instantes em responder, o espírito clamou debulhado em lágrimas, sacolejando o enorme corpo amorfo na cama:
—Piedade! Piedade! Se alguém me escuta, valha-me! Sonho ou delírio? Estarei completamente louco ou, em muitos anos, disponho de alguns minutos de lucidez? Sinto que não estou mais naquela gaiola, todavia não ouso sair do lugar em que me escondo, nas reentrâncias de mim mesmo.

VENCENDO BARREIRAS

—Acalme-se, meu irmão! – consegui dizer, por fim. - A misericórdia divina não nos desampara. Você não está delirando. Estamos aqui para auxiliá-lo.
—Quem é você? - indagou ainda em castelhano, deixando-me surpreso. - quem é você, que não me molesta? A sua voz não me é de todo estranha.
Importa explicar que Dona Modesta, ao meu lado, se transfigurara extraordinariamente; era como se, através do transe mediúnico, o espírito Torquemada tivesse deixado o veículo disforme e retomasse, incorporando-se, os traços fisionômicos de outrora. Evidentemente que eu não o conhecera a não ser através das próprias enciclopédias nas quais artistas diversos tentaram retratá-lo, mas aquelas feições seriam inconfundíveis: aquele rosto encovado, profundas olheiras, físico avantajado.
—Sou apenas um companheiro - respondi. - Não importa a minha identidade.
—O que está havendo? Explique-me. Sinto que o pensamento me escapa. Sou um monstro ou um ser humano? Fiz realmente tudo aquilo? Eu não posso crer. Que forças me dominaram e me fizeram agir?
—Tudo passou.
—Não, não passou; não tem passado nunca. Tenho a impressão de que não durmo há séculos. Em minhas visões, há uma serpente se arrastando na direção de um berço, para devorar uma criança, que sou eu. Inácio, quem é Inácio? Lembro-me dele vagamente.
Ouvindo Torquemada pronunciar meu nome, digo-lhes que experimentei um choque ao longo de todo o meu organismo espiritual. Resolvi, no entanto, declarar-me.
—Inácio sou eu, meu irmão.
—Eu sabia; reconheceria a sua voz entre milhares de outras. Você foi dos poucos que usaram de sinceridade para comigo. Lembro-me de um hospital...
—Onde eu trabalhava; um hospital espírita.

—De um jovem de nome Paulinho, de uma linda menina chamada Mariana e mais nada. De que altura foi que caí? Vi-me sem forças, de repente, ninguém mais me obedecia. Você é um hipnotizador? Eu estava conversando com você, conversei algumas vezes e fui adormecendo. O que você fez comigo?
—Você reencarnou - disse-lhe com clareza. - nasceu no corpo de uma criança doente, filho de Paulinho e Mariana.
—Reencarnei?! Não, você não está falando a verdade. Eu não me recordo de nada!
—Os seus antigos parceiros estão em seu encalço. Fomos buscá-lo onde você estava preso. Os dragões...
—Não, por favor, não me fale neles! Padeci sozinho o sofrimento que impus a milhares de pessoas! Isto tudo é loucura, não é verdade! Diga-me que não é verdade. Ah, como eu anelaria desaparecer para sempre! Por que Deus criou um ser tão abjeto quanto eu? Estarei, para sempre, predestinado ao mal? Se assim for, Inácio, por favor, aniquile-me o espírito. Estou exausto; não suporto mais a idéia de ainda fazer alguém sofrer. Respiro apenas cheiro de carne queimada e ouço, sem pausa, as blasfêmias e as pragas achacadas contra mim dos que condenei à fogueira.
—Você viverá. Não existe morte. A bondade divina lhe concederá um novo refúgio.
—Serei uma pessoa normal? Quando? Eu não quero mais a igreja; quero me afastar de tudo que me faça lembrar de mim, do que fui, do que fiz. Quebrem todos os santos de barro, lavem os porões das igrejas, aquelas câmaras de tortura, e iluminem tudo.
—Você ainda será um homem comum. Quem sabe, um humilde varredor de ruas, um catador de papel, um vendedor de laranjas ou um criador de gatos, como eu.
Os pensamentos de Torquemada oscilavam. Ao mesmo tempo em que se exteriorizava com lucidez, demonstrava perturbação. De repente, com voz infantil, começou a entoar desconhecida canção que mal traduzo:
"Sou de Jesus,
Servirei à igreja.
Sou de Jesus, que me deseja.
Vou para o céu.
Um anjo serei.
Sou de Jesus,
Que sempre amarei!"
Essa melodia, que Torquemada, quando pequeno Tomás, deve ter aprendido dos lábios de sua genitora, me fez chorar.
Agindo com espontaneidade, dei alguns passos na direção do leito onde o corpo espiritual do ex-inquisidor jazia e, não contendo o impulso que de mim se apossou, o abracei e depositei fraternal ósculo na fronte.
A médium saíra do transe. Odilon e Manoel Roberto aproximaram-se e providenciaram o seu refazimento.
Dos lugares onde se delineavam as órbitas de Torquemada, naquela face desfigurada, duas lágrimas rolaram.
—Parabéns, Inácio! - cumprimentou-me Odilon. - Você alcançou uma grande vitória!
—Aliás, Odilon - retruquei -, as minhas maiores vitórias depois da morte têm sido os meus fracassos pessoais.
Quando retomou a lucidez, Dona Modesta me disse:
—Inácio, você me perdoe. Eu não sei como isso foi acontecer.
—Médium é assim mesmo - brinquei, procurando descontrair.
Quando os amigos se retiraram e me deixaram a sós, larguei-me numa poltrona e, em silêncio, passei a observar o espírito sob os meus cuidados. Onde ele estaria naquele momento? Em que universo íntimo se ocultaria? Meu Deus, como a mente humana é complexa! De fato, nada sabemos de nós. Existem reações que não controlamos. Como aquela criança prometida a Jesus por seus pais se transformara num dos maiores criminosos da história? Sem o amor, estaríamos perdidos e, sem a esperança das existências sucessivas, a vida seria um malogro. Todos somos doentes e carecemos de complacência. Não importa o tamanho do crime cometido, o seu autor se redimirá e, um dia, chegará a Francisco de Assis ou a Teresa d'ávila.
Quando a noite caiu, deixei o quarto em que Torquemada descansava, preparando-se para novos embates no corpo, no anseio de ser uma criatura comum e saudável. Pensei nos anônimos da terra, naqueles personagens que sempre me interceptavam os passos, quando, raramente, caminhava pelas ruas de Uberaba, e me estendiam as mãos solicitando uma moeda; naqueles que iam cuidar do jardim da minha casa, lavar o meu carro, desentupir o esgoto; naqueles que pediam pouso no sanatório, um prato de comida; naqueles que via dormindo ao relento, com o chão forrado de jornais. Que destino estariam eles cumprindo no mundo? Que espíritos se esconderiam em seus corpos? Certamente, quase todos eles estariam tentando algo esquecer. Bendita a amnésia que nos acomete temporariamente na vida material e nos enseja a bênção da renovação!

DESPEDIDAS

Um pouco mais de três meses se passaram, nos quais me desdobrei ao lado de Tomás, na tentativa de auxiliá-lo. Apesar de tudo, as melhoras obtidas foram diminutas. Ensimesmado, ele quase não se manifestava, embora, à minha presença no quarto, eu registrasse as suas vibrações de simpatia em seu crescente apego a mim. De fato, de combativo espírita que fora e declarado adversário da igreja, eu me transformara em guardião de um ex-inquisidor, um dos espíritos mais terríveis de todos os tempos.
Minha estreita convivência com Torquemada, ao longo daquele tempo, muito me havia ensinado; a lei divina não tem pressa e espera, com paciência, que o espírito se redima; não importam as circunstâncias da queda e o significado social de quem haja cometido um deslize, nem o seu nome, nem sua época: não existem favorecimentos ilícitos; para o criador, todas as criaturas são especiais e particularmente amadas. Deus nos ama tanto, que não nos sonega a oportunidade da corrigenda; todo erro cometido, praticamente, se faz acompanhar da necessidade imediata de repará-lo.
Tomás de Torquemada havia desaparecido; o personagem que o seu espírito animara não passara de apenas um nome nas páginas enciclopédicas, páginas amarelecidas que as traças fariam o obséquio de destruir. Os homens piedosos dele haveriam de se lembrar com uma oração e os que, porventura, continuassem resistindo em perdoar-lhe arcariam, por sua vez, com as conseqüências de sua falta de compreensão; todo ódio, quando se prolonga, extrapola, inclusive, a intenção de odiar. São muitos os espíritos enfermos que recalcitram no mal, devido à indiferença a que se entregam. A prática do bem é uma construção, e toda construção, para que se viabilize, exige constantes esforços.
Quando se aproximava o momento de ser reconduzido ao corpo, Odilon me visitou e me disse:
—Inácio, a sua tarefa inicial está concluída. Necessitamos de confiar o espírito de nosso irmão a outros companheiros que se encarregarão de localizá-lo no corpo físico, em nova oportunidade de reajuste.
—Mas como?! - indaguei surpreso. – Não poderei participar do seu processo reencarnatório?
Talvez eu tivesse me apegado excessivamente a Tomás. Não me lembro da minha última experiência na reencarnação que eu tivesse sido pai ou mãe. Sem perceber, passara a considerar o ex-filho de Paulinho e Mariana, que haviam sido meus "compadres", na condição de meu próprio filho. Sempre me considerei um espírito carente e, a rigor, não tivera ninguém; apenas alguns amores tão passageiros como chuva de verão.
—Poderá Inácio - respondeu-me Odilon -, mas não agora; mais tarde, você poderá reencontrá-lo. Irmão José considera que precisamos ignorar o futuro paradeiro do espírito do nosso irmão no corpo. Por enquanto, nada saberemos de seu sexo ou de sua nacionalidade. Carecemos de evitar especulações. Quando certos espíritos devem renascer em completo anonimato, entidades domiciliadas em outros planos são chamadas a cuidar do seu encaminhamento a terra, e isto tanto acontece com aqueles que reencarnam para breve refazimento de suas lutas na história; espíritos que, evidentemente, sempre se destacaram pela sua condição de liderança, quanto com os que necessitam se distanciar de perseguidores implacáveis.
—Quanto tempo ficarei sem vê-lo? - perguntei, entristecido.
—Não podemos precisar; tudo irá depender da forma como as coisas caminharão. O nosso irmão, espiritualmente, está exaurido e caso caísse novamente em poder de seus desafetos...
—O que aconteceria?
—Com certeza, Inácio, nem nós poderíamos vê-lo.
Fazendo pequena pausa, Odilon acrescentou:
—Despeça-se dele. Amanhã, os emissários encarregados virão buscá-lo.
—De uns tempos para cá - retruquei -, tudo a que me apego me é subtraído. Eu não sei o que Deus está querendo de mim.
—Talvez ele não esteja querendo dividi-lo, Inácio - observou o amigo com um sorriso.
—Ele se divide com todos, mas com relação a nós...
—Quer-nos por inteiro - completou Odilon.
No outro dia, antes que o sol raiasse e tudo dominasse com o seu mágico pincel, três emissários chegaram com orientação para conduzir Tomás à região espiritual ignorada por mim. Eu não os reconheci e nem poderia, pois os três não possuíam traços fisionômicos definidos.
Um deles, o que os liderava, adiantando-se, disse-me com terna inflexão de voz:
—Não se preocupe; nosso pai cuidará dele.
Percebi que concediam alguns minutos de despedida e aguardavam o meu consentimento para que o meu afilhado espiritual se lhes transferisse à tutela.

Com lágrimas que, sinceramente, não contive, aproximei-me do leito e me abracei a Tomás de Torquemada, o terrível inquisidor de outrora, o homem que clareara as noites da idade média com as milhares de fogueiras que acendeu.

—Deus o abençoe, meu filho! - disse com voz embargada. - estaremos juntos!

Com discreto sinal de cabeça, anui a que as três entidades se aproximassem e o recolhessem. Sustendo-o, não sei como, em seus braços, que se alongaram na direção do leito e envolvendo-o em suas túnicas luminescentes que o isolaram completamente, passaram com lentidão próximo a mim e me deixaram, antes que tomassem rumo ignorado, ver-lhe a face uma derradeira vez.

Da região de suas órbitas oculares, Tomás também derramava lágrimas. Compreendi, então, que o seu espírito guardava relativa consciência de tudo e pressentia a chegada das provas nas quais se reestruturaria psicologicamente.

Num átimo, as entidades desapareceram num ponto qualquer do infinito, sendo que, a certa altura, cada uma delas seguiu em direção oposta à outra, sem que se pudesse precisar com qual Tomás havia ficado.

Eu ainda tentava enxugar as lágrimas que teimavam em me continuar escorrendo dos olhos, quando Dona Modesta e Manoel Roberto vieram ao meu encontro.

—Vocês já estão sabendo, não é? - questionei a custo, esforçando-me para ser o Inácio que nunca gostava que o vissem chorando.

—Sabemos - respondeu Manoel.

—E o que vocês acham disto tudo? - perguntei, mas - confesso - sem o menor interesse pela resposta.

Desconversando, como quem me conhecesse talvez melhor do que eu me conhecia, Dona Modesta convidou:

—Inácio, vamos a terra.

—Hoje?

—Agora! Eu, você e o Manoel Roberto.

—Onde, especificamente?

—Ao sanatório.

—De novo?

—Por que não? Depois de tamanha peleja por aqui, os problemas que os nossos confrades estão enfrentando por lá são recreio de escola!

—Só mesmo você, Modesta, para ter o dom de me levantar o ânimo quando estou para baixar. Vamos, sim - concordei. - Vamos lá, observar um pouco as traquinagens daqueles crescidos garotos que não se cansam de brincar de esconde-esconde.

Fim

http://livroespirita.4shared.com/